



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Biociência  
CAMPUS DE RIO CLARO



---

PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

---

VALTER ANTONIO LOURENÇÃO

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS COM  
MULHERES APRISIONADAS

Rio Claro - SP

2013

VALTER ANTONIO LOURENÇÃO

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS  
COM MULHERES APRISIONADAS

Trabalho de Dissertação apresentado  
ao Instituto de Biociências da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio  
de Mesquita Filho” Rio Claro, como  
requisito para Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria  
Augusta Hermengarda Wurthmann  
Ribeiro.

Rio Claro

2013

418.4 Lourenção, Valter  
L892r Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com mulheres aprisionadas / Valter Lourenção. - Rio Claro, 2013  
191 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots. + 01 fita de vídeo

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Maria Augusta Hermengarda Whurthmann Ribeiro

1. Leitura. 2. Prisão. 3. Textos literários. 4. Experiência de leitura. 5. Assis, Machado. I. Título.

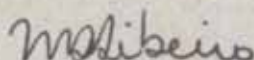
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO:** RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE CONTOS MACHADIANOS COM MULHERES APRISIONADAS

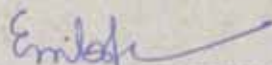
**AUTOR:** VALTER ANTONIO LOURENÇÃO

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. MARIA AUGUSTA HERMENGARDA WURTHMANN RIBEIRO

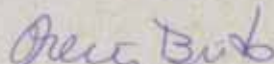
Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO , pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA AUGUSTA HERMENGARDA WURTHMANN RIBEIRO  
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro



Profa. Dra. ELENICE MARIA CAMMAROSANO ONOFRE  
Universidade Federal de São Carlos



Profa. Dra. ARLETE DE JESUS BRITO  
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Data da realização: 29 de agosto de 2013.

Dedico este trabalho acadêmico a  
minha mãe Ilda da Silva e meu  
companheiro de vida João Carlos  
Ribeiro.

## Agradecimentos

Ao meu Deus por conceder-me forças para concluir esta etapa de vida.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Augusta Hermengarda W. Ribeiro pela paciência e dedicação para com o meu trabalho.

A Ação Educacional Claretiana, instituição de ensino em que trabalho por me conceder a oportunidade de estudar e concluir o mestrado.

Ao Padre Brás Lorenzetti e Osvaldo Celotti, amigos especiais que navegaram comigo na concretização do meu sonho.

As reeducandas participantes da pesquisa, minhas meninas, sem elas nada disso seria possível.

Aos grandes amigos Marcos Sérgio Tertuliano Lopes, Danilo Ciriaco e Leonardo dos Santos pela colaboração incansável na produção da pesquisa.

A minha amiga e irmã de trajetória na Pós Graduação Terezinha Vinha por emprestar os ouvidos e me aconselhar com sabedoria em minhas aflições.

As professoras Dr.<sup>a</sup> Arlete de Jesus Brito e Dr.<sup>a</sup> Elenice Maria Cammarosano Onofre por suas valiosas contribuições na construção desta pesquisa.

As professoras Doutoradas do Departamento de Educação da UNESP Laura Noemi Chalh e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo ao ensinar-me a procurar pelo caminho do mestre ignorante.

A Marisa, Andréia e Sueli as amigas do departamento de Educação da UNESP, pelo carinho que sempre me demonstraram.

## Resumo

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com mulheres encarceradas e a leitura de textos literários, com a proposta de propiciar a elas, pela experiência de leitura, a possibilidade de ampliar a sua visão de mundo, colaborando assim, com a construção de seu projeto de vida. Os contos lidos com as reeducandas foram - *Idéias de Canário*, *A Agulha e a Linha*, *A Igreja do Diabo*, todos escritos por Machado de Assis. Durante a triangulação das metodologias, os relatos orais, anotados em diário de campo, e os relatos por escrito, entregues ao final das atividades de leitura, aliados ao questionário e a leitura encenada do conto *A Agulha e a Linha*, possibilitaram caracterizar e conhecer um pouco de cada participante e o seu pensamento sobre a leitura, compreendendo a maior ou menor compreensão dos contos com a sua leitura de mundo.

Palavras chaves: Experiência de leitura. Prisão. Textos literários. Mulheres. Machado de Assis.

## Abstract

This dissertation presents the results of a survey conducted with incarcerated women and the reading of literary texts, with the proposal to provide them, by reading experience the possibility to expand their vision of the world and facilitate their return to the social environment. The tales read with the inmates were "*Idéias de Canário*" (*A Canarys Ideas*), "*A agulha e a linha*" (*The Needle and the Threat*), "*A igreja do diabo*". (*The Devil's Church*) all written by Machado de Assis. Different methodologies were adopted as for instance oral reports later recorded in a field journal, and these written reports delivered at the end of the reading activities, combined with a questionnaire and the reading of the staged tale "*A agulha e a linha*", made it possible to characterize and get better acquainted to each participant as well as their thinking towards reading and its understanding thus the understanding of the world.

Keywords: Reading Experience. Prison. Literary texts. Women. Machado de Assis



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma de atividades das sessões de leitura.....	25
Quadro 2 - Cronograma de leitura encenada.....	27
Quadro 3 - Livros da biblioteca do CRF.....	34
Quadro 4 - Livros retirados de janeiro até agosto de 2011 no CRF.....	35
Quadro 5 - Faixa etária das participantes.....	37
Quadro 6 - Estado civil das participantes.....	38
Quadro 7 - Têm filhos?.....	39
Quadro 8 - Motivo da prisão.....	40
Quadro 9 - Tempo de prisão.....	41
Quadro 10 - Tempo de prisão a cumprir.....	41
Quadro 11 - Recebe visitas.....	42
Quadro 12 – Escolaridade.....	43
Quadro 13 - Estuda?.....	44
Quadro 14 - Tem costume de ler?.....	45
Quadro 15 - Duas obras que mais gostou de ler.....	46
Quadro 16 - Assiste às novelas?.....	47
Quadro 17 - Perfil participante I.....	50
Quadro 18 - Perfil participante II.....	55
Quadro 19 - Perfil participante III.....	63
Quadro 20 - Perfil participante IV.....	69
Quadro 21 - Perfil participante V.....	75
Quadro 22 - Perfil participante VI.....	81
Quadro 23 - Perfil participante VII.....	86
Quadro 24 - Perfil participante VIII.....	93
Quadro 25 - Perfil participante IX.....	98
Quadro 26 - Perfil participante X.....	105

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1 METODOLOGIA.....	17
1.1 Do Projeto.....	17
1.2 Questionário.....	21
1.3 Relatos orais e relatos por escrito.....	22
1.4 Leitura encenada.....	26
1.5 Composição dos resultados.....	28
2 CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO FEMININO DE RIO CLARO.....	30
3 RESULTADOS.....	35
3.1 Questionário.....	36
3.2 Triangulação de resultados: Questionário, Relatos Oraís e por escrito e leitura Encenada.....	48
3.2.1 Relatos de Experiências de leitura - Participante I.....	50
3.2.2 Relatos de Experiências de leitura - Participante II.....	55
3.2.3 Relatos de Experiência de Leitura - Participante III.....	63
3.2.4 Relatos de Experiências de Leitura - Participante IV.....	69
3.2.5 Relatos de Experiências de Leitura - Participante V.....	75
3.2.6 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VI.....	81
3.2.7 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VII.....	86
3.2.8 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VIII.....	93
3.2.9 Relatos de Experiências de Leitura - Participante IX.....	98
3.2.10 Relatos de Experiência de Leitura - Participante X.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXO A - REDAÇÕES CONTO IDÉIAS DE CANÁRIO.....	120
ANEXO B - REDAÇÕES DO CONTO A AGULHA E A LINHA.....	130
ANEXO C - REDAÇÕES DO CONTO A IGREJA DO DIABO.....	139
ANEXO D - CONTO IDÉIAS DE CANÁRIO.....	146
ANEXO E - A AGULHA E A LINHA.....	152
ANEXO F - A IGREJA DO DIABO.....	155
ANEXO G - JORNAL CULTURAL DO CRF DE RIO CLARO.....	160

APÊNDICES.....162

## INTRODUÇÃO

A minha trajetória no ambiente carcerário iniciou-se no ano de 2007 ao ser convidado a participar de um projeto que tinha como objetivo promover o diálogo com os apenados dos CRs (Centros de Ressocialização) masculino e feminino na cidade de Rio Claro. O projeto consistia em levar profissionais de áreas diversas do conhecimento para realizarem palestras e falarem um pouco sobre suas respectivas áreas.

Comecei fazendo palestras sobre a importância da comunicação dentro do nosso mundo moderno, logo, fui convidado pela diretora do CRF (Centro de Ressocialização Feminino) para colaborar com as reeducandas na intenção de organizarem um espetáculo cultural e apresentá-lo no aniversário da unidade prisional (26 de junho). Foi a partir deste momento que comecei a ter um maior contato com as reeducandas e a participar ativamente das atividades culturais que esta unidade realizava.

As atividades culturais eram compostas por um tema central que norteava as apresentações com declamações de poesias, encenação de pequenas peças teatrais, dança gospel e canto. Esses eventos eram presenciados por pessoas que faziam parte da sociedade local e desejavam conhecer mais de perto o que era um Centro de Ressocialização. Era significativo para elas serem vistas e aplaudidas por pequenos empresários, autoridades da cidade (prefeito, delegados, juízes, vereadores), alguns professores e líderes religiosos. Participar dessas atividades lhes passava uma sensação de importância e de pertencimento à sociedade, era uma forma de se sentirem valorizadas.

Foi por meio dessas experiências que passei a me interessar pela educação na prisão levando-me a pós - graduação da UNESP de Rio Claro, departamento de Educação em uma linha de pesquisa em que se estuda Linguagem - Experiência - Memória - Formação.

As disciplinas do programa e suas respectivas leituras e discussões me transmitiram um conhecimento mais aprofundado sobre a importância de ser um bom leitor de mundo e também da palavra.

Aprendi que ler representa muita mais que interpretar textos escritos no

papel, antes, relaciona-se também com a nossa maneira de ver o mundo em que vivemos.

Compreendi que a leitura pode ser da palavra ou de mundo, e embora a “leitura de mundo preceda a leitura da palavra” (FREIRE, 1992, p. 20) os livros são importantes para municiar a nossa visão de mundo.

Estudei o filósofo Jorge Larrosa que propõe a ideia de que a experiência de leitura pode conduzir a formação do indivíduo leitor, contudo, para que isso ocorra, a leitura precisa ser “(...) aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa.” (2002, p. 135).

A ideia do filósofo sobre a leitura fez-me pensar em uma pesquisa com aquelas mulheres com quem trabalhei alguns anos dentro do CRF. Esta relação que estabeleci entre a ideia do filósofo e as reeducandas do CRF me levou a uma pergunta que norteou a minha pesquisa: pode a prática social educativa da experiência de leitura de textos literários ser um dos caminhos para conduzir as reeducandas a ampliar a sua compreensão de mundo?

Na busca de uma resposta para esta pergunta encontrei no conto um aliado para acender nas reeducandas a vontade de mergulharem com ele no mundo das palavras, para contemplá-las e propiciar as apenas, o exercício de preencher os poros do texto lido, com novos significados, novas maneiras de ver a vida; reconhecendo na narrativa a sua imagem, como se estivessem olhando em um espelho, enxergando com uma visão ampla a sua vida, possibilitando escolher qual o caminho que terá que trilhar para reconstruir seu projeto de vida.

A escolha do conto se relaciona com o processo de humanização que o texto literário carrega em seu escopo. Esta função humanizadora trazida pela literatura recorda-me do antigo mundo grego, no qual o grande filósofo Platão considerava os poetas (literatura da época) um perigo àquele mundo. Isso acontecia porque Platão encarava a literatura (poesia) como tendo a capacidade de “incitar a insatisfação do ser humano com a sua condição” (MORAES, 2011, p. 4), sendo isso prejudicial para organização do mundo grego, pela razão de não se admitir que fossem questionadas as regras que dele faziam parte.

Cândido (1998) reafirma a condição do texto literário de fazer com que as

peessoas envolvidas em sua leitura pensem e questionem o mundo que vivem, sendo assim, é considerada como “(...) um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.” (CÂNDIDO, 1998, p.186)

Essa é uma característica da literatura apreciada junto às mulheres encarceradas: a reflexão sobre sua situação e a não aceitação passiva dela, levando-as a buscar novos caminhos que poderão conduzi-las à reconstrução de seu projeto de vida. Elas podem incorporar as novidades do texto literário à sua visão de mundo, e com isso ampliá-la, passando de leitoras a coautoras.

A literatura carrega em seu cerne a atividade humana e esse espírito de humanidade não tem um sentido único, sempre existe uma verdade para ser encontrada pelo leitor, que sempre se atualiza a cada leitura. Por esta razão, a cada nova leitura (reescritura) da obra literária por vários leitores, em tempos diferentes, novas ideologias sociais são impostas, novos sentidos e juízos de valor são atribuídos e a literatura caminha sempre rodeada por novos e velhos conceitos e definições. (ZAFALON, 2010, p. 2)

A literatura tem raízes na realidade, portanto, representa o mundo de onde é extraída. Cândido (1998) reforça que assim como o equilíbrio mental de cada pessoa depende do sonho no sono, a estabilidade de uma sociedade depende da literatura. Para essas mulheres que têm a liberdade tolhida e precisam viver na solidão de uma prisão, o texto literário pode significar a possibilidade de quebrar as correntes da mente e fugirem para além das grades, ampliarem o seu mundo e com isso enxergarem a realidade lá fora em uma perspectiva difícil, mas esperançosa. Esta atitude vem ao encontro da ideia de que a “literatura é o sonho acordado das civilizações”. (CÂNDIDO, 1998, p. 175)

Os contos escolhidos foram *Idéias de Canário*, *A Agulha e a Linha* e *A Igreja do Diabo*, de autoria de Machado de Assis, caracterizado como um profundo conhecedor da alma humana.

Foi neste ambiente carcerário que se desenvolveu esta investigação, sob a perspectiva de Pesquisa Ação, por que estamos associando a “(...)

pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática” (ENGEL, 2000, p. 182).

O percurso metodológico adotado nesta pesquisa ação é o da experiência de leitura preconizado por Larrosa (2002).

A justificativa deste estudo pauta-se no aumento da produção acadêmica de conhecimento sobre a experiência de leitura dentro de um Centro de Ressocialização Feminino (CRF), e assenta-se também na possibilidade de propiciar às reeducandas a experiência de leitura, como um caminho para o desenvolvimento de sua compreensão de mundo. Muito embora exista uma barreira que separa a prisão da escola, elas precisam encontrar um ponto de intersecção que se localize entre a rigidez da prisão com suas normas mantidas pela punição e a escola que se embasa no conhecimento produzido e internalizado, como uma maneira de reintegrar os apenados à sociedade. (ONOFRE, 2012) A prisão não está conseguindo comportar a gama de pessoas que a ela são entregues, desta forma, se constitui em um órgão falho e obsoleto, por esta razão, as mais diversas Instituições, entre elas a Universidade, apostam em alguns projetos ligados a leitura e escrita, como uma forma de incentivar os apenados a pensarem e construírem o seu novo plano de vida. Além disso, esses projetos intencionam abrir novos caminhos para que o encarcerado possa expressar-se, valorizando-o e ouvindo-o.

Um dos projetos que iremos mencionar aqui se chama Abraço Sem Medo: Leitura e Cidadania, desenvolvido em parceria pela Universidade Estadual do Oeste e a Penitenciária Industrial, na cidade de Cascavel, no Paraná. Ele consiste no desenvolvimento de atividades como a leitura e a escrita como ferramentas culturais de construção da cidadania. A leitura é trabalhada com diferentes gêneros e sempre acompanhada de uma discussão em grupo, entre os apenados e a equipe do projeto. Os apenados são incentivados a escreverem os seus próprios textos, que poderão ser transformados em roteiros cênicos e, após uma seleção, fazerem parte de um livro que estará sendo lançado. Esta valorização do apenado é essencial para que ele possa se recuperar e retomar sua vida fora da prisão.

O projeto O Direito de Olhar é realizado entre a população carcerária

feminina de São Paulo e idealizado pelo IDDD (Instituto de Defesa do Direito de Defesa), que é uma Instituição da Sociedade Civil sem fins lucrativos, formada por advogados dedicados pela causa do direito da defesa.

O conteúdo deste projeto consiste na realização de um concurso na modalidade de contos, desenhos e fotografias do qual as apenadas de diversas unidades prisionais de São Paulo participaram. A escolha dos trabalhos foi feita por um júri composto de personalidades da sociedade que escolheriam, em cada modalidade, trabalhos que comporiam o conteúdo deste.

Esse livro iria revelar as vozes de muitas mulheres gritando seus dilemas, dores, alegrias (bem poucas) e expressando a ressignificação do mundo pelas palavras, desenhos e fotos. O livro foi patrocinado pela Petrobrás e lançado no ano de 2009, organizado pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD).

O projeto cultural denominado Letras de Vida: Escritas de Si surgiu de uma parceria entre a Universidade Sudoeste da Bahia e a Fundação Biblioteca Nacional com a Casa de Detenção de Vitória da Conquista. Este programa objetiva instigar “(...) práticas de leitura e escrita feita por escritores aprisionados, contribuindo para a organização, a publicação e a divulgação de produções textuais criativas, no campo da poesia, da narrativa, da memória e da autobiografia” (CÂMARA, 2011, p. 105).

Ao criar esse projeto, a pesquisadora Câmara objetivou dar voz a esses excluídos sociais, fazendo com que fossem ouvidos por meio de seus escritos publicados, na intenção de amenizar o preconceito ao reavaliar a visão da sociedade de que essas pessoas são irrecuperáveis.

A pesquisa em educação em ambientes carcerários trabalha a leitura como um caminho provável para condução dos apenados a uma nova condição dentro de nossa sociedade, não sendo encarados apenas como estorvo ou escória, antes, como pessoas que merecem ter uma nova oportunidade.

Pensando nos aspectos acima citados, descrevemos abaixo a estrutura da dissertação.

Em um primeiro capítulo foi delineada a metodologia da pesquisa que procurou estabelecer o caminho em que trilhei, enquanto pesquisador, ao desenvolver esta investigação.



No segundo capítulo foi feita uma contextualização sobre o Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro (CRF) com a intenção de fornecer subsídios para maior compreensão do leitor sobre o local onde se realizou a pesquisa.

Os resultados são apontados no capítulo três e apresentados sob o título: Triangulação de resultados: Questionário, Relatos orais e por escrito e leitura encenada. Neste capítulo utilizou-se a técnica de triangulação de metodologias, ou seja, foram analisados os três resultados de maneira simultânea, procurando as convergências e tecendo relações entre eles, apontando singularidades ou pluralidade entre os dados coletados na busca pela resposta à nossa pergunta de pesquisa. Isto nos é apontado por Denzin (2003 apud DUARTE, 2009, p.12).

Na “triangulação metodológica”, são utilizados múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação. (...) Denzin afirmava que, em face das “fraquezas” e das “virtudes” de cada método, a “triangulação” consistia num processo complexo de colocar cada método em confronto com outro para a maximização da sua validade (interna e externa), tendo como referência o mesmo problema de investigação.

Nesta pesquisa foi construído um questionário com a intenção de caracterizar a leitora do CRF de maneira que conhecesse seu hábito de leitura, o que lê, algumas obras, sua idade, motivo de prisão. Esses dados foram analisados junto às dez participantes e entrelaçados com as atividades de leitura e a leitura encenada que desenvolveram no desenrolar da pesquisa, procurando responder aos quatro objetivos propostos chegando à resposta da pergunta que norteia esta pesquisa. Nas considerações finais procuro responder com brevidade a questão de pesquisa ao destacar algumas das participantes que denotaram ter tido uma compreensão ampliada sobre o mundo que as cerca e a sua vida.

## 1 METODOLOGIA

Navego pelas páginas da pesquisa, na busca por resposta à pergunta que insistentemente pulula em minha mente: pode a prática social de experiência de leitura de textos literários ser um dos caminhos para ampliar a visão de mundo de mulheres aprisionadas?

Responder a esta questão me impulsiona, enquanto pesquisador, a viajar por lugares desconhecidos “traçando na(s) página(s) as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema” (CERTEAU, 2001, p. 225) em um espaço próprio, as linhas de minha dissertação.

Portanto, o principal objetivo deste capítulo é delinear o trajeto percorrido pela pesquisa até que ela se transformasse na presente dissertação. O título desta pesquisa - Relatos de experiências de leitura de contos machadianos com mulheres aprisionadas - propositalmente se utiliza da partícula da língua portuguesa “com” para informar aos leitores que as participantes desta pesquisa teriam o pesquisador como leitor dos contos juntamente com elas, destacando as possibilidades de interpretações sugeridas pelas falas, pelos escritos e encenações das mulheres apenas, por isso, o caminho trilhado é o da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação que foi desenvolvida neste ambiente carcerário conta com a participação do pesquisador como parte da situação pesquisada e não apenas para que seja aceito pelos sujeitos de pesquisa. (THIOLLENT, 2000)

Na grande parte da literatura acadêmica existe uma grande polêmica ao entorno da pesquisa ação, pois muitos afirmam que ela é o sinônimo de pesquisa participante. No entanto, não vamos nos ater a discussões metodológicas que fogem ao foco desta pesquisa. Gostaríamos apenas de seguir o pensamento expresso por Simon (2007, p. 547) ao dizer que a pesquisa ação preconiza “(...) um sistema de expressão e de escuta inserida no movimento ou na prática social, captando os discursos e expressões que se manifestam em diversos momentos e em diversas situações”.

Partindo desse pressuposto, sobre a pesquisa ação, realizei uma leitura de contos machadianos com mulheres aprisionadas, transpondo a ficção da narrativa para realidade de suas estórias, fazendo com que elas levem em

consideração à dimensão do ato de ler o mundo com maior lucidez, ressignificando novos caminhos a serem desvelados no processo de reconstrução de seu projeto de vida, lembrando bem que “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas no seu supra - senso”. (ROSA apud YUNES, 2003, p. 7)

A procura de uma resposta para a questão de pesquisa que orienta este trabalho sugeriu a formulação dos objetivos desta dissertação:

- caracterizar o significado do ato de ler para as reeducandas;
- discutir com as reeducandas a importância do ato de ler;
- constatar pelos relatos orais de experiências de leitura das reeducandas, anotados no diário campo do pesquisador e, os por escrito, entregues a ele no final das atividades, uma maior ou menor compreensão de leitura de cada um dos textos literários escolhidos;
- tornar a leitura uma prática social do cotidiano das reeducandas.

## 1.1 Do Projeto

Este projeto está embasado na metodologia de experiência de leitura do filósofo Jorge Larrosa. Por esta razão acha-se necessário situar o leitor quanto ao que chamamos por experiência de Leitura.

A experiência de leitura é conceituada por esse estudioso como “isso que me passa” (LARROSA, 2002, p. 136). Para ele, a experiência não se trata do que se faz e produz; antes, aquilo que deixa marcas e por isso forma, deforma e transforma. (LARROSA, 2002). Assim, a experiência se concretiza na relação entre o acontecimento (isso que passa) e a subjetividade<sup>1</sup> do sujeito da experiência de leitura.

O sujeito da experiência é descrito por Larrosa (2011, p. 7) como sendo “um local de passagem onde fica a nossa subjetividade (o que nós somos)”.

O acontecimento é “o passar de algo que não sou eu. (...) não é o resultado de minhas palavras, e nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, (...)” (LARROSA, 2011, p. 5)

---

<sup>1</sup> “subjetividade (o que nós somos)”. (LARROSA, 2011, p. 7)

exterior a mim, ou seja, que não provém do leitor, e desta maneira pode ou não propiciar a experiência de leitura. Tudo dependerá “de uma relação íntima entre o texto e a subjetividade (...)” do sujeito da leitura. (LARROSA, 2002, p. 133).

Na atualidade não se está mais acostumado com os benefícios da experiência da leitura. Infelizmente as pessoas do mundo moderno estão sendo bombardeadas por uma gama de informações que não lhes permite refletir. O resultado disso é que elas se tornam superficiais e suas leituras apenas breves informações sem profundidade. Esta característica atual pode não conduzir a experiência da leitura e a não transformação do indivíduo por meio deste ato.

A particularidade de imediatismo da sociedade moderna conduz a uma situação de falta de reflexões, pensamentos, conversas, sentimentos, que resultam no empobrecimento das experiências vividas pelos homens, tal como nos alerta Benjamin (1987) em seu texto *Experiência e Pobreza*:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. (...) Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. (BENJAMIN, 1987, p. 114)

O autor pergunta que homem teria, hoje, acumulado tantas experiências de modo que pudesse passá-las aos mais novos em forma de histórias, como o velho lavrador que, em seu leito de morte, é capaz, ainda, de deixar um ensinamento aos filhos? Esse tipo de experiência a que o autor se refere relaciona-se com a experiência assim descrita por Larrosa como “(...) aquilo

que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa.” (2002, p. 135).

Nas palavras de ambos, a experiência é o que resulta em nós dos diferentes diálogos que travamos com a vida, em uma leitura de mundo ou em leituras com palavras (Freire, 2008).

Para nossa compreensão, a experiência está ligada tanto à leitura de mundo quanto à de livros. Para Larrosa, em seus estudos sobre leitura, a experiência é o que nos permite pensar o ato de ler como formação, ou seja, o que resulta em nós, quando lemos, é o que verdadeiramente nos forma. Portanto, sendo o ato de ler complexo e importante para os sujeitos dessa investigação, propus alguns objetivos para serem atingidos com a intenção de chegar à resposta da pergunta de pesquisa. Para atingir os objetivos propostos houve a necessidade de dividir a dissertação em três etapas, constituídas da seguinte maneira:

- a aplicação de um questionário que teve por finalidade atingir o nosso primeiro objetivo, ou seja, caracterizar o significado do ato de ler para as reeducandas, fornecendo um perfil leitor de cada uma delas;
- **coletar os relatos orais e por escrito em seis reuniões** agendadas com as participantes. Esses relatos nos propiciaram atingirmos dois objetivos: discutir com as reeducandas a importância do ato de ler e constatar, pelos relatos orais de experiências de leitura das reeducandas, a identificação de uma maior ou menor compreensão de leitura de cada um dos textos literários lidos. Os dados obtidos foram anotados no diário campo do pesquisador, além dos relatos por escrito de cada participante que foram devolvidos ao pesquisador (não obrigatório) posteriormente. Nesta etapa o diário de campo foi o instrumento metodológico utilizado;
- a leitura encenada é uma atividade que possibilitou transpor a ficção para o real, oportunizando que a prática social da leitura fosse um elemento do cotidiano das reeducandas.

Agora iremos descrever cada etapa da pesquisa com todos os seus instrumentos metodológicos.

## 1.2 Questionário

Em um primeiro contato com as reeducandas do CRF - aproximadamente 109 - foram convidadas a participar, porém, apenas 60 meninas que se dispuseram a ouvir a explicação do projeto e suas etapas, a leitura do Termo de Livre Consentimento e do questionário. Na sequência foi feita uma apresentação do projeto em Power Point expondo a pesquisa em todas as suas etapas, falando sobre a leitura e a sua importância, comentando a vida de Machado de Assis e as obras que seriam lidas. Em seguida abriu-se um espaço para discussão. O objetivo era ouvir a voz daquelas reeducandas para conhecer suas ideias sobre a leitura de um modo geral e sobre a importância do ato de ler na construção ou reconstrução da subjetividade de cada uma delas.

O questionário entregue foi composto por 13 questões em sua totalidade sendo sete fechadas, três abertas e três semiabertas. As perguntas do questionário - de número um até a oito - revelam particularidades pessoais das participantes da pesquisa, como faixa etária, estado civil, se têm e qual a quantidade filhos, motivo da prisão, tempo em que está presa e o que ainda tem para cumprir e, por fim, se recebe visitas. Essas informações contribuíram para apresentar quais as características pessoais do sujeito da pesquisa que está sendo estudado.

As perguntas do questionário - de número nove até 13 - revelam as suas afinidades com a leitura, o grau de escolaridade, se estuda, se tem costume de ler, o que lê, se assiste novelas e os gêneros de que mais gosta.

A somatória das duas partes do questionário permitiu-me caracterizar o perfil leitor das participantes da pesquisa, revelando qual a sua relação com o ato de ler.

Após a reunião deixei 109 cópias do questionário e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na unidade, nas mãos da reeducanda responsável pelo posto cultural.

Desta forma, ficou estabelecido com a reeducanda que após sete dias eu voltaria para recolher os documentos. Na data combinada voltei e foi-me devolvido apenas 25 questionários devidamente respondidos com seus termos preenchidos e assinados. Contudo, dos 25 apenas dez participantes aceitaram fazer parte da

pesquisa até o seu final. Das dez participantes, apenas nove participaram de todas as etapas da pesquisa, sendo que uma desistiu no último conto lido.

### 1.3 Relatos orais e relatos por escrito

Antes de delinear a atividade de leitura, gostaria de ressaltar o motivo pela escolha das obras de Machado de Assis.

A escolha de obras do Bruxo de Cosme Velho (apelido pelo qual Machado de Assis é chamado devido à desenvoltura e beleza ao tecer o seu texto) baseia-se no valor de sua escrita, como um perito em analisar e estudar a alma humana, além de que enfrentou em sua época, o preconceito da sociedade por causa de sua descendência negra e de sua condição humilde de vida. Estes empecilhos poderiam ter lhe custado a exclusão do convívio social com a sociedade da época.

Apresentei às reeducandas um pouco da vida de Machado, suas lutas, seus sofrimentos e a sua grande percepção no que se refere à alma humana, sempre fazendo da ironia, do tinteiro e do papel, seus eternos aliados.

Na sua obra, o conto, por ser um texto pequeno, facilita a leitura, que pode ser feita em um tempo mais rápido, bem como as reflexões que poderiam provocar nas reeducandas, por isso foi o gênero escolhido.

Deste gênero selecionei os seguintes textos: Idéias de Canário, Um Apólogo, A Igreja do Diabo.

O primeiro - Idéias de Canário - conta a história de um pássaro que vive em uma gaiola pequena em uma loja de belchior. Este canário é comprado pelo Sr. Macedo, um estudioso de pássaros, que o leva para sua casa em uma gaiola maior e melhor, e o coloca em uma varanda com vista para a floresta. Por fim, o canário escapa de sua gaiola na casa de Macedo e ganha o céu azul e infinito.

O segundo - A agulha e a linha - narra a peleja entre os dois personagens - a agulha e a linha - para provarem quem era o mais importante na confecção da roupa da baronesa.

O terceiro - A igreja do Diabo - narra a história do Diabo que teve a ideia de criar a sua religião semelhante a de Deus. Porém, a seita do Diabo seria o contrário da de Deus, assim, tudo o que era considerado bom seria ruim aos olhos da nova seita e o que era ruim seria bom. A narrativa relata a expressão de

que todos nós temos ou uma capa de veludo arrematada com franjas de algodão ou uma capa de algodão arrematada com franja de veludo, ou seja, todo homem é contraditório.

Essa atividade com a leitura e reflexão de contos, tem uma relevância grande para o estudo no qual desenvolvo, por que procura responder à inquietação que pulula em nossa mente sobre o ato de ler que aliado à experiência de leitura, como apregoado por Larrosa (2002), pode corroborar com a possibilidade de introduzir essas mulheres aprisionadas ao universo da leitura, ampliando a sua visão do mundo e dos diversos textos que ele nos proporciona.

Encontramos dentro do CRF um local para a criação de um espaço social, o refeitório ou a biblioteca, onde foram realizadas as seis reuniões com as reeducandas, cada uma delas com a duração de cerca de 2,5 horas. Em cada atividade as reeducandas receberiam uma cópia do conto a ser lido, bem como o vocabulário do mesmo.

Como primeira atividade na reunião foi feita uma leitura silenciosa para que cada uma delas tomasse conhecimento geral do texto lido, respeitando o seu próprio tempo de leitura. Em seguida, em voz alta, cada um de nós leu pequenos trechos do conto e após essas duas leituras, abrimos espaço para que houvesse uma discussão deixando emergir os assuntos que poderiam ser provocados pela leitura do conto lido.

Os assuntos levantados na discussão serviram-nos para que pudéssemos coletar os relatos orais de experiência de leitura das participantes, os quais foram anotados no diário de campo. Complementando esse material, tivemos os relatos por escrito sobre cada conto. Esses relatos escritos serviriam como um material complementar aos outros registrados no diário de campo.

Portanto, os relatos orais e por escritos de experiência de leitura feitos pelas reeducandas se constituíram em um importante material de estudo para a elaboração de uma possível resposta à pergunta que orienta esta pesquisa. Nestas atividades de leituras de contos, o pesquisador fez uso do instrumento metodológico do diário de campo.

Segundo Lopes et al (2002, p.131) “O diário de campo é um recurso muito utilizado pela etnografia como forma ideal para registrar o cotidiano da



pesquisa”, a construção dele é considerada uma prática antiga e uma forma de coleta de dados usada para agrupar, no cotidiano, registros e reflexões sobre experiências (vividas), as ideias que ocorrem (concebidas), os encontros, as observações (percebidas). (HESS E WEIGAND, 2000).

A forma de se fazer o registro é pessoal de cada pesquisador, contudo, é prático que o observador coloque em cada registro “o dia, a hora, o local da observação e o seu período de duração. Ao fazer as anotações, é igualmente útil deixar uma margem para a codificação do material ou para observações gerais” (LÜDKE & ANDRÉ, 1988, p. 32).

Baseei-me nos autores anteriormente citados fazendo uso do diário de campo por anotar os relatos de experiências de leituras orais expostos pelas reeducandas para que fosse posteriormente analisado. Em cada sessão anotei data, hora e local, bem como fiz uma lista de presença das participantes.

Além de anotar as interpretações obtidas por meio de seus relatos orais, deixei alguns espaços para que pudesse colocar mais tarde alguma observação importante, fruto de minhas reflexões no estudo do material obtido, que respondesse à pergunta da pesquisa.

Os relatos por escrito foram valiosos instrumentos complementares aos relatos orais por que, segundo Lüdke e André (1988, p. 39) ajudam a confirmar as “evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador”.

Desta forma, todo este material coletado junto aos sujeitos da pesquisa foram interpretados de acordo com técnica de análise de conteúdo, que se conceitua como sendo:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2004, p. 27)

Esta técnica não tem uma receita de como deve ser feita, antes, oferece algumas regras que devem ser atreladas aos objetivos a serem atingidos e a resposta à pergunta que norteia esta dissertação (BARDIN, 2004)

Os relatos orais e escritos feitos pelas reeducandas sobre os contos, me possibilitou atingir aos objetivos e abarcar qual é a compreensão de leitura das

participantes sobre os contos lidos, bem como discutir com elas a importância que dão ao ato de ler.

Desenvolvi um cronograma das atividades de leitura nesta pesquisa para que o leitor possa entender o seu desenvolvimento na investigação, explicitando as atividades, os contos lidos, as respectivas datas e horários estabelecidos pelo diálogo entre nós, reeducandas e unidade prisional.

**Quadro 1 - Cronograma das Atividades de Leituras**

	<b>Atividades</b>	<b>Instrumentos Metodológicos</b>	<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Horário</b>
<b>1</b>	Leitura silenciosa e em voz alta do conto <i>Idéias de Canário</i>	Diário de Campo	18/10/2012	Refeitório	19h00min até 21h30 min
<b>2</b>	Apresentação da biografia de Machado de Assis e nova leitura do conto <i>Idéias de Canário</i> com o vocabulário nas mãos	Diário de Campo	24/10/2012	Refeitório	19h00min até 21h30 min
<b>3</b>	Discussão encerrando o conto <i>Idéias de Canários</i>	Diário de Campo (relatos orais) e Relatos por escrito.	29/10/2012	Biblioteca	19h00min até 21h30 min
<b>4</b>	Leitura do Conto - <i>A agulha e a linha</i> - e a discussão	Diário de Campo	05/11/2012	Biblioteca	19h00min até 21h30 min
<b>5</b>	Leitura silenciosa e em voz alta do conto <i>A igreja do diabo</i>	Diário de Campo	12/11/2012	Biblioteca	19h00min até 21h30 min
<b>6</b>	Nova leitura em voz alta e discussão do conto <i>A igreja do diabo</i>	Diário de Campo (relatos orais) e Relatos por escrito	19/11/2012	Biblioteca	19h00min até 21h30 min

Fonte: Pesquisador 2012

Desta maneira, o refeitório ou a Biblioteca, tornaram-se um espaço social onde as reeducandas puderam ter liberdade para ler, entender e expor suas opiniões (discussões) de maneira democrática.

Estas atividades foram programadas para atingir outros dois objetivos:

- constatar, pelos relatos de experiências de leitura das reeducandas, anotados no diário campo do pesquisador, a maior ou menor

compreensão de leitura de cada um dos textos literários escolhidos;

□ discutir com as reeducandas a importância do ato de ler;

#### 1.4 Leitura encenada

Por fim, chegamos à última etapa desta pesquisa que prima por atingir o quarto objetivo proposto, ou seja, o de tornar a leitura uma prática social cotidiana das reeducandas. Para isso, foi escolhida uma atividade denominada leitura encenada, que consiste em trabalhar o texto escrito em forma de encenação. A palavra encenação vem do grego:

Formada do prefixo em (movimento para dentro, colocação em) somado ao elemento scena (pátio, episódio, espetáculo) e ao sufixo -ção (ação, resultado de ação), a palavra encenação diz respeito ao ato de pôr em cena (espetáculo). (FERNANDES, 2006, s.p.)

Entendendo o significado da encenação, ou seja, de colocar um espetáculo teatral em cena, as reeducandas tiveram a oportunidade de levar ao palco uma narrativa machadiana e, para tanto, foi preciso que tivessem compreendido o texto e, depois disso, teriam condições de dividirem os papéis, criarem os figurinos, o cenário, o uso de um fundo musical, as luzes e os elementos que compõe uma boa encenação. O tom de voz na leitura, a expressão facial, os gestos, e o posicionamento em cena também fazem parte do ato de interpretar. Tais elementos apontados por Fernandes (2006, s/p) como “a manifestação cênica de um discurso, utilizando elementos visuais e sonoros, a partir de uma ideia principal” transformando assim a linguagem escrita para a cênica.

Para esta atividade foram destinadas mais duas sessões, sendo uma para o ensaio, que também acomodaria diálogos entre as participantes sobre a criação do figurino, cenário e música. A última sessão seria reservada para a apresentação da encenação.

No ensaio, os papéis já vieram definidos por elas, bem como a lista de materiais necessários para a criação das fantasias e alegorias que fizeram parte da encenação, bem como a música a ser usada como fundo para a

apresentação. Segue um cronograma contendo a descrição detalhada dessa atividade:

**Quadro 2 - Cronograma da Leitura Encenada**

	<b>Atividades</b>	<b>Instrumentos Metodológicos</b>	<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Horário</b>
<b>1</b>	Ensaio e Definições	Diário de Campo	26/11/2012	Pátio da Unidade	19h00min até 21h30 min
<b>2</b>	Apresentação da leitura encenada do conto - <i>A agulha e a linha</i> -	Apresentação, Filmagem e fotografias	03/12/2012	Pátio da Unidade	19h00min até 21h30 min

Fonte: Pesquisador 2012

A leitura encenada é um exercício que faz a transposição da linguagem escrita para a cênica, porque proporciona às participantes a possibilidade de ressignificar o texto lido, promovendo o desenvolvimento da imaginação e a busca por uma nova visão para a história. Este exercício aproxima a ficção da realidade que vivem, proporcionando à reeducanda o entendimento de que a vida das pessoas é composta por narrativas, nas quais elas podem espelhar-se, assim como quando olham para um espelho.

A nossa vida não é estática, amarrada, imóvel, antes, pode se metamorfosear e transformar-se, ser renovada e ressignificada.

Isso pode acontecer com a reeducanda propiciando-lhe a oportunidade para repensar e ampliar o seu mundo, reconduzindo-a para junto da sociedade. A leitura encenada é uma parte analítica importante - que foi filmada<sup>2</sup>- para observar em que profundidade as reeducandas conseguiram apreender da história lida, observando como essas mulheres conseguiram dialogar com o texto, permitindo que ele fosse transformado por suas leituras. Na transformação de uma linguagem em outra, foi observado o quanto isso foi superficial ou profundo nas suas criações.

Nesta parte do trabalho foram utilizadas a filmadora e a máquina fotográfica, respeitando sempre os padrões éticos acordados com as participantes no Termo de Livre Consentimento Esclarecido.

Gostaria de salientar que a princípio, foi proposta a encenação dos três contos lidos e discutidos, contudo, na decisão do grupo de reeducandas resolveu-se encenar apenas um conto, sendo que o escolhido por elas foi o *A Agulha e a Linha*.

Após todas essas análises foi possível atingir ao último objetivo dessa pesquisa que é o de tornar a prática da leitura um elemento do cotidiano das reeducandas.

Este objetivo foi alcançado por se observar como elas conseguiram se organizar em grupo para compartilharem de forma democrática a escolha do papel feito por cada reeducanda, mostrando que conheciam o conto lido por associarem características próprias do personagem com aquela que o interpreta.

Também podemos levar em consideração a maneira como cada personagem construiu o seu figurino dentro da leitura encenada. Quando as reeducandas escolheram os papéis e seus respectivos personagens, mostraram discernimento e competência para adaptar isso a cada estereótipo, bem como a escolha dos figurinos, respondendo assim a este objetivo.

Essas particularidades foram chamadas de evidências de que o ato de ler tornou-se parte do cotidiano das mulheres aprisionadas atingindo o último objetivo desta pesquisa.

Ao chegarmos ao término desta etapa teremos condições para responder, ajudados pelas análises dos resultados, a inquietação desta dissertação, ou seja, à pergunta que orienta esse trabalho: pode a prática social educativa da experiência de leitura de textos literários, conduzir as reeducandas em ampliar sua visão de mundo?

### 1.5 Composição dos resultados

Os resultados obtidos nesta dissertação foram construídos de maneira que atinjam os quatros objetivos propostos, já citados anteriormente, e respondam à

---

<sup>2</sup> Será usada apenas para a parte analítica da dissertação, feita pelo pesquisador. Respeitando os parâmetros éticos em que o pesquisador se comprometeu

pergunta que norteia este trabalho. Portanto, eles constituem o capítulo intitulado resultados:

#### Questionário

Composto por 13 questões construindo o perfil leitor de cada reeducanda que participou desta pesquisa;

#### Relatos Orais

Constituem-se nas falas de cada participante oriundas do diálogo entre os textos literários e a subjetividade de cada participante, ou seja, da possível experiência de leitura vivenciada por cada uma delas. Essas foram anotadas em meu diário de campo. Primeiramente, por questões éticas combinadas anteriormente e descritas no TCLE<sup>3</sup>, os nomes das participantes não poderiam aparecer, desta maneira, foram substituídos por um número que varia de I a X, correspondendo a cada uma das reeducandas que ali estiveram presentes. Ao surgir uma fala pertinente à pesquisa que era imediatamente anotada e identificada pelo número da participante, número este que apenas eu, como pesquisador, sabia de qual reeducanda se tratava.

#### Relatos por Escrito

São comentários que cada participante fez e me entregou durante as aplicações das atividades de leitura. Essas escritas foram identificadas pelo número (I-X). Esses números são os mesmos utilizados nos relatos orais, contudo, apenas eu sabia de que pessoa se referia. Este método estabelecido por mim facilitou na estrutura dos resultados. Portanto, cada relato por escrito entregue, sem nome, era numerado e guardado. Tais relatos escritos nunca foram entregues no mesmo dia da atividade o que favorecia suas escritas por que podiam dialogar com as outras e melhorar a sua visão sobre certo assunto.

#### Leitura Encenada

É uma atividade que une a leitura com a arte cênica. Elas optaram pelo conto A Agulha e a Linha. Ao escolherem este conto passei a explicar como seria essa

---

<sup>3</sup> TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Necessário para o trabalho com pessoas em uma pesquisa

atividade a todas elas. Comentei que essa atividade seria filmada e fotografada, mas, que conforme é destacado no TCLE, essas imagens somente seriam utilizadas para o nosso estudo, portanto, não seriam divulgadas. Esclarecemos que não seria necessário decorar as falas, apenas ter uma boa leitura, ter uma voz audível e bem empostada e que estaria por conta delas a criação dos figurinos, cenário e o fundo musical. A penúltima sessão foi responsável por operacionalizar todos esses detalhes, bem como realizar um pequeno ensaio de leitura junto com as reeducandas.

Neste capítulo será aplicada uma técnica conhecida pela comunidade acadêmica como triangulação de metodologias que consiste em “combinar, numa única investigação, diferentes métodos de recolha e análise de informação.” (DUARTE, 2009, p. 3). Desta maneira, a triangulação foi aplicada nesta pesquisa e foram entrelaçados os dados coletados pelo questionário, os relatos (orais transcritos no diário de campo e o por escritos entregues ao pesquisador) e a leitura encenada com o objetivo “colocar cada método em confronto com outro para a maximização da sua validade (interna e externa), tendo como referência o mesmo problema de investigação” (DUARTE, 2009, p. 12) Desta maneira, a composição dos resultados desta dissertação irá conter nas análises das participantes, argumentos coletados no perfil da leitora do questionário, nos relatos orais e por escrito e na leitura encenada na busca para atingir os objetivos proposto e a questão que orienta esta pesquisa.

## 2 CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO FEMININO DE RIO CLARO

Os Centros de Ressocialização (CR) são instituições prisionais que foram criadas no Estado de São Paulo a partir do ano de 2000, pelo decreto 45.271 da época do governador Mario Covas. (VEDOVELLO, 2008).

O Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro (CRF)<sup>4</sup> foi inaugurado no dia 26 de julho de 2002, por meio do decreto 46.534/2002. Esta unidade

---

<sup>4</sup> As informações aqui fornecidas estão embasadas em uma carta fornecida pela diretora do CRF e da reeducanda do posto cultural. Documentos estes que se encontram nos anexos desta dissertação.

prisional tem como o lema Ressocializar para a Vida. Na inauguração o Secretário de Estado da Administração Penitenciária era o Dr. Nagashi Furukawa e na coordenação das unidades prisionais da região central do estado de São Paulo estava o Dr.<sup>o</sup> João Batista Paschoal. A diretora Geral da unidade de Rio Claro em sua inauguração foi a Dr.<sup>a</sup> Irani Aparecida Torres e atualmente quem dirige o CRF é a Dr.<sup>a</sup> Maura Batista da Cruz.

O CRF tem um processo diferenciado para admitir mulheres para o seu quadro de reeducandas, levando em consideração a baixa periculosidade e o seu bom comportamento, caso estejam em outra unidade prisional.

Por isso, o seu perfil perante penitenciárias é diferenciado, pois, para a mulher ser aceita dentro desta unidade tem que haver o pedido e a disposição da detenta em ser transferida para o CRF. Em seguida, ela passa por uma triagem realizada pela diretora, a psicóloga e a assistente social. Neste procedimento é averiguada a conduta da apenada, além do fato de não ser reincidente. A candidata também tem que concordar com as normas estabelecidas dentro do CRF, ou seja, estudar, trabalhar, participar de eventos promovidos pela entidade.

Essa unidade prisional foi dirigida em parceria com uma ONG (Organização não Governamental), o que a torna diferente das penitenciárias em sua estrutura de administração. A ONG ficava com a responsabilidade de administrar o dinheiro para as compras necessárias da instituição. Infelizmente, atualmente, desfez-se a parceria entre eles, por questões não reveladas.

Dentro do CRF o termo usado para se referir as presas é reeducanda, por causa do lema o rege que é o de Ressocializar para a vida. Esta unidade prisional é abriga reeducandas em regime misto de prisão, ou seja, mulheres cujas penas abrangem desde o regime fechado (sem possibilidade de saídas), semiaberto (com possibilidades de sair e trabalhar fora, voltando após o trabalho para dormir) e provisório (aquelas que não foram a julgamento e aguardam suas sentenças).

O CRF estabelece parcerias com empresas que geram empregos para as reeducandas do sistema semiaberto (Jornal Cidade, Promobeg, M.A, Soft, Via-



volt, Emblasas, Maluta, Detroid, João Carrazone)<sup>5</sup>, e empresas que entregam trabalhos para serem feitos dentro da unidade prisional pelas internas em regime fechado (Tec-bor, Tigre, Anaber, Funap). Aquelas que não trabalham fora ou prestam serviços remunerados dentro da prisão, são designadas para trabalhos que primam para manutenção, limpeza e sustentação da unidade prisional.

No quesito educação e cultura, a unidade escolhe uma reeducanda responsável para cuidar do posto cultural, este é o departamento em que se desenvolvem alguns projetos para levar cultura às internas e quebrar o preconceito de que elas são irrecuperáveis perante a sociedade.

A unidade criou alguns eventos culturais, desenvolvidos em datas comemorativas como dia do aniversário do CRF<sup>6</sup>, dia das mães, dia das crianças, natal, ano novo. O conteúdo desses eventos contempla a poesia, o canto, o teatro, a danças que são apresentados a pessoas da sociedade como autoridades locais, acadêmicos, donos de empresas e pessoas ligadas à credos religiosos que desejem conhecer e apreciar uma apresentação cultural dentro de uma unidade prisional. Alguns são empresários que já empregam alguma reeducanda e vem participar por convite dela. Outras pessoas têm curiosidade de saber como é o interior de uma unidade prisional.

Destes eventos culturais, eu, pesquisador, fui voluntário na elaboração de alguns deles: ajudei nos ensaios, na montagem das atividades a serem desenvolvidas, textos, poesias, músicas, sonoplastia, na aquisição dos materiais necessários, tudo sendo feito em diálogo com as reeducandas e acordado com a diretora do CRF a Dr.<sup>a</sup> Maura Batista Cruz.

Esses eventos eram organizados de maneira a seguir as normas de segurança de uma unidade prisional, ou seja, todas as pessoas que assistiriam os eventos teriam que ter relacionado seu nome e número de documento com antecedência na unidade e ao comparecer o apresentariam assinando uma lista de presença. Logo em seguida esvaziaria todo o objeto, carteira, celular que estivesse com ele e deixaria em um armário com chave. A chave do armário ficaria sob a responsabilidade do visitante. Em seguida o visitante é

---

<sup>5</sup> Informações obtidas pela reeducanda responsável pelo Posto Cultural da unidade Prisional, a pedido da Diretora.

<sup>6</sup> Centro de Ressocialização Feminino

revistado pelos agentes, passando por um detector de metais, só então estaria apto para adentrar ao interior da unidade.

Como pesquisador e educador que participei por vários anos dentro da unidade e o procedimento era semelhante em todas às vezes que me dirigia ao interior da unidade.

No entanto, apesar de todo esse rigor, era recompensado ao começar o espetáculo, o pátio estava todo enfeitado, com cadeiras arrumadas, o palco coberto com panos e desenhos, tudo conforme a temática a ser desenvolvida e as doações recebidas. Era contagiante observar como as participantes estavam animadas, entusiasmadas e nervosas, afinal elas se apresentariam para pessoas desconhecidas, e tinham que fazer o melhor. O encontro delas com a arte, com a plateia, faziam com que se sentissem gente novamente, pertencente a uma sociedade que estava ali para assisti-las.

Outra atividade cultural criada no CRF foi um Jornal de título - O Recreativo - elaborado pelas reeducandas, que tinha como conteúdo notícias, fotos, artigos e os eventos referentes a esta instituição prisional. Este jornal era distribuído entre os parceiros que patrocinavam a produção deste veículo de comunicação das internas.

O CRF de Rio Claro tem um projeto chamado de Fuxicreiras, que consiste na reforma e transformação de roupas e artefatos usados e doados em seminovos. Elas criam novas peças a partir daquela que lhes foram doadas e com as novas peças criadas organizam um desfile em um local determinado e organizado pela direção da instituição prisional. Desse projeto só podem participar do desfile aquelas reeducandas que são de regime semiaberto.

A unidade dispõe de um curso de alfabetização lecionado por uma professora contratada pela FUNAP<sup>7</sup>.

Apesar do pouco espaço físico, o CRF ainda disponibiliza de um local pequeno, onde funciona uma biblioteca. Neste local foi desenvolvido boa parte deste projeto.

A biblioteca tem um acervo com 1389 livros dos mais diversos títulos

---

<sup>7</sup> Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel - órgão responsável pela educação na prisão”.

ficando por conta de uma reeducanda, escolhida pela aptidão e comportamento, cuidar da organização da biblioteca e os empréstimos dos livros para as outras que ali se encontram presas.

Toda a informação que estarei disponibilizando sobre a biblioteca está baseada em informações que obtive da reeducanda responsável por este serviço dentro da unidade. Abaixo apresento um quadro com a divisão dos livros por gêneros da biblioteca do CRF:

**Quadro 3 - Livros da Biblioteca do CRF**

<b>Gêneros</b>	<b>Exemplares</b>
Religião	229
Espírita	275
Romance	197
Poemas e Poesias	76
Literatura	224
Conhecimentos Gerais	24
Didáticos	158
Ficção	91
Auto Ajuda	50
Biografia	5
Infanto Juvenil	60
<b>Total de livros</b>	<b>1389</b>

Fonte: Pesquisa 2012

O quadro três traça um perfil dos livros que estão a disposição das reeducandas no CRF e a sua divisão por gênero que foi estabelecido por elas. A divisão revela que a maioria dos livros é sobre religião, contudo, percebi que eram separados os livros espíritas dos de religião, desta forma, perguntei o porquê disso. A responsável me respondeu que era pelo fato dos livros espíritas estarem entre os que mais eram locados, portanto, seria mais prático deixá-los separado.

A responsável pela biblioteca me forneceu uma lista das retiradas de livros no período de janeiro a agosto de 2012. A lista que foi-me entregue, está representada pelo quadro quatro. Nela, posso constatar que o maior número de exemplares consumidos pelas reeducandas são de livros religiosos; o romance aparece em segundo lugar, mas, não sei informar se entre eles não estão os romances espíritas psicografados.

**Quadro - 4 - Livros retirados de Janeiro até Agosto de 2012 no CRF**

Gêneros	Exemplares
Religião	55
Espírita	160
Romance	128
Poemas e Poesias	72
Literatura	35
Conhecimentos Gerais	1
Didáticos	50
Ficção	17
Auto Ajuda	11
Infanto Juvenil	13
Total de livros	542

Fonte: Pesquisa 2012

Essa pequena sinopse tem a intenção de apresentar ao leitor a ideia sobre o que é um Centro de Ressocialização, bem como informar os trabalhos que são desenvolvidos aqui, o que confere a oportunidade de entender que uma unidade prisional deve ser um local de recuperação e não um ambiente para despejo de pessoas, no qual elas são jogadas para serem confinadas com a finalidade de não estorvarem mais a sociedade.

Foi neste contexto que apliquei a pesquisa intitulada - Relatos de Experiências de Leituras de contos machadianos com mulheres aprisionadas.

### 3 RESULTADOS

Da leitura de todo o material coletado nas pesquisas, obtivemos os resultados elencados neste capítulo.

Da indagação formulada pelo pesquisador, de que práticas sociais educativas, como a experiência de leitura com textos literários, pudessem resultar na visão ampliada de mundo da mulher aprisionada, originou-se o primeiro objetivo da pesquisa: caracterizar o significado do ato de ler para as reeducandas.

Com a intenção de atingi-lo, foi elaborado um questionário<sup>8</sup> com 13 questões: três abertas, quatro semiabertas e seis fechadas. As de número dois até a oito referem-se às características pessoais da reeducanda, enquanto que as de nove a 13 referem-se ao perfil da leitora aprisionada dentro desta unidade.

### 3.1 Questionário

Dos 109 questionários deixados, foram devolvidos apenas 25 devidamente respondidos, assim como seus termos preenchidos e assinados, sendo que dez se apresentaram como voluntárias para participar do restante da pesquisa, ou seja, as atividades de leitura e a leitura encenada. No entanto das dez participantes, apenas nove, permaneceram até a leitura encenada.

Este questionário tem como objetivo caracterizar o perfil leitor das participantes do CRF de Rio Claro, dados estes que foram transformados em quadros que compuseram a triangulação de dados entre os próximos resultados, ou seja, os relatos e a leitura encenada.

Apresentamos, a seguir, os quadros correspondentes a cada questão respondida pelas reeducandas.

Começamos com a segunda pergunta, que revela qual é a composição por faixa etária, do grupo de mulheres pesquisado, dentro de uma unidade prisional.

Percebemos que as dez participantes estão divididas em três grupos de idades, distribuídos da seguinte maneira:

□ A faixa etária de 18 a 24 anos e 364 dias compreende o grupo de mulheres mais jovens do CRF, no qual apenas duas - as participantes VI e VII - se dispuseram a participar desta pesquisa de leitura;

□ A faixa etária de 25 a 29 anos e 364 dias compreende o grupo com a maior quantidade de reeducandas (cinco) - as participantes I, II, IV, V, IX - elas se propuseram a integrar as atividades de leitura. Essas reeducandas

---

<sup>8</sup> A realização da pesquisa, bem como os instrumentos metodológicos que foram utilizados nela, encontra-se devidamente aprovados pela Comissão de Ética da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) e autorizada pelo Excelentíssimo Juiz responsável pelos processos judiciais na cidade de Rio Claro. Em primeiro lugar, foi necessário aguardar a autorização do

perfazem a metade das participantes em toda a pesquisa;

□ A faixa etária de 30 a 49 e 364 dias compreende apenas três mulheres III, VII, X - que tiveram interesse na participação da pesquisa;

□ A faixa etária de acima de 50 anos não tiveram nenhuma participação na pesquisa.

Como uma primeira leitura, destacou-se o fato de não haver interesse pela prática da leitura de textos literários no CRF, contudo, podemos também compreender que por se tratar de uma experiência nova, muitas não se sentiram a vontade para participar.

A pesquisa revelou, ainda, conforme o questionário aplicado, uma maior concentração de mulheres interessadas pela leitura, entre a faixa etária de 25 a

39 anos - com cinco participantes, sendo que as outras cinco reeducandas aparecem distribuídas, no primeiro grupo com duas mulheres e três no terceiro. Restaram ainda dois grupos - cinco e seis - que não tiveram nenhuma reeducanda interessada em participar.

A faixa etária de 18 a 24 anos, constituída por mulheres mais jovens, foi o grupo que menos ofertou participantes para a pesquisa de leitura. Tal fato deixa em evidência de que provavelmente há uma defasagem na formação de leitores, dentro da unidade prisional, um reflexo do que acontece também no mundo, além dos muros da prisão.

Quadro 5 - Faixa Etária

	Faixa Etária	Quantidade	Participantes
1	18 - 24 anos e 364 dias	2	VI - VIII
2	25 - 29 anos e 364 dias	5	I - II - IV - V - IX
3	30 - 49 anos e 364 dias	3	III - VII - X
4	50 - 59 anos e 364 dias	0	
5	60 anos ou mais	0	

Fonte: Pesquisador 2012

Na sequência, a terceira questão revela qual é o estado civil das participantes, ou seja, se elas são solteiras, têm companheiro (a), são viúvas,

---

Excelentíssimo Juiz que chegaria às mãos da Dr<sup>a</sup>. Diretora do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro (CRF); só então começamos as atividades propostas

separadas, divorciadas. As respostas encontradas são: seis solteiras (I, II, III, V, VI, X), na faixa etária acima de 25 anos; três têm companheiro (a) (VII, VIII, IX) e uma é viúva (IV), entretanto não há nenhuma que seja separada ou divorciada, muito embora alguns dados na questão seguinte ressaltem que as respostas dadas aqui apresentam certa contradição.

**Quadro 6 - Estado Civil**

	<b>Estado Civil</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Participantes</b>
1	Solteira	6	I - II - III - V - VI - X
2	Tem companheiro (a)	3	VII - VIII - IX
3	Viúva	1	IV
4	Separada	0	
5	Divorciada	0	

Fonte: Pesquisador 2012

A quarta questão é composta por duas perguntas, uma de múltipla escolha, que indaga se as reeducandas têm filhos. A resposta de cinco delas foi afirmativa (I, II, III, IV, VIII), enquanto as outras cinco responderam negativamente (V, VI, VII, IX, X).

A segunda parte da questão, em uma pergunta aberta, refere-se à quantidade de filhos que cada uma delas têm. As respostas das reeducandas foram dadas da seguinte maneira: I - quatro, II - três, III - dez, IV - três filhos, VIII - um filho.

Se observarmos na questão anterior, as participantes I, II, III afirmaram serem solteiras, no entanto têm muitos filhos (17 crianças), o que revela que elas, muitas vezes, são abandonadas pelos companheiros, levando em consideração que uma sociedade ainda machista, é mais difícil, se levarmos em consideração os filhos para criar.

A quantidade de filhos das reeducandas é um fator preocupante, apenas cinco mulheres juntas somam um total de 21 crianças, somente a participante III tem um total de dez filhos. Tal fato mostra como a falta de estrutura familiar leva muitas crianças a crescerem sem orientação e o convívio do pai e da mãe, muitas vezes instigados por valores como o poder e o dinheiro, que ditam as regras na sociedade moderna. Os textos oferecidos para essas crianças lerem formam sua subjetividade, voltada para um mundo de drogas, crime, violência, um mundo sem

família, no qual seu pai e mãe encontram-se em uma prisão, ficando na responsabilidade dos avós a sua criação e a responsabilidade pela sua educação.

**Quadro 7 - Têm filhos?**

	Tem filhos?	Quantidade	Participantes
1	Sim	5	I - II - III - IV - VIII
2	Não	5	V - VI - VII - IX - X
<b>Quantos ?</b>			
	Participantes	Quantos filhos	
1	I	4	
2	II	3	
3	III	10	
4	IV	3	
5	VIII	1	
6	V - VI - VII - IX - X	0	

Fonte: Pesquisador 2012

A questão de número cinco aborda o motivo pelo qual cada reeducanda foi presa, sendo que os resultados apurados da pesquisa para esta pergunta foram os seguintes: cinco participantes (I, II, III, IV, IX) foram presas por tráfico de drogas ou associação a ele, duas (V, VIII) não quiseram expor o motivo de sua prisão, uma por interceptação telefônica (VI), uma por sequestro (VII) e a última por agressão (X).

Tais resultados revelam que metade das mulheres entrevistadas, ou seja, cinco delas (I, II, III, IV, IX) estão envolvidas

Observamos que das cinco mulheres presas por tráfico, quatro têm filhos e a somatória deles perfazem o número de 20 crianças, o que nos leva a pensar na possibilidade de que o tráfico está se tornando fonte de renda para muitas famílias numerosas, que se dedicam a esse tipo de serviço para ganhar dinheiro farto, invertendo-se valores: o trabalho honesto passa a ser recusado em virtude do grande esforço que exige, bem como a baixa remuneração ofertada. Desta forma, o pensamento que predomina é: Estudar para quê? Se posso ganhar mais com o que é ilícito?

Podemos destacar também que das cinco envolvidas em tráfico de drogas, quatro (I, II, IV, IX) têm a faixa etária inferior a 30 anos, indicando como esse mal está consumindo também nossas mulheres jovens.



Quadro 8 - Motivo da Prisão

	Motivo da Prisão	Quantidade	Participantes
1	Tráfico de Drogas	5	I - II - III - IV - IX
2	Não falou	2	V - VIII
3	Intercepção Telefônica	1	VI
4	Sequestro	1	VII
5	Agressão	1	X

Fonte : Pesquisador 2012

A questão de número seis refere-se ao tempo de prisão de cada participante até agora. Essa pergunta teve os seguintes resultados: até três meses - nenhuma mulher -; de três até cinco meses e 29 dias - uma mulher (VIII); de seis meses até nove meses e 29 dias - uma mulher (X), de um ano até dois anos e 11 meses e 29 dias - duas mulheres (V,VI); de três anos para mais - seis mulheres (I,II,III,IV,VII,IX).

Observamos que 50% das mulheres que participaram da pesquisa estão presas por tráfico de drogas, com um tempo de reclusão de mais de três anos. Tais dados apenas confirmam o já foi dito antes, que estamos diante de uma epidemia das drogas, sendo preciso muito mais do que a prisão para contê-la. O ato de prender somente não resolve essa síndrome social, por que a grande maioria, ao ser solta, reincide no submundo do tráfico na busca do dinheiro fácil. Haja vista que as oportunidades de emprego são nulas, isso é também um fator motivador para a reincidência de muitas.

As demais reeducandas (VIII, X) estão no aprisionamento por pouco tempo e devem sair rapidamente.

Faz-se mister ressaltar que uma das características do CRF é a de ter um alto fluxo de rotatividade, isso se deve tanto às transferências de mulheres que burlam as normas da instituição, e por isso retornam para a penitenciária, como pelas saídas das que recebem a liberdade. O tempo de reclusão em um CRF é pequeno, em comparação às penitenciárias, porque somente réus primários com bons antecedentes podem ter acesso a esse modelo prisional.

A questão de número sete refere-se ao tempo que elas ainda teriam que cumprir dentro da unidade prisional.

Quadro 9 - Tempo de Prisão

	Tempo de Prisão	Quantidade	Participantes
1	Até três meses	0	0
2	De três até cinco meses e vinte nove dias	1	VIII
3	De seis até nove meses e vinte nove dias	1	X
4	Um ano até dois anos e 11 meses e vinte nove dias	2	V - VI
5	De três anos para mais	6	I - II - III - IV - VII - IX

Fonte: Pesquisador 2012

A resposta obtida na pesquisa foi a seguinte: até três meses - uma mulher (IX); de seis meses até nove meses e 29 dias - uma mulher (II); de um ano até dois anos e 11 meses e 29 dias - três mulheres (I,III,V); de três para mais anos - duas mulheres (IV,VII).

Notamos que das dez reeducandas que responderam à pesquisa nesta questão, sete delas se enquadraram nas opções oferecidas pelo questionário, enquanto outras três tiveram outras respostas que não apareciam no questionário, mas foram transcritas por elas, a caneta, na própria questão.

Nesta pergunta, obtivemos as seguintes respostas: as participantes (VI) e (VIII) não sabiam quanto tempo teriam que cumprir, porque não haviam sido julgadas pela justiça; dessa maneira, não tinham sentença.

A participante X já havia cumprido toda a sua pena e não foi liberta, este dado revela o quanto precisamos melhorar o nosso sistema judiciário para que possamos pensar em uma sociedade melhor e mais justa.

Quadro 10 - Tempo de Prisão a Cumprir

	Tempo a cumprir	Quantidade	Participantes
1	Até três meses	1	IX
2	De três até cinco meses e vinte nove dias	0	
3	De seis até nove meses e vinte nove dias	1	II
4	Um ano até dois anos e 11 meses e vinte nove dias	3	I - III - V
5	De três anos para mais	2	IV - VII
6	Já cumprido	1	X
7	Sem sentença	2	VI - VIII

Fonte: Pesquisador 2012

Na questão de número oito foi perguntado às reeducandas se elas recebem visitas no CRF. Quatro delas responderam afirmativamente (IV, V, VI, IX) e a maioria, ou seja, seis mulheres (I, II, III, VII, VIII, X) responderam negativamente à indagação feita.

A segunda parte da questão pergunta de quem elas recebem visitas. As participantes IV e V apontaram o pai, mãe, irmãos e filhos; a participante V, a mãe e a IX, o marido e os familiares.

O abandono dos aprisionados pelos familiares e amigos é uma realidade nas unidades prisionais, no entanto, a mulher é mais prejudicada do que o homem; muito embora a população carcerária masculina seja muito maior que a feminina. O homem, enquanto companheiro, muitas vezes, abandona a própria mulher, deixando-a só para cuidar dos filhos. Ele a abandona na prisão pagando por uma pena que deveria ser dele, mas ela, sendo primária, assume a culpa e o livra de uma pena maior. E as crianças, como ficam? São destinadas a serem cuidadas pelos avós maternos, na maioria das vezes, ou seguem a vida como sendo fruto de uma adoção do meio social, longe da estrutura familiar o que lhes abre a possibilidade de serem leitores do crime, na grande maioria das vezes.

Essa pesquisa aponta para o fato de que, entre as solteiras, temos quatro participantes (I, II, III, e VII) com dezoito crianças envolvidas; a partir de tal comprovação, perguntamos: onde estarão os pais dessas crianças, companheiros dessas mulheres? Ou presos, ou vivendo sua vida ao lado de outra mulher. O fato de não receberem visitas e estarem apartadas da sociedade lá fora é uma maneira de as induzirem a procurar notícias dos seus, na prisão, sendo, as cartas, o meio mais fácil, porém demorado.

A maioria tem um nível escolar baixo, o que faz da leitura uma munição para os seus cérebros e combustível para os seus dedos, ao usar o papel para contar sobre si aos seus.

Quadro 11 - Recebe Visitas?

	Tem filhos?	Quantidade	Participantes
1	Sim	4	IV - V - VI - IX
2	Não	6	I - II - III - VII - VIII - X
De quem?			
	Visitantes	Quantidade	Participantes
1	Mãe, irmãos, filhos	1	IV
2	Mãe	1	V
3	Mãe, pai e irmãos	1	VI
4	Marido e familiares	1	IX
5	Não recebe visitas	6	

Fonte: Pesquisador 2012

A questão de número nove trata do grau de escolaridade que elas possuem. Nos resultados, apuramos o não aparecimento de mulheres analfabetas; duas que possuem o fundamental incompleto (I e III); duas que concluíram o fundamental (II e IV); uma com o ensino médio incompleto (VIII); três com ensino médio completo (VI, VII e IX); duas com ensino superior incompleto (V e X) e nenhuma com ensino superior completo.

Notamos uma relação entre a escolaridade de algumas participantes com a quantidade de filhos, ou seja, as reeducandas que têm um menor nível escolar, aquelas que cursaram até o ensino fundamental completo, destacam - se quanto à quantidade de filhos e também estabelecem uma relação com o seu motivo de prisão, ou seja, o envolvimento com o tráfico de drogas (I, II, III, IV). Enquanto aquelas que têm o superior incompleto, não tem filhos e encontram-se em uma faixa etária superior a 30 anos (V, X)

Quadro 12 - Escolaridade

	Grau de escolaridade	Quantidade	Participantes
1	Ersino Fundamental Incompleto	2	I - III
2	Ersino Fundamental Completo	2	II - IV
3	Ersino Médio Incompleto	3	VIII
4	Ersino Médio Completo	1	VI - VII - IX
5	Ersino Superior Incompleto	2	V - X
6	Ersino Superior Completo	0	

Fonte: Pesquisador 2012

A questão de número dez pergunta às reeducandas se estudam na unidade prisional. A resposta de oito delas (II, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X) foi negativa e as duas restantes (I, III) afirmaram estar fazendo o ensino fundamental com uma professora da FUNAP.

Apesar de o CRF ser uma instituição prisional diferenciada, quanto à maneira de lidar com as reeducandas e proporcionar a elas uma melhor condição de vida dentro da unidade, ainda faltam recursos e incentivos para que outras melhoras possam acontecer, como por exemplo, a instalação de um ensino médio e de projetos com cursos profissionalizantes variados, fornecendo condições para que a apenas possa sobreviver melhor lá fora, sem precisar reincidir. Isso seria uma maneira de preencher o vazio de vidas tão desgastadas com novas oportunidades.

Quadro 13 - Estuda?

	Sim/Não	Quantidade	Participantes
1	Sim	2	I - III
2	Não	8	II - IV - V - VI - VII - VIII - IX - X

Fonte:Pesquisador 2012

A 11<sup>a</sup>. questão foi dividida em três partes, a primeira indaga quanto ao costume de ler, tendo sido afirmativa a resposta de todas. Na segunda parte, procuramos saber o que leem costumeiramente na prisão, conforme as opções apresentadas no questionário.

As suas respostas foram dadas da seguinte maneira: livro - nove reeducandas (I, II, III, V, VI, VII, VIII, IX, X); bíblia - oito reeducandas (II, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X); revista - sete reeducandas (I, II, IV, V, VI, IX, X); jornal sete reeducandas (I, IV, V, VI, VIII, IX, X); artesanato e culinária - duas reeducandas (VII e IX). Como uma última parte da questão de número 11, caso tivessem optado por responder que não têm o costume de ler, questioneei o porquê disso, fornecendo algumas opções para explicar tal procedimento, no entanto a questão ficou invalidada, pois todas disseram ter o hábito da leitura.

Observei em suas respostas que todas gostam ou têm costume de ler, por isso apontam o livro e a bíblia como sendo os que mais lhes chamam a atenção. No entanto, por se tratar de um ambiente carcerário, onde elas sabem estar ali restritas por algum desvio de conduta, procuram se apegar à religião e à fé como sendo uma tábua de salvação. Assim sendo, os livros que afirmam ler, em sua maioria, são romances religiosos (espíritas) e livros de autoajuda. Dessa maneira, acreditamos serem poucas aquelas que gostam de textos literários, ou talvez por não terem tido oportunidade de ler e compreender esses escritos. Muitas vezes, o não entendimento do escrito lido é um forte fator para que elas, tendo em vista o nível escolar baixo e as dificuldades de compreensão, se sintam desmotivadas para fazer esse tipo de leitura.

Quadro 14 - Tem costume de ler ?

	Sim/Não	Quantidade	Participantes
1	Sim	10	I - II - III - IV - V - VI - VII - VIII - IX - X
2	Não	0	
O que lê ?			
	O que lê	Quantidade	Participantes
1	Revista	7	I - II - IV - V - VI - IX - X
2	Jornal	7	I - IV - V - VI - VIII - IX - X
3	Livro	9	I - II - III - V - VI - VII - VIII - IX - X
4	Culinária/Artesanato	2	VII - IX
5	Bíblia	8	II - IV - V - VI - VII - VIII - IX - X
Por que não gosta de ler?			
1	Não Gosta		
2	Falta de Costume		
3	Não Tem Material para Leitura		
4	Tem Preguiça		

Fonte: Pesquisador 2012

A 12ª. pergunta procura aprofundar-se um pouco mais na questão sobre a leitura, ao solicitar às aprisionadas que citem duas obras que mais gostaram de ler. As respostas foram as seguintes: livro espírita e romance (I); bíblia e autoajuda (II); Doce lar; Favela e Tambores de Angola (III); Mudança de Planos e Livro Bíblico de Jó (IV); Livros e Bíblia Livros Espíritos e Revista Seleções (VII); Bíblia e Na Margem do Rio Piedra Sentei e Chorei (VIII), a Cor da Ternura e O Escafandro e a Borboleta (XI); O Retrato de Dorian Gray, O Cortiço, Incidente em Antares (X).

Observamos aqui que três participantes (V, II, I) não citaram o título de obras lidas, apenas generalizaram, revelando que, ou a leitura foi apenas um passatempo sem nenhum sabor, ou que elas não leem como afirmam fazê-lo.

Seis participantes (I, II, III, IV, V, VIII) citaram romances psicografados e a bíblia como referência de suas leituras, o que denota a força da religião nos ambientes carcerários. A religião está em constante presença, por meio de ações de evangelização, desenvolvida por pastores de várias igrejas evangélicas e pela pastoral carcerária de denominação católica. Acreditar em Deus é muito importante no ambiente carcerário, contudo é preciso evitar o fanatismo que também leva a muita discórdia dentro do ambiente prisional.

No entanto, duas reeducandas citaram em suas respostas alguns livros considerados clássicos na literatura mundial, por exemplo, a participante X (nível superior incompleto) que leu: O Retrato de Dorian Gray, Incidente em

Antares e O Cortiço.

Essa reeducanda, quando foi aprisionada, cursava a Faculdade de Comunicação Social, com enfoque em publicidade e propaganda, em uma instituição de ensino do interior paulista; possivelmente sua formação pode ter influenciado em suas leituras, porque os livros por ela citados enfocam problemas de ordem social.

Um fato a se destacar sobre essa participante é que duas obras lidas por ela - O Retrato de Dorian Gray, O Cortiço - foram publicadas em 1890, na mesma época em que foram escritos os contos machadianos lidos nesta pesquisa. Tal fato pode significar que a temática trabalhada dentro dos textos tem relação com o seu gosto cultural, a agradam e justificam os seus comentários nas sessões de que participou.

Outra reeducanda, participante IX, com ensino médio completo, destacou a leitura do Escafandro e a Borboleta e a Cor da Ternura, obras que refletem questões sobre superação de obstáculos físicos e o preconceito racial, esta leitura oferece influência na reeducanda ao comentar os contos machadianos.

As participantes I,II, III, IV, V, VII citam livros religiosos como fonte de suas leituras, o que denota que podem não ter sido despertado nelas , por falta de oportunidade, o uso da literatura como leituras do seu cotidiano. Por isso, é importante abrir espaços nas unidades prisionais para projetos que se utilizem de textos literários e outros gêneros, pois isso lhes dará incentivo e oportunidade de conhecer o livro de maneira mais abrangente.

Quadro 15 - Duas Obras Que Mais Gostou de Ler

	Literatura	Religião	Outros	Participantes
1	Romance	Livro espírita		I
2		Bíblia	Auto - ajuda	II
3		Doce lar a favela , Tambores de Angola		III
4		Mudança de planos, livro bíblico de jó		IV
5	Livro	Bíblia		V
6		Ame o que é seu		VI
7		Livro espírita	Revista seleções	VII
8	Nas margens do Rio Piedra sentei e chorei	Bíblia		VIII
9	A cor da ternura , Escafandro e a Borboleta			IX
10	O retrato de Dorian Gray, O cortiço, Incidente em antares			X

Fonte: Pesquisador 2012

A última questão, a de número 13, vem indagar às participantes se elas costumam assistir a novelas na televisão e, caso o façam, qual gênero preferem. As respostas foram unânimes - todas apreciam e desenvolveram o hábito de assistir novelas. Entre os gêneros de que mais gostam, dos destacados na pergunta, estão: sete mulheres gostam da comédia (I, IV, VI, VII, VIII, IX, X); seis gostam do gênero época ( I, II, IV, V, VIII, X); cinco mulheres gostam do drama (IV, VII, VIII, IX, X).

Continuando a questão, foi perguntado se existe (m) outro (s) gênero (s) não aludido(s) na indagação que gostariam de citar. Somente a participante III afirmou gostar do gênero suspense, acrescentando-o à pesquisa.

Pelas respostas dadas, percebemos que a televisão ocupa grande parte do tempo dessas mulheres, enquanto as páginas impressas ficam cada vez mais em desuso.

Quadro 16 - Assiste à Novelas?

	Sim/Não	Quantidade	Participantes
1	Sim	10	I - II - III - IV - V - VI - VII - VIII - IX - X
2	Não	0	
Gênero de que mais gosta ?			
	Qual?	Quantidade	Participantes
1	Drama	5	IV - VII - VIII - IX - X
2	Época	6	I - II - IV - V - VIII - X
3	Comédia	7	I - IV - VI - VII - VIII - IX - X
Outro gênero? Qual?			
1	Suspense	1	III
2			
3			
4			

Fonte: Pesquisa 2012

Após a caracterização das reeducandas participantes da pesquisa, teremos, na sequência, a montagem do perfil leitor dessas mulheres. Diante das respostas obtidas, foi possível entrever algumas inconsistências que provavelmente podem supor que a não veracidade da afirmação do hábito de ler pelas reeducandas.

Por exemplo, na questão de número 12 foi pedido a elas que citassem o título de duas obras que mais gostaram de ler; as respostas se apresentaram de maneira a desenhar um perfil de mulheres que não tem por hábito a leitura de textos literários.



Ao concluirmos o questionário aplicado, notamos que o ato de ler para a maioria das participantes (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII) é uma atividade para passar o tempo, uma diversão, e não foi compreendido como capaz de ampliar sua visão de mundo. Destaco duas reeducandas (IX, X), com ensino médio completo e superior incompleto, as quais se referiram à obras (A Borboleta e o Escafandro, A cor da ternura, O cortiço, Incidente em Antares, O retrato de Dorian Gray) clássicas da literatura mundial, demonstrando um aprimoramento da leitura. No entanto, ao caracterizar o ato de ler dessas mulheres, observei que elas não o entendem como mola propulsora para ampliar a sua compreensão de mundo. Esse enfoque precisará ser orientado nas próximas etapas da pesquisa, ou seja, nas sessões de leituras e na leitura encenada.

### 3.2 Triangulação de resultados: Questionário, Relatos Orais e por escrito e leitura encenada

Neste capítulo apresentarei os resultados coletados baseados na triangulação metodológica, ou seja, os “(...) esforços para combinar, numa única investigação, diferentes métodos de recolha e análise de informação.” (DUARTE, 2009, p. 03).

Para tanto ficou estabelecido combinar em um só texto as análises feitas do questionário aplicado às dez participantes da pesquisa, os relatos de experiência de leitura (orais e por escrito) e a leitura encenada, como uma forma de se obter a resposta para a questão de pesquisa levantada.

O questionário de perfil caracterizador de leitoras do CRF contendo dados pessoais de cada reeducanda como idade, grau de escolaridade, tempo de prisão, motivo de prisão, o que lê. Estes dados foram aliados às falas das participantes nos relatos de experiências.

Os relatos de experiências de leituras são compostos pelos relatos orais anotados no diário de campo pelo pesquisador durante as sessões de leitura e pelos relatos escritos por cada uma das reeducandas sobre o conto lido.

Esses relatos giraram em torno da atividade de leitura de três contos

machadianos - Idéias de Canário, A agulha e a Linha e A Igreja do Diabo - que foram lidos em seis reuniões com as dez participantes.

A leitura encenada foi uma atividade em grupo de transposição de linguagem épica para cênica, da qual destacarei algumas falas que julguei importantes na construção das análises.

Os resultados obtidos pela triangulação desses dados, ou seja, questionário, relatos orais e escritos, e a leitura encenada propiciaram-nos atingir aos seguintes objetivos propostos:

- caracterizar o** significado do ato de ler para as reeducandas;
- discutir com as reeducandas a importância do ato de ler;
- constatar por meio dos relatos de experiências de leituras das reeducandas, anotados no diário de campo do pesquisador, ou, os escritos por elas e entregues, a maior ou menor compreensão de leitura de cada um dos textos machadianos;
- incentivar a leitura como uma prática social do cotidiano das reeducandas.

As análises desses dados possibilitaram-me entender as características leitora de cada reeducanda, bem como a compreensão delas sobre os interstícios dos textos literários presentes em seus relatos de experiência (orais e escrito), além de uma melhor compreensão de como transformaram a interpretação pessoal do conto para o concreto da encenação, podendo assim propiciar um incentivo à prática social da leitura como parte do seu dia a dia.

Após relacionar todos esses resultados poderei responder ao questionamento levantado que orientou esta pesquisa: pode a prática social de experiência de leitura de textos literários ampliar a visão de mundo de mulheres aprisionadas?

## 3.2.1 Relatos de Experiências de leitura - Participante I

Quadro 17 - Perfil da Participante I

Característica da Participante	Perfil Leitora
25- 29 anos e 364 dias	Ensino fundamental incompleto
Solteira	Estuda
Quatro filhos	Tem costume de ler
Tráfico de drogas	Revista, jornal , livro, biblia
De três anos para mais presa	Livro espirita, romance
Resta cumprir de um ano até dois anos e onze meses e vinte nove dias	Assiste à novela
Não recebe visitas	Época e comédia

Fonte: Pesquisador 2012

Idéias de Canário

Logo após a leitura do conto, feita por todas, perguntei- lhes:

- O que vocês veem na gaiola?

A participante de 20 e poucos anos, com ensino fundamental incompleto, conseguiu estabelecer a relação entre ela, o pássaro, a gaiola e a prisão.

- Tadinho do pássaro está preso e eu também .

Nesta resposta a reeducanda, além de se comparar ao pássaro da gaiola, usa a expressão “Tadinho” que pode, na minha opinião, revelar um sentimento de autopiedade, uma vez que não recebe visita, segundo a sua resposta à pergunta do questionário.

Ao analisar a fala da participante compreendi que o emprego da expressão “tadinho” pode ser revelador de uma sensação de abandono talvez sentida pela participante por ser mãe de quatro filhos e não receber nenhuma visita.

Retratando o valor da literatura como fonte provocadora do auto conhecimento do leitor, Compagnon (2010, p. 142) ressalta o seguinte :“O leitor é

livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro.”

Esse caminho percorrido pela reeducanda, no qual ela se reconhece no texto que leu, é importante para o seu processo de crescimento, por que as suas relações com o texto podem conduzi-la a reflexões sobre a sua vida, compreendendo-a melhor. Este exercício de pensar e relacionar o que leu com a sua vida pode ajudá-la a ter uma compreensão ampliada do mundo em que vive, na busca por novas respostas e significações propiciando a possibilidade de reconstruir o seu projeto de vida.

- Muitos têm conforto na cadeia, que não tem na rua.

A reeducanda aborda ainda o porquê muitas apenas não desejam sair do aprisionamento. Em sua fala, talvez fruto de sua experiência de três anos como prisioneira, alega que muitas se sentem acomodadas por que sabem que no mundo fora das grades terão que trabalhar para obter o seu sustento, o que na prisão é gratuito. Por pior que seja este sistema, muitas aprisionadas preferem ficar nele, e, por esta razão, ao saírem da prisão transgridem para que possam voltar para o interior da cela novamente.

Ao compartilhar com ela as leituras dos contos e ouvir suas falas pude perceber um descrédito quanto ao mundo fora da prisão, quanto à justiça, e tive a impressão de ela não se importar por sair daquele local.

Em seu relato por escrito, a reeducanda complementa que o canário, apesar de estar constantemente mudando de ambiente, o que poderia significar um crescimento para ele, não revela nenhuma evolução em sua forma de pensar. Ela explica:

- Que apesar dele viver em uma gaiola ele era feliz. Para ele tanto fazia ser uma gaiola pequena ou grande ele estava dentro de uma gaiola. E mesmo quando ele ganhou a liberdade e continuou sendo o mesmo canário.

No relato da participante, o canário era feliz apesar de estar preso, e na minha avaliação, ela poderia estar traçando um paralelo entre a situação de vida do pássaro e a sua própria. No entanto, a expressão “tadinho”, usada em sua primeira fala, pode inviabilizar essa possibilidade.

Ela explica que a liberdade não significou nenhuma mudança para o pássaro, o que pode indicar a apatia com a sua vida, ou talvez, por gostar de ler livros espíritas possa estar aí o seu conforto com a situação em que se encontra, ao saber que aquilo que acontece em sua vida pode ser um reflexo de suas atitudes. Este pensamento foi por mim entendido ao refletir sobre as suas últimas palavras em seu relato escrito:

(...) se não soubermos viver, não viveremos bem nem livre e nem presa. Porque muitas vezes somos livres e não sabemos usar nossa liberdade da maneira que temos que usá-la.

Foram as conversas na biblioteca da unidade prisional reveladoras do costume de ler jornais, livros e revistas, por parte da participante. Nelas, faz comentário sobre o tráfico de pessoas, apontando para a corrupção nos órgãos públicos competentes como sendo responsáveis ao apoiar ou facilitar este tipo de crime. Segundo ela, isto acontece principalmente com famílias numerosas e pobres, quando as crianças são retiradas dos pais pela justiça e entregues em adoção para uma família de poder aquisitivo alto.

- Aqui em acontece o tráfico de crianças, a própria justiça colabora para roubarem os filhos de famílias pobres e desinformadas e vendem para pessoas de posses.

O relato da reeducanda sobre tráfico de crianças, por vezes apoiados por pessoas ligadas a órgãos públicos, levou-me a questionar se a justiça foi estabelecida para punir apenas os mais pobres e miseráveis. A reeducanda formula a seguinte questão :

- Porque não se tem pena de morte no Brasil?(Todas riem)Somente os

pobres e miseráveis morreriam.

Este comentário da reeducanda me fez relacioná-lo com o da pesquisadora Câmara (2011, p. 2) que encara a impunidade de determinadas castas de poderosos como sendo “(...) uma afronta aos miseráveis que nada significam para muitos e são usados para exemplo e exercício de aplicação das leis punitivas”.

Desta maneira, quando a reeducanda foi provocada pela leitura do conto e teve a oportunidade de estabelecer um diálogo - “uma relação íntima entre o texto e a subjetividade (...)” (LAROSSA, 2002, p. 136) com este texto, a experiência vivida pode ter-lhe permitido alicerçar o seu discurso fundamentado na percepção das relações entre o texto - o conto de Machado de Assis - e o contexto - a sua vida na prisão - (FREIRE, 2008) propiciando-lhe apreender novos saberes.

### A Agulha e a Linha

A participante que, em sua resposta ao questionário diz assistir a novela, faz a ponte entre as personagens do texto literário e as da novela da globo.

- Na novela Lado a Lado, da rede globo (2012), a agulha é a baronesa Constância e a linha é a Isabel (personagens da novela).

O entendimento dela é de que a baronesa representava um tipo de pessoa arrogante, que se fiava pela aparência, o que naquela época era comum. Esta novela, citada pela reeducanda, que é de época, propiciou uma demonstração do contexto histórico vivido por Machado, quando escreveu este conto A agulha e a linha, permitindo que pudessem conhecer costumes da época. Lembro que a novela é escrita com base no contexto histórico e social vivido entre os anos de 1900 e 1910, épocas próximas a da escrita dos contos.

Esta reeducanda conseguiu captar algumas semelhanças que existem entre a baronesa Constância como a agulha e a Isabel como a linha. Por exemplo, a baronesa pertencia à elite, os nobres daquela época o que a fazia

mais próxima da agulha. A Isabel, a outra personagem da novela, se parecia com a linha e poderia representar uma classe emergente, com posses, muito embora não tivesse nenhum título de nobreza. Ambas as personagens, agulha e a linha, eram possuidoras do poder, a baronesa (em decadência) com o título de nobre, e Isabel, emergente, com o dinheiro, o novo fator social que estava surgindo.

Ela ainda completa o seu pensamento sobre a agulha e a linha ao escrever:

Bom no meu pensar como a agulha e linha existe várias pessoas arrogantes e fúteis como elas. Mas fazer o que né o mundo desde que é mundo existe pessoas como agulha e linha.

Os seus mais de três anos dentro de uma unidade prisional podem ter propiciado a esta reeducanda uma compreensão dos jogos de poder existentes não só no interior de nossa sociedade, como também dentro da unidade prisional, onde talvez tenha passado por dores e dissabores que podem ter composto os textos vivos de sua formação como leitora, levando-me ao pensamento de Manguel (2010, p.33) “ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes”.

Após a leitura desse conto, houve na biblioteca, o seguinte diálogo:

Participante - Você é metida como a agulha.

Participante VI- E você, entojada como a linha .

As duas participantes acabaram se identificando com o diálogo tecido por Machado entre a agulha e a linha, sendo elas, as primeiras reeducandas a proporem para interpretarem esses personagens do conto. A escolha dos papéis para a leitura encenada pode definir comportamentos das participantes, ou seja, as personagens disputavam o poder. Tanto a agulha quanto a linha se julgavam indispensáveis na confecção da roupa, contudo, queriam mais do que

isso, desejavam ser a mais importante, fazendo da outra uma coadjuvante. A reeducanda, a partir da escolha de seu personagem, deixa de ser leitora para ser escritora e faz de sua vida um grande livro.

Dizer que um autor é um leitor, ou um leitor, um autor, considerar um livro como um ser humano o um ser humano como um livro, bdescrever o mundo como um texto ou um texto como o mundo são forma de nomear a arte do leitor. (MANGUEL, 2010, p. 196)

A leitura é importante por que pode fazer da ficção um espelho da realidade, e através dele poderemos enxergar a nossa própria imagem, compreendendo-a melhor, compondo-a melhor.

Para a participante com um tempo grande de reclusão, e que tem o costume de ler, o projeto pode ter possibilitado um avanço no diálogo com o texto literário, propiciando o burilamento do leitor.

A expressão “tadinho do pássaro” pode conter mudanças em sua forma de conceber a prisão, a liberdade e o homem.

### 3.2.2 Relatos de Experiências de leitura - Participante II

**Quadro 18 - Perfil da Participante II**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
25 - 29 anos e 364 dias	Ensino fundamental
Solteira	Não estuda
Três filhos	Tem costume de ler
Tráfico de Drogas e Associação	Revista, livro e biblia
De três anos para mais que está presa	bíblia e autoajuda
Resta cumprir seis meses até nove meses e vinte nove dias	Assiste à novela
Não recebe visitas	Época

Fonte: Pesquisador 2012

#### Idéias de Canário

A participante II, uma jovem de menos de 30 anos, solteira, ensino fundamental completo, associa o canário ao escritor Machado na leitura que fizemos de Idéias de Canário.



- O canário era o próprio Machado.

A participante, que tem o costume de ler, consegue explicitar em sua escrita, a razão pela qual estabeleceu esta associação entre o escritor Machado de Assis e o canário:

- Creio eu que o canário era o próprio Machado de Assis descrevendo tuas lutas, tropeços, vitórias e conquistas.

Compreende a reeducanda que as mudanças de ambiente que o canário sofreu significa uma associação às dificuldades, tropeços e vitórias na vida do escritor. Por isso, revela em suas palavras a crença de que o canário era Machado de Assis.

Ao analisar o percurso feito pela participante na compreensão de um personagem do texto e, ao levar em consideração a porosidade do conto como uma obra literária, fez-me pensar sobre o ato de ler e suas múltiplas facetas, que não pode nem deve ser confundido apenas com o decifrar de letras, ou mesmo, àquela corrida de olhos que fazemos quando lemos um jornal. Ler é uma ação complexa que leva ao caminho da nossa formação como pessoas que somos, ou seja, por meio da leitura sedimentamos nossas convicções, caráter e personalidade, e isto se reflete na maneira como enxergamos o mundo a nossa volta. Segundo Larrosa (2002, p. 135) a leitura tem que se tornar uma experiência para o leitor, ou, "(...) aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa".

A experiência da leitura é subjetiva, e depende de que o sujeito seja capaz de "deixar que algo lhe passe, quer dizer, que algo passe a suas palavras, a suas ideias, a seus sentimentos, a suas representações, etc." (LARROSA, 2011, p. 7), o que pode ter acontecido com essa reeducanda.

Em outra situação, a reeducanda expõe que:

- O mundo é um livro e nós somos os escritores, com o tempo viramos a página e vamos escrevendo nossa história.

Esse relato feito pela participante reforça a ideia de que para ela, Machado representa o canário, por que denota que ele escreveu em um conto detalhes de sua história e, de maneira similar, todos nós também o fazemos, ao vivermos as nossas vidas, na qual as marcas das vivências são escritas em nosso interior, de onde nunca se apagam. Estas palavras proferidas pela participante recordam-me o que Manguel (2010, p. 204) escreveu: “O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo, assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos”.

Houve outro questionamento:

- O que pode representar à gaiola?

A participante II ampliou o sentido da palavra gaiola ao dizer:

- A mente pode ser uma prisão.

Com essa declaração notei que a reeducanda compreendeu que a gaiola pode ser mais do que grades literais, pode significar prisão em nossa maneira de pensar. Ela complementa o seu pensamento:

Hoje em dia muitas pessoas vivem em vários tipo de gaiolas presas no preconceito, mágoas, egoísmo, discriminação, ódio, racismo, etc... Enfim, eu também já vivi em uma pequena gaiola presa no meu egoísmo, ganancia em meu próprio e único bem estar que o dinheiro me trazia. Hoje faz 4 anos e 5 anos que estou privada de minha liberdade .

Na escrita desta participante observo que não só a mente é uma prisão, como alguns sentimentos negativos que estão enraizados no interior do ser humano. Ela escreve que também ficou presa nessa gaiola, Ao dizer isso, pode estar se referindo as suas atividades junto ao tráfico de drogas, ao dinheiro que ele proporciona, levando a ser presa em uma unidade prisional, onde permanece até hoje, aproximadamente cinco anos.

No entanto, a reeducanda reconhece que a prisão lhe serviu de aprendizado, o qual pretende aproveitar ao sair. Ela relata:

- A partir da gaiola nasce um ensinamento para quando lá fora usar esses ensinamentos.

Esta reeducanda, com menos de 30 anos, cumpriu mais de três anos na prisão. Com todos estes anos de aprisionamento, a reeducanda passa por momentos de muita solidão, pois não recebe visita de seus três filhos ou de qualquer outro familiar.

A leitura da palavra pode alimentar a leitura de mundo, e esta, por sua vez, ficar mais abrangente para se tomar decisões das mais importantes para nossa vida. Essas decisões podem implicar em vivermos bem ou não, por esta razão, o ato de ler é importante por que “Todo o tempo estamos lendo - ler é uma condição de sobrevivência. Aos homens que não lêem, e não apenas o verbal, não é fácil sobreviver.” (YUNES, 2003, p. 42)

No entender da reeducanda, o texto literário propiciou a ela compreender que era preciso imitar o pássaro em atitudes para sair de sua gaiola. Ela esclarece isso ao dizer:

-O canário, nunca desistiu de lutar, antes, correu atrás de seus objetivos e foi vencendo.

No entanto, no conto não há indícios de que o pássaro tenha desejado fugir ou se esforçado para isso. Mas, a literatura é um mar aberto a interpretações que se interligam com pedaços de nosso interior, aliando os nossos objetivos e anseios à leitura feita do texto, conduzindo a nossa interpretação. Acredito que a reeducanda fez uma projeção de si no personagem do canário, partilhando o seu objetivo e desejo de sair de sua gaiola e vencer.

Gostaria ainda de ressaltar que este tipo de comentário feito pela reeducanda anteriormente pode ser relacionado ao tipo de leitura que ela costuma ler, ou seja, o livro de autoajuda. As palavras “nunca desistir de lutar e foi vencendo” revelam um pensamento positivo e altruísta que é sempre preconizado como sendo o segredo para a felicidade, neste tipo de literatura.

O texto conseguiu a atenção da reeducanda porque estabelece uma

relação entre a gaiola, onde o canário está preso, e a prisão na qual a participante se encontra. Esta similaridade de situação provocou a sua imaginação e permitiu que ela fizesse as suas relações, que ela, uma sem voz, falasse e fosse ouvida. Este fato evidencia a importância de projetos de leitura na prisão promovendo a interação entre os apenados, e também o desenvolvimento do pensamento e da reflexão, além da valorização dos mesmos por meio de suas escritas.

### A Agulha e a Linha

No conto A agulha e a linha a participante II teceu algumas relações entre personagens como a agulha e a linha, da seguinte maneira:

A linha e a agulha não conseguiam enxergar que uma precisava da outra, e assim iam seguindo as discussões uma querendo passar por cima da outra. A agulha precisava da linha para fazer o sofisticado vestido da baronesa. A linha também precisava da agulha para o acabamento do vestido.

A reeducanda ressalta em sua escrita a atitude individualista das duas personagens, que ao invés de reconhecerem que não fazem nada sozinhas, compreendendo que há uma dependência mutua nas ações, investem em uma disputa tola para eleger qual delas é a mais importante na execução das tarefas. Nesta peleja desmedida, esquecem-se de que a agulha abre o buraco no pano, contudo, a linha é quem costura para prendê-lo, portanto, é na somatória dos labores que o vestido se faz. É baseado neste pensamento que ela expõe a importância de reconhecer o valor do outro em qualquer etapa de nosso convívio social, principalmente dentro da unidade prisional.

A unidade prisional tem como característica principal ser conduzida por regra de disciplina rígida, mas, que não são eficientes porque não coíbem muitas ações violentas que se acontecem por entre os muros da prisão. Essas ações violentas e descabidas são pura demonstração de poder, revelando que ali o mais forte vence e comanda. Tais atitudes são textos que deformam

(LARROSA, 2011) o comportamento do apenado ao marcá-los profundamente, conforme a participante nos revela:

- Eu entrei na (penitenciária) uma menina indefesa, eu tinha síndrome de pânico. Fui obrigada a mudar para ser mais para ser respeitada e não servir de capacho. (O grifo é nosso)

O aprisionamento em si já é uma punição para o apenado, por que, conforme nos explica Onofre (2012, p. 53) ele perde as sua referência externa e adquire a da prisão:

(...) é despido de seu referencial, e o processo de admissão o leva a outras perdas significativas em relação ao seu pertencimento à sociedade. As despir sua roupa e vestir o uniforme da instituição, o indivíduo começa a perder suas identificações anteriores para sujeitar-se aos parâmetros ditados pelas regras institucionais.

Foi o que aconteceu com essa participante, deixou a sua referência de mundo ao entrar na prisão e vestir o seu uniforme, passando a sujeitar-se às normas e regras da prisão onde se encontra, perdendo assim todo o seu referencial de pertencimento a uma sociedade livre. A fala da jovem evidencia a necessidade de adaptar-se ao meio e aprender rápido as suas leis para que pudesse sobreviver, o que foi a duras penas. A reeducanda ainda fala sobre a síndrome do pânico, uma doença psíquica caracterizada pelo medo excessivo, contudo, esse relato pode justificar a sua leitura de livros de autoajuda, bem como o consumo de drogas.

Agora, fora de uma penitenciária e dentro de um CRF, o qual podemos ainda considerar como um órgão prisional que tem como objetivo reeducar para a vida, ela, pode tornar-se uma pessoa diferente da que era na penitenciária.

Saliento que a jovem expõe que ambientes melhores, com educação, trabalho, podem fazer a diferença na recuperação de uma aprisionada.

O CRF tem feito força para proporcionar isso, no entanto, precisa ser apoiado pelo governo não só nas falas e reuniões intermináveis que morrem em palavras, mas, com ações que se relacionem a empreendimentos para melhoria de vida no CRF feminino. O prédio onde se localiza o CRF de Rio

Claro, por exemplo, foi adaptado para ser uma unidade prisional, mas, precisa de melhorias em sua estrutura física para que possa melhor abrigar essas mulheres.

Bem como, com a saída da ONG da administração, por divergências alheias ao meu conhecimento, questões como saúde, alimentação, a presença de profissionais como psicólogos, assistente sociais, ficaram prejudicadas.

Este pensamento, de que as condições vividas nos presídios não são tratadas com a seriedade necessária pelos responsáveis que se dedicam a reuniões que não chegam a nenhum lugar, é enfocado bem nas palavras da pesquisadora Câmara (2011, p.4):

A preocupação das instituições governamentais, manifestada por campanhas consideradas de interesse hegemônico sobre assuntos culturais e educacionais, não se faz acompanhar por ações definidas aos empreendimentos necessários. A questão da leitura e dos livros é estancada em diversas estâncias pela burocracia, por discussões e reuniões estéreis, pela premência de providências que em sua maior parte deixam de ser agilizadas.

Em vista de tudo aqui discutido pelos relatos desta reeducanda posso dizer que a leitura de textos literários pode ser uma prática social importante no aclaramento das ideias das reeducandas e o exercício da cidadania. Conforme nos retrata a pesquisadora: “Práticas sociais de leitura sugerem ampliação do conhecimento, interpretações reveladoras de uma compreensão mais clara da vida, do ser humano, caminho para a democratização cultural.” (CÂMARA, 2011, p. 6).

Incluída como uma prática social de leitura associa-se a leitura encenada, na qual esta participante escolheu o papel de professor de melancolia, sendo que ela fez a descrição deste personagem ao dizer:

O professor de melancolia ao ouvir a história fica mais frustrado ainda, já estava cansado de abrir caminho pra muita gente ingrata ir para frente. Ele não teve nenhum tipo de reconhecimento.

O personagem, o professor de melancolia, foi entendido pela reeducanda como estando cansado de não receber o reconhecimento devido, o que pode estar justificando o seu nome no conto escrito por Machado, pois, a insatisfação gera tristeza profunda nas pessoas. Este fato pode ter aproximado a

reeducanda do conto, pois, quando ela entrou em uma unidade prisional sofreu de Síndrome do Pânico, uma doença psíquica, que estreita a relação entre o personagem, o texto e a leitora.

### A Igreja do Diabo

A reeducanda, cuja escolaridade é de ensino fundamental completo, conseguiu compreender, a contradição humana existente no conto, ao dizer:

-Todos têm, ora capa de veludo com franja de algodão, ora capa de algodão com franjas de veludo, tudo depende de como a sociedade nos vê.

Ela relaciona a simbologia usada pelo escritor ao usar no seu texto a expressão “franjas de veludo e de algodão”, como sendo, uma forma preconceituosa na qual a sociedade estigmatiza as pessoas. O veludo é sinônimo de um material fino e belo, o que pode significar a classe elitizada da sociedade; contudo, o algodão, um material comum e sem brilho, pode estar representando as pessoas do povo, comuns.

Para o pesquisador a importância dos comentários da participante sobre o conto lido, não se circunscrevem à compreensão correta ou incorreta, mas, principalmente no exercício de levantar “a cabeça e dar continuidade ao texto com o nosso próprio discurso, com nossa resposta à interlocução provocada que nos oferece a palavra” (Yunes, 2003, p. 12).

Em todo ser existe o bem e o mal, depende de cada um a escolha.

Ao escrever esta frase a reeducanda admite a existência de dois lados no ser humano, o do bem e o do mal. Desta forma, ao se pensar em educação

“(…), para ser válida, deve levar em conta tanto a vocação ontológica do homem (vocação de ser sujeito), quanto as condições nas quais vive (contexto). Toda ação educativa deve, portanto, promover o indivíduo, e este, deve transformar o mundo em que está inserido, não se tornando um instrumento de ajuste à sociedade.(ONOFRE, 2012, p. 48)

A leitura por meio da experiência pode conduzir as reeducandas a este

processo de reconstrução, fazendo delas pessoas capazes de compreender melhor os textos da vida e atuarem, por meio de suas decisões, com uma leitura de mundo mais abrangente.

### 3.2.3 Relatos de Experiência de Leitura - Participante III

**Quadro 19 - Perfil da Participante III**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
30- 49 anos e 364 dias	Ensino fundamental incompleto
Solteira	Estuda
Dez filhos	Tem costume de ler
Tráfico de drogas e associação	Livro
De três anos para mais , presa	Doce lar... A favela, Tambores de angola
Resta cumprir de um ano até dois anos, onze meses e 29 dias	Assiste à novela
Não recebe visitas	Suspense

Fonte :Pesquisador 2012

#### Idéias de Canário

A participante III está na faixa etária entre 30 e 49 anos, solteira, e possui ensino fundamental incompleto. Essa participante me disse que gosta de ler livros literários, contudo, não os entende. Na sua primeira consideração sobre a leitura do conto - Idéias de Canário - ela relaciona o canário com uma pessoa que está presa:

- Uma pessoa jovem, que nunca trabalhou lá fora, que a maior parte de sua vida esteve presa na cadeia e lá não teve oportunidade de aprender nada. O que fará quando sair? É o mesmo caso do canário criado na gaiola.

Em seu relato a participante estabelece uma relação entre um pássaro criado na gaiola, que desconhece o mundo lá fora, com uma apenada que está condicionada à prisão por muitos anos e que nada aprendeu que pudesse ajudá-la no mundo além das grades.



A reeducanda aborda este assunto pensando em sua própria situação. O fato de estar na prisão por mais de três anos e ainda restarem quase dois para cumprir, agravado por ter idade superior a 30 anos e não possuir nenhuma qualificação desenvolvida no tempo em que está na prisão, deve gerar uma sua sensação de tempo perdido muito grande. Possivelmente, “(...) este sentimento de tempo perdido, destruído ou tirado de suas vidas (...)” (ONOFRE, 2012, p. 53), pode se configurar como motivo que a levou a participar da pesquisa.

Além disso, existe a questão do estigma carregado por toda ex-detenta ao procurar um emprego, sabendo que a dificuldade aumenta por sua escolaridade ser de fundamental incompleto, agravada pela responsabilidade de criar dez filhos aumenta ainda mais a pressão sobre essa reeducanda. Possivelmente estas várias razões devem preocupar essa participante que, provocada pela narrativa, formulou este questionamento, que aflige também a muitos outros na mesma situação.

A questão da perda do seu referencial de pertencimento ao mundo, que acontece quando o apenado adentra a prisão é muito bem esclarecida nas palavras de Onofre (2012, p.53):

Nesse momento, ele é despido de seu referencial, e o processo de admissão o leva a outras perdas significativas em relação ao seu pertencimento à sociedade. (...) observa que o encarcerado passa por um processo de descaracterização de sua identidade adquirida anteriormente nas relações com a família, amigos e instituições religiosas, educacionais, profissionais.

Percebe-se a preocupação da reeducanda com a educação, quando fala do apenado não aprender nada dentro de uma unidade prisional, sendo que, ao sair de lá se sente incapacitado para enfrentar as dificuldades que seu estigma de ex-detento lhe acarreta, de sua falta de preparação para a competição no mercado de trabalho. Desta maneira, fica evidente a importância de projetos que estimulem a leitura e a escrita, por que elas alimentam e ampliam a nossa visão de mundo. O ato de ler é uma conversa na qual os leitores respondem aos diálogos imaginários, alimentados por leituras passadas, que ouvem ecoar em algum local de suas mentes. Esses diálogos são respostas a

provocações silenciosas feitas por palavras escritas em uma página (MANGUEL, 2010).

As palavras escritas continuam a produzir inquietações na participante, que relata que as leis criadas para punir servem apenas para os pobres e negros, o que é confirmado pela pesquisadora Câmara (2011, p. 02) ao dizer: “(...) a violência da corrupção administrativa praticada pelos que se encontram no exercício do poder representativo ao tempo que articulam medidas punitivas a delitos que nunca os alcançam”. A participante comenta:

- Por que não tem pena de morte no Brasil? Por que nós seríamos os primeiros a morrer! Por quê? Pela cor, nível social, etc.. O Brasil é um país de corrupto.

A participante informa ter lido dois livros psicografados - Tambores de Angola e Doce lar a favela - que tratam de temáticas que envolvem episódios de discriminação contra o pobre e o negro, portanto, seu relato foi elaborado a partir de leituras anteriores que ficaram vivas em sua memória. Ela continua os seus comentários:

Como falar eu de um tão sábio, (...) Seu corpo ali aprisionado em uma gaiola, mas a mente buscava por novos horizontes. (...) um personagem determinado, audacioso que conseguia ver além daquelas horrendas grades de sua gaiola. Descobriria um mundo para explorar coberto de maravilhas, fazendo assim de cada descoberta, momentos inesquecíveis. Esse é e sempre será nosso saudoso machado de Assis, um canário que ganhou o mundo.

Em seu relato escrito a reeducanda revela a sua admiração pelo escritor que, segundo ela, temperou sua história com a realidade de sua vida. Embora a reeducanda encontre o escritor no personagem do canário, não há indícios no texto que confirmem que o pássaro buscava novos horizontes, no entanto, como nos diz Larrosa (2010, p. 11) o importante “do ponto de vista da experiência não é nem o que Kafka pensa, nem o que eu possa pensar sobre

Kafka, mas o modo como, em relação com os pensamentos de Kafka, posso formar ou transformar meus próprios pensamentos” (O grifo é nosso).

### A Agulha e a Linha

A reeducanda relaciona atitudes dos personagens fictícios e inanimados de Machado, a agulha e a linha, com a de pessoas que se encontram em meio à sociedade. Uma história que nos traz claramente diversos dos contratempos que temos no nosso dia a dia, como: a inveja, a soberba, a superioridade que uns acreditam ter sobre seu próximo.

A participante ainda associa o professor de melancolia à pessoa de Machado, que apesar de inteligente, também foi enganado por pessoas inescrupulosas.

- O professor de melancolia foi Machado de Assis, tão inteligente e também foi passado para trás. Hoje em dia nós vemos muitas pessoas com esse pensamento.

Talvez queira dizer que os inteligentes também são alvos de enganação. Logo na sequência ela reconhece a importância de saber que as outras pessoas também têm qualidades.

Onde na verdade somos uma corrente e sempre precisamos, um do outro para adquirirmos, o mínimo de sucesso na vida. A grande verdade é que desde, a baronesa até o menor dos plebeus somos todos iguais, e sem amor, educação, sem humildade não conseguimos chegar a lugar algum.

Reconhece em suas palavras o valor do outro na composição da sociedade. Ao ler este conto e observar as relações difíceis entre a agulha e a linha, a participante compreende que o convívio em sociedade é difícil e temos que estar preparados para o enfrentamento de opiniões e objetivos em diversas situações que acontecem em qualquer lugar no mundo fora das grades, e também dentro da unidade prisional.

Ela ainda nos conta do aprendizado que adquiriu com a leitura dos dois contos - Idéias de Canário e A Agulha e a Linha - nas seguintes palavras:

- A grande lição que tiro dos dois contos é que a falta de conhecimento pode causar a prisão em uma gaiola e permitir que sirvamos de escada para outras pessoas.

A participante denota que a falta de conhecimento, de leitura de mundo, pode nos conduzir a sermos prisioneiros de nossa inexperiência, e com isso sermos enganados por outros. A sua frase acima citada é a resignificação, para ela, dos contos lidos, e para o pesquisador revela os avanços significativos que pude notar na compreensão que ela foi demonstrando à medida que lia. Uma mulher com escolaridade de ensino fundamental incompleto, após a leitura dos textos literários e suas discussões, amplia a sua compreensão do mundo pela ampliação do sentido do que lê. Da simples relação entre o pássaro na gaiola e a reeducanda na prisão ela alça voo para entendimentos maiores, como o de uma possível causa para a sua prisão - a falta de conhecimento, a falta de discernimento nas situações vividas - e a do uso que outras pessoas podem fazer com os menos experientes, metaforizando esse uso no emprego da palavra escada. A experiência da leitura de textos literários alicerçada em sua leitura de mundo proporcionou-lhe construir um novo texto: o seu.

Ler significa adquirir informação, contudo, experienciar a leitura é muito mais que apropriar-se de um conhecimento. A experiência de leitura marca de maneira tão contundente que “forma, (de) forma e (trans) forma” (LARROSA, 2002, p. 133), enquanto a informação é como uma brisa suave que passa e logo vai embora, não deixa marca, é esquecida.

Ao referir-me ao fato da participante criar o seu texto, ela, na leitura encenada, fez o papel da costureira do conto A agulha e a linha. Trata-se de um papel sem falas, no entanto, aparece na narrativa introduzida pelo grupo de participantes, como uma forma de concretizar a linguagem escrita para a encenada, o que ela fez muito bem, caracterizando o seu personagem pelo figurino, maquiagem e postura no palco.

Além disso, a participante usa o personagem com inteligência para agradecer o trabalho do pesquisador e outros, mostrando que pode transformar as

palavras e a sua vida por meio da ampliação de mundo que a experiência de leitura pode produzir.

De ponto em ponto teci uma imensa admiração pelo trabalho de vocês.

### A Igreja do Diabo

O Diabo expressa a seguinte afirmação a Deus: “Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto.” (ASSIS, ANO, p. 28). A participante III ao ler esse trecho do conto fez o seguinte relato:

- Tem certas igrejas, em que participei que diziam: caso contribua com um real já tem garantido um dedo seu no céu, se for dez reais já garante um braço, com mil reais meio corpo e assim por diante. O tanto de comida que você tem em sua casa é o dízimo que você vai dar.

A reeducanda relaciona este trecho do conto com a imposição de muitas religiões por uma contribuição monetária, dízimo, como sendo uma maneira de garantir a sua participação no reino dos céus.

Na rotina do CRF são realizadas cerimônias religiosas aos sábados, com horários pré-determinados, na qual, cada instituição religiosa apresenta seu culto para as reeducandas. A visão da reeducanda não está equivocada, uma grande parte de religiosos tem feito da religião um comércio da fé, explorando de forma vergonhosa a devoção de seus fiéis.

Esta leitura da reeducanda sobre como agem muitas religiões no mundo, revela a importância de práticas sociais de leitura como geradora da “ampliação do conhecimento, interpretações reveladoras de uma compreensão mais clara da vida, do ser humano, caminho para a democratização cultural”. (CÂMARA, 2011, p. 6)

Esta participante apesar de ter apenas o ensino fundamental incompleto demonstra uma vontade muito grande em aprender, em se modificar, o que é comprovado por sua participação na pesquisa, no seu questionário ela coloca uma frase dizendo: Eu gostaria muito de participar. Isso atesta que essas

práticas são importantes e têm que ser expandidas dentro das instituições prisionais, principalmente a literatura, uma prática elucidativa, que é considerada como uma “(...) necessidade universal e cuja satisfação é um direito” (CÂNDIDO, 2004, p. 174). Desta forma, gostaria de destacar a participação desta reeducanda, que apesar de pouca instrução escolar soube demonstrar, por meio dos comentários e temáticas levantadas, que está no caminho certo para a construção de um novo projeto de vida. Lembrando assim, que o ato de ler significa bem mais do que informações escritas em um pedaço de papel, antes, implica em se entender que “(...) a vida é um texto, é história que se narra: ‘eu conto e o senhor põe o ponto’, diz o narrador insistente do Grande sertão” (YUNES, 2003, p. 9).

A experiência de leitura provoca marcas profundas no leitor, sem que ele se esqueça delas, por esta razão que ela “forma, (de) forma e (trans) forma” (LARROSA, 2002, p.133).

### 3.2.4 Relatos de Experiências de Leitura - Participante IV

**Quadro 20 - Perfil da Participante IV**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
25- 29 anos e 364 dias	Ensino fundamental
Viúva	Não estuda
Três filhos	Tem costume de ler
Tráfico de drogas	Revista, jornal, bíblia
De três anos para mais , presa	Mudança de planos, livro bíblico de Jó
Resta cumprir de três anos para mais	Assiste à novela
Clérus, Mãe, Canário e filhos	Drama , época e comédia

Fonte :Pesquisador 2012

A participante IV, uma mulher na faixa etária entre 25 e 29 anos, viúva, ensino fundamental completo, menciona em seu relato o que significa, para ela, a gaiola e o canário:

O canário preso em sua gaiola, mostra um pouco da prisão de cada um, não

só de uma prisão ir e vir, mais sim de uma prisão de pensamento de expor as nossas ideias os nossos pensamentos.

Em seu relato escrito a reeducanda relaciona a prisão de grades literais ao silêncio necessário dentro do ambiente que vive. É difícil se manter calado ao passar em nossa frente textos que desagradam, agridem e ferem, os quais destinam nossas próprias palavras a serem mantidas na cela de nossas mentes, nenhum som pode ser proferido de nossa boca. Possivelmente a participante retrata como prisão o fato de não poder exprimir os seus ideais, como se ainda vivêssemos no tempo de ditadura. Ela continua o seu pensamento:

Machado quis nos passar com esse conto uma pessoa que vive em um mundo fechado, com medo de expor o que sente ou pensa. E para mim o medo é uma das maiores prisão que existi.

O medo é a pior das prisões, reforça a reeducanda e pode estar revelando que em sua vida este sentimento foi também sua cela, talvez pelo seu tempo de prisão, mais de três anos, tenha aprendido que no ambiente carcerário o calar é o único caminho, justificando assim, a utilização em seu vocabulário a expressão “medo de falar” como sinônimo de prisão ou gaiola.

Ao ler, a participante pode ter sido conduzida a fazer um movimento para fora de si ao encontro do isso - o conto - que me passa, que é exterior a ela, e ao encontrá-lo retorna para dentro de si, é nesta volta que o sujeito da experiência soma aquilo que aprendeu no exterior ao que já possui em seu interior, para produzir uma nova significação. (LARROSA, 2011)

De acordo com Yunes (2003), o leitor ao ler soma toda a sua experiência pessoal de vida, mesmo sem se dar conta de tal fato, atribuindo ao que leu as suas marcas pessoais de memória intelectual e emocional desvelando a pessoa que é.

Em seguida, a participante relaciona uma situação cultural do oriente médio, que ela leu em uma reportagem, com a gaiola machadiana. A participante ficou incomodada com certos costumes e comentou:

- Eu tinha preguiça de ler. Um dia li que no Oriente Médio as mulheres não podem estudar, achei absurdo. Li também que as mulheres gordas são preferidas pelos homens daquele país para o casamento, as famílias entopem as mulheres de comida para que elas engordem mais para encontrar pretendente, e ainda que muitas mulheres são mutiladas, em suas genitálias, para não sentirem prazer e não manchar a honra masculina por traí-los com outro. Por último a obrigatoriedade do uso pela mulher das burcas.

Primeiramente ao ler o questionário aplicado nesta pesquisa, na questão de número 11, a participante afirma ter o hábito de leitura, no entanto, em seu comentário, alega ter preguiça de ler, mas, a seguir destaca uma reportagem que leu como fonte para seu comentário. Isso revela que a sua leitura pode não ser habitual, mas a participante lê.

No tocante à relação feita pela reeducanda entre a cultura machista que ainda perdura no Oriente Médio, e a gaiola ou prisão, posso dizer que o texto literário proporcionou a esta mulher a oportunidade de relacionar com fatos reais o que foi despertado pela ficção. Esta reportagem que fala da submissão das mulheres a um sistema cultural machista, revela o medo delas de exporem os seus pensamentos contrários àquelas leis, temendo punição. Esta atitude é similar ao da reeducanda e confirma o pensamento da mesma por comparar o medo de expor o seu pensar como um pássaro na gaiola.

Portanto, a reeducanda alheou as novidades do texto literário à sua visão de mundo e com isso pode ampliá-la, deixando de ser leitora para ser coautora, passando a construir novos sentidos para o texto e ter uma posição crítica em relação aos assuntos tratados ali. Com esse processo interno acontecendo, significa que o texto está dando forma nova ao leitor, criando em si uma narrativa interna.

Voltei a questioná-las sobre:

- O que é o mundo?

A participante IV responde:



- Conhecimento, por que eu aprendo várias coisas novas.

Portanto, ela considera o mundo como o conhecimento, contudo, ele precisa ser profundo e não estanque e superficial, como nos revela Benjamin (1987) uma galvanização. Perguntei ainda:

- O que é o canário para vocês?

Esta participante respondeu:

- O canário foi um personagem que o Machado criou para mostrar para gente que somos capazes de ir além do que pensamos.

Esta participante compreende as atitudes humanizadas do canário como sendo um incentivo e exemplo no qual possa se espelhar, ao pensar assim, a reeducanda destaca as raízes da literatura que é a de carregar em seu ventre a atividade humana e o espírito da humanidade, permitindo ao leitor não se ater em um sentido único, antes, atestar que sempre existe uma verdade para ser encontrada

A cada nova leitura (reescritura) da obra literária por vários leitores, em tempos diferentes, novas ideologias sociais são impostas, novos sentidos e juízos de valor são atribuídos e a literatura caminha sempre rodeada por novos e velhos conceitos e definições. (ZAFALON, 2010, p. 2)

Na concepção da participante o canário é um personagem desafiador que foi criado para mostrar às pessoas que não há limite para seus sonhos. Muito embora, tenha que reforçar que o conto não apresente características de que o canário desejava sair da gaiola ou que ele lutou por sua liberdade, no dizer do escritor o pássaro apenas mudou de ambiente. Possivelmente, esta compreensão da reeducanda de que o canário é lutador e de que Machado estaria incentivando uma postura semelhante, pode estar relacionado com a leitura que fez do livro bíblico de Jó. Este personagem bíblico é uma vítima de lutas constantes, sempre com muita paciência e perseverança, justificando então a visão que a participante transporta do pássaro machadiano preso em uma

gaiola.

### A Agulha e a Linha

Na apresentação deste conto pela leitura, a participante manifestou-se com o seguinte comentário:

- Eu sou a baronesa.

Quando disse essas palavras, a participante escolheu o papel da baronesa do conto como sendo sua personagem na encenação. A baronesa não é a personagem central da escrita de Machado, no entanto, pode representar uma classe que se encontra em um patamar social de elite, talvez a reeducanda estivesse pensando no destaque que este personagem possuía, estando ela em uma unidade prisional a mais de três anos, pode ser uma maneira de elevar a sua autoestima.

Continuamos a conversa e ela comentou:

- Sem a agulha a linha não é nada.

A participante identifica entre os dois personagens - a agulha e a linha - que há uma dependência mútua, lembrando que esta participante recebe visitas da família e este pode ser um motivo dela valorizar a importância do apoio do outro na sua vida.

Assim como a linha para coser o vestido precisa que a agulha faça os buracos e abra os caminhos para que ela entre; a agulha depende que a linha preencha os furos, por ela abertos, costurando as partes do tecido para que o vestido se faça.

Similarmente acontece na vida, uma pessoa precisa da outra para que a vida siga seu curso e a sociedade se faça. A literatura tem raízes na realidade, portanto, representa o mundo de onde é extraída. Candido (1998) reforça que, assim como equilíbrio mental de cada pessoa depende do sonho no sono, a

estabilidade de uma sociedade depende da literatura.

A importância do trabalho em grupo é destaque neste conto e a sua compreensão pela reeducanda é primordial porque pode significar uma melhor convivência dentro e fora da prisão.

No diálogo em que estávamos partilhando entre o grupo de participantes, é levantada a questão da corrupção e como pessoas se utilizam do dinheiro e posição para ficarem impunes, diante deste panorama a reeducanda desabafa:

A coisa mais perfeita que Deus fez foi à morte. Morre branco, preto, pobre, rico. A morte ninguém engana.

Neste comentário ela associa a morte como sendo justa por que não escolhe quem irá colher, seja branco ou negro, pobre ou rico. Como um último comentário, fala sobre como é injusto e sem lei, o mundo dentro de uma unidade prisional. Ela desabafa:

A cadeia é uma terra sem lei, onde a única certeza é que temos que ser forte se quisermos viver.

A realidade da prisão, que ao invés de promover a reintegração do apenado para junto da sociedade, apenas o conduz a um mundo violento e feroz. De acordo com os dizeres da participante, a prisão torna-se uma terra sem lei onde sobrevive o mais forte. Pensando nisso, a pesquisadora Câmara (2011, p. 01) afirma que:

Autoridades e especialistas de diversos países vêm discutindo perspectivas para que a vivência na prisão, comprovadamente geradora de violência, e ineficaz em seus propósitos possa convergir para que os prisioneiros complementem a formação educacional, ampliem as condições para o desenvolvimento pessoal e quiçá se afastem do crime.

Este sentimento da reeducanda foi provocado pela leitura de um conto transportando para o nosso diálogo todas as suas inquietações, como mãe de três filhos e viúva que encontra-se aprisionada em uma unidade prisional por mais de três anos e sabendo que a sua pena ainda se estende por mais de três anos.

Na leitura encenada esta participante participou no papel de baronesa. Ela escolheu este papel na leitura do conto, pode ser um indicativo de elevar a estima, por que ela estaria representando uma nobre da corte.

No final da encenação, ela fez uma declaração escrita que relacionava o seu personagem ao trabalho do pesquisador durante as atividades, ela escreve:

A vida não consiste em somente uma boa dança, mas sim num bom aprendizado com pessoas que sabem dirigir os nossos passos.

Observamos a associação que a participante faz da vida com a dança. Para conseguirmos dançar bem é preciso muito ensaio e sermos bons leitores. Diante de todas as observações formuladas pela reeducanda, o texto literário comprova a sua importância como sendo necessário para a formação de um indivíduo crítico, ao fazer da ficção um espelho para a realidade e possibilitar pensar sobre os ressignificados que podem ser construídos.

Portanto, a literatura não pode ser considerada como meras histórias para crianças, mas, como uma prática elucidativa de leitura uma "(...) necessidade universal e cuja satisfação é um direito" (CÂNDIDO, 2004, p. 174).

### 3.2.5 Relatos de Experiências de Leitura - Participante V

<b>Quadro 21 - Perfil da Participante V</b>	
<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
25- 29 anos e 364 dias	Ensino superior incompleto
Solteira	Não estuda
Não tem filhos	Tem costume de ler
Não informou o motivo da prisão	Revista, jornal, livro e bíblia
Um ano até dois , onze meses e vinte nove dias, presa	livro e a bíblia
Um ano até dois , onze meses e vinte nove dias	Assiste à novela
Sim - mãe	Época

Fonte: Pesquisador 2012

## Idéias de Canário

Ao apresentarmos a pesquisa, esta reeducanda, entre a faixa etária de 25 e 29 anos, solteira, mostrou um grande interesse em participar, mas, em virtude de sua agenda, choque com os horários de suas aulas, não pode participar. A reeducanda tem nível superior incompleto e ministra aulas de várias disciplinas no ensino médio da unidade para outras apenas.

Desta forma, tomei a iniciativa de falar com a diretora da unidade e juntos chegamos a um denominador comum que seria o de que a reeducanda, no dia do projeto, deixaria os exercícios prontos para suas alunas resolverem, podendo participar então das leituras. Assim foi feito, porém, o tempo que já era pequeno para ela, tornou-se menor ainda, atrapalhando suas participações com comentários nas sessões de leitura.

No entanto, vale a pena indagar se não seria prudente permitir que a reeducanda, uma vez por semana, apenas 2,5 horas, participasse das atividades de leituras, já que a mesma estava interessada.

Essa é a grande encruzilhada que se encontra a educação no ambiente prisional, por um lado as prisões com normas rígidas que tendem a acomodar o sujeito dentro da sociedade, enquanto de outro a educação que pretende despertar neles o desejo de transforma-se por meio de uma visão de mundo mais abrangente. Isso lembrou-me as palavras da pesquisadora Onofre (2012, p. 47)

As discussões postas nesse momento têm enfatizado dificuldades em desenvolver, efetivamente, um programa de educação, se este estiver ligado ao esquema de funcionamento da prisão, cujo caráter é essencialmente disciplinar. A reabilitação requer a anulação do ser e não um empreendimento próprio para a sua formação como sujeito, tendo sua primazia centrada na aceitação da situação. A educação, por seu lado, almeja a formação dos sujeitos, a ampliação de sua leitura de mundo, o despertar da criatividade, a participação na construção do conhecimento e a superação de sua condição atual.

Enquanto a prisão é disciplinadora, repressiva e prioriza a ordem, a educação é transformadora, por isto, acha-se necessário que se encontre um ponto de intersecção entre as práticas educativas e as unidades prisionais, por

que o sistema prisional faz uso do caráter disciplinar em detrimento ao educativo. Sendo assim, a prisão anula o sujeito ao invés de conduzi-lo à formação, enquanto a educação tem como característica formar, expandir a sua visão de mundo, em apoio à reconstrução de um novo projeto de vida para este sujeito.

Desta forma, em virtude desses comentários feitos aqui sobre a participação desta reeducanda, justificam-se as suas poucas falas no projeto. Em sua primeira participação ela disse:

- O meu mundo é a prisão, por que estou vivendo dentro de uma.

Nesta pequena frase a aprisionada fala sobre o seu mundo, que neste momento está restrito a uma construção com celas e diversas mulheres alojadas. Esta revelação da reeducanda mostra a sua visão realista em afirmar que neste presente momento a prisão é o seu mundo, portanto, tem que fazer o melhor possível para sobreviver e transforma-lo em outro melhor.

Esta fala da reeducanda mostra o quanto o “encarcerado passa por um processo de descaracterização de sua identidade adquirida anteriormente nas relações com a família, amigos e instituições religiosas, educacionais, profissionais.” (ONOFRE, 2012, p.53)

A seguir a reeducanda revela a sua interpretação sobre a prisão:

Quando falamos do canário, dentro daquela gaiola, fala não somente da prisão carnal, mas da prisão da mente de achar, que não somos capazes de fazer, ou conhecer coisas diferentes e pessoas diferentes.

A participante destaca a sua maneira de ressignificar a gaiola do conto como sendo não somente uma cela com grades, mas, uma prisão que limita o apenado pelo pensamento de que não é capaz de aprender. Isto pode ser relacionado com a troca de seus valores de referência, tais como a família, os amigos, a escola, para aqueles adquiridos a partir do sistema prisional. .

Continuando, a reeducanda retrata em seu texto o seu pensamento

sobre a figura de Macedo:

Foi onde conheceu Macedo, o homem que o tira daquela prisão, que era obscura solitária, mas levou ele a outra que poderia ser até mais bela, mas não deixava de ser uma prisão, pois ele ainda estava numa gaiola, conhecendo mais uma vez só aquele mundinho do Sr. Macedo, e foi quando ele consegue fugir daquela vida, refletiva que ela vivia, ele se libertou descobriu que tinha asas e podia voar, pra ver o mundo lá fora, ir pra onde quisesse.

Ao falar da saída do pássaro para uma gaiola maior e melhor, a participante consegue compreender que o Sr. Macedo não deseja libertar o pássaro, antes, estudá-lo e guardá-lo para si como um trunfo, uma grande descoberta que deixaria o mundo acadêmico extasiado, sendo ele o grande descobridor de tal intento. Mas, o pássaro continuava aprisionado, em melhores condições, mas, preso.

A aprisionada terminou o seu relato relacionando o momento que o canário fugiu da gaiola de Macedo e voou rumo ao céu azul com a infinidade do mundo que existia lá fora, representando a liberdade permanente.

Ao pensar no que a participante fala sobre voar para o mundo lá fora, ir para onde quisesse, relatei tal fato com a importância de práticas sociais de leitura, em que os seus sujeitos pudessem falar sem medo, com liberdade, aquilo que achassem pertinente, sem que precisassem usar máscaras, nem muito menos disfarçarem suas palavras para dizer o que sentiam, porque o objetivo de pesquisas e projetos com práticas sociais educativas é o de “transformar o mundo em que está inserido, não se tornando um instrumento de ajuste à sociedade” (ONOFRE, 2012, p. 48).

### A Agulha e a Linha

Neste conto, A Agulha e a Linha, a participante fixou o seu olhar no egoísmo das pessoas e também na forma como desenham sua imagem como sendo superior a das outras.

As pessoas são egoístas e se acham melhores que as outras. Ser melhor

não significa que o outro não possa fazê-lo também.

Ela reforça ainda:

O texto relata um pouco do que o ser humano realmente é, egoísta vezes, se acham melhor que os outros, somente por saberem algo, (...) O erro do ser humano é pensar, que muitas vezes, alguém não tem capacidade o suficiente pra aprender. Temos que admitir que mesmo achando que somos mais capacitada que alguém, não devemos achar que ele não pode nos ajudar, pois ele pode assim como também podemos ajudá-lo, ensinando o que sabemos, e aprendendo o que não sabemos. Pois ninguém é perfeito, e não somos nada sozinho.

O individualismo exacerbado, existente na atualidade, é fruto do capitalismo selvagem que impõe às pessoas o desejo de serem melhores, maiores e, portanto, detentoras do poder, afastando-as de um ideal de bem estar coletivo.

Este tipo de atitude é muito comum na prisão, porque a aptidão, por exemplo, da escrita e leitura, podem significar ser detentor de poder. Na prisão é comum as coisas serem feitas em troca de favores, os quais podem implicar em dívidas contraídas pelos que dela necessitam. Por conseguinte, uma dívida exige pagamento e, caso não seja feito, pode significar problemas para o apenado que a contraiu, conforme as palavras da pesquisadora:

Nas palavras de Onofre (2012, p. 54) “Na prisão, ler e escrever significa, portanto, ter mais liberdade, autonomia e privacidade, até porque quem não sabe pede, e quem pede, deve. Na prisão até favor é dívida e dívida é risco de vida”.

Por estar presa a mais de um ano, esta reeducanda deve ter aprendido bem as especificidades da prisão, o que deve ter promovido nela insegurança para revelar no questionário o motivo de sua prisão.

Esta reeducanda não informou o motivo de sua prisão, talvez este fato justifique o pensamento de indignação quanto ao individualismo que vivemos hoje e resulte em um sentimento de desconfiança.

É relevante considerar que é difícil para elas acreditarem que eu



possa estar fazendo um trabalho com elas, dedicando o meu tempo, sem ter nenhum tipo de remuneração a não ser o conhecimento que elas estão me proporcionando. Essas mulheres já tão calejadas pela vida, tantas vezes já viram pessoas estendendo a mão e de repente se deparam com a realidade de serem enganadas, por isso há desconfiança da parte delas e, segundo o que esclarece a pesquisadora Câmara (2011, p. 7) “A realização de trabalhos voluntários na prisão é difícil. Os presos costumam a acreditar que trabalhos com respaldo legal e autorizado pelo Juiz da Vara Criminal não sejam remunerados”.

Contudo apesar de toda a suposta desconfiança da participante, ela expõe suas ideias sobre a importância do trabalho em grupo e do reconhecimento de que não somos capazes de realizar todas as tarefas sozinhos, mas precisamos das aptidões alheias como complemento das que nos faltam.

Embora a participante não tenha feito nenhum comentário pertinente do conto A Igreja do Diabo, é importante ressaltar que na leitura encenada esta reeducanda interpretou o papel do Diabo, provavelmente relacionando este personagem para o conto encenado - A Agulha e a Linha. Elas combinaram entre si que o personagem do Diabo estaria entre as protagonistas do conto, a agulha e a linha, no momento em que discutem, para representar toda a situação pesada, de inveja, soberba, sede de poder e intolerância apresentada pelo escritor. A participante, embora não tenha falas em seu personagem, soube posicionar-se em meio aos outros, tornando concreto e visível para a plateia a presença dos sentimentos negativos da inveja, cobiça, sede de poder em sua interpretação caracterizada pelo Diabo.

Ao finalizar a apresentação a reeducanda estabeleceu uma relação entre o seu personagem e o trabalho do pesquisador durante a pesquisa:

-Não pude deixar de me tornar melhor quando conheci a honestidade de (...) e a generosidade do (...) num simples olhar.

Este personagem não existia nesta história, contudo, as participantes

trouxeram-no do último conto lido - A Igreja do Diabo - com a intenção de que esta participante não ficasse de fora da encenação. Isto tornou o ambiente ameno e agradável.

Esta reeducanda com o ensino superior incompleto foi prejudicada em sua participação devido às aulas que ministra para suas companheiras, por isso, na visão do pesquisador, teve uma participação discreta nas atividades de leitura proposta pela pesquisa.

Reafirmo a ideia de que ler é importante para conhecermos mais profundamente a vida e os seus caminhos e, apesar de começarmos a ler o mundo antes de conhecermos o mundo das letras (FREIRE, 1987), a leitura da palavra enriquece a nossa visão mundo, fazendo com que ela seja ampla, fértil ao invés de pobre e restrita. Afinal de contas, uma das contribuições que o ato de ler oferta é a de “entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 1983, p. 7).

A leitura da palavra pode enriquecer-nos e servir como uma ponte para a “formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural” (MARTINS, 1983; p. 22).

### 3.2.6 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VI

**Quadro 22 - Perfil da Participante VI**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
18- 24 anos 364 dias	Ensino médio completo
Solteira	Não estuda
Não tem filhos	Tem costume de ler
Interceptação telefônica	Revista, jornal , livro e
Um ano até dois , onze meses e vinte nove dias,presa	Ame o que é seu
Não sentenciada	Assiste à novela
Sim - mãe, pai e irmãos	Comédia

Fonte :Pe squisador 2012

### Idéias de Canário

A participante VI, de faixa etária entre 18 e 24 anos, com ensino médio completo, é responsável pela biblioteca da unidade. Foi ela quem providenciou

para o pesquisador a lista de livros encontrados na biblioteca e os que foram locados durante o primeiro semestre de 2012.

Durante as atividades de leitura do conto *Idéias de Canário*, a participante VI relacionou a felicidade com suas prioridades momentâneas, destacando que naquele momento o seu maior desejo era ser livre, o que daria a ela a oportunidade de ser feliz. Contudo, esclarece que quando estiver livre outra necessidade surgirá e para atingi-la terá que se empenhar e lutar. Ela relata isso nas seguintes palavras:

- Nesse exato momento a minha felicidade é ganhar a liberdade, quando ela chegar, vou atrás de outra felicidade para alcançar. Se observarmos, a atitude da participante é estabelecer metas conforme a sua necessidade e procurar atingi-las, ou seja, galgar por diferentes espaços a procura de algo melhor.

Ela continua o seu relato:

Mas a partir do momento, que o canário conheceu, um pedacinho do céu azul infinito, aí ele acreditou que o mundo era muito mais que uma loja de brechó, se sentiu livre. Assim somos nós, temos sempre que tentar enxergar além do horizonte, nem sempre o que é colocado ali para nós naquele instante é só, e mais nada, engano.

Para melhor enxergar além do horizonte nada mais útil do que a leitura. A importância do ato de ler encontra-se na possibilidade que se oferece para "(...) navegar sem bússola para o desconhecido, buscando um conhecimento que, a cada passo, é necessário rever e reavaliar. Humor, ironia, solidariedade e a esperança de aportar em porto seguro (...)". (GARCIA, 2003, p. 22)

A reeducanda salienta em seus comentários o significado da família em sua vida:

- A família é o meu mundo, até estar presa não havia compreendido o significado desta palavra. Eu sou o canário, a gaiola é a cadeia, aqui presa conheci pessoas que me ajudaram a ter paciência e esperar o dia de minha

saída e a partir daí aplicar alguns bons ensinamentos que tive aqui.

Esse comentário vem ao encontro de sua resposta no questionário quanto a receber visita, ela goza do apoio de seus familiares que a visitam na unidade. Este tipo de apoio é importante para a reintegração dela na sociedade, sendo que das dez participantes desta pesquisa, apenas quatro recebem visitas.

Posso destacar que ela, com ensino médio completo, informa no questionário que leu um livro com o título *Ame o que é seu*, escrito por Emily Giffin, e publicado em 2010. Esse romance narra a história de uma mulher que, após se casar com um companheiro perfeito, reencontra uma antiga paixão e tem que avaliar melhor as suas escolhas. Essa escolha de temática para ler pode revelar a sua disposição por assuntos que enfocam mudanças de comportamento ao invés do conformismo com a situação. O seu desejo por mudança pode estar relacionado ao fato de estar a mais de um ano na prisão e não ter uma sentença estabelecida, esta morosidade da justiça em julgar o seu processo e lhe atribuir uma sentença não a desmotiva, por que ela diz que aprendeu a ter paciência e esperar a saída.

Observo que na porosidade do texto literário, a leitora se fez presente, e com pequenas partículas de sua vida preencheu as lacunas do conto com os seus significados, e esta resignificação passou a se fundir com as do escritor formando uma narrativa nova de autoria da leitora, é a assim que a metáfora da leitura se propaga (MANGUEL, 2010).

Segundo as minhas análises, essas reinterpretações mescladas com a vida da participante fazem com que a leitora possa ter uma visão mais ampla do mundo em que vive, recordando ao pesquisador as seguintes palavras: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas no seu supra-senso”. (ROSA apud YUNES, 2003, p. 7)

Portanto, para o pesquisador não importa o simples ato de interpretar os fatos, antes, tenho como objetivo o exercício da relação das estrofes lidas com a vida de cada uma para que possa reescrevê-la.

A reeducanda quando traça um paralelo entre ela e o canário preso, e a

gaiola com a prisão onde se encontra, mostra uma identificação com o texto lido. Ao estabelecer esta relação, a reeducanda, como leitora, procura as flores, no jardim do escritor, para que com isso, possa construir o seu próprio jardim.

### A Agulha e a Linha

Na participação da leitura do conto A agulha e a linha, a participante fez comentário sobre o individualismo acirrado das pessoas, não se preocupando com o bem estar do outro e, sim, com o seu.

- O orgulho acontece na nossa vida. No trabalho é uma competição, onde muitos afirmam que: Eu sou a melhor, faço mais e melhor que você.

A reeducanda, ao relacionar o cotidiano de sua vida, com o conto, observa as pessoas que competem para se mostrarem mais fortes, esquecendo-se dos valores importantes dentro do meio social, como solidariedade, o respeito, similar ao que acontece com os personagens fictícios do conto de Machado. Continua seu pensamento:

Consigo colocar para a realidade com o seguinte pensamento: O ser humano tem muitos defeitos e um deles que eu acho terrível é o egoísmo. A pessoa que é egoísta, vive sempre sozinha, e quase sempre se acha a melhor de todas as pessoas, e sempre diz que se não fosse eu, nada disso teria acontecido.

Esta reeducanda confirma o seu pensamento de que o ser humano egoísta vive só. Este é um aprendizado que pode estar relacionado com a unidade prisional, muito embora, seja um reflexo do mundo além das grades. Porém, o CRF abriga aproximadamente 109 mulheres, em um espaço reduzido, este tipo de comportamento egoísta pode ser maximizado. A reeducanda complementa:

E não é bem assim, Deus nos fez diferentes para um suprir as

necessidades do outro, imagine só se todos os seres humanos fossem iguais? Isso é perfeito! Uma mão lava a outra. Cada pessoa tem facilidade em desempenhar algum tipo de tarefa, e é aí onde tudo e todos se encaixam. É tão bonito podermos ajudar alguém a se erguer na vida, pra mim isso seria um grande prazer!

Argumenta ainda sobre como é importante termos diferenças entre as pessoas na sociedade, por que, essa diversidade reforça a necessidade do outro no cotidiano da vida, na construção de um mundo melhor, no qual, cada competência deve ser encarada como um acréscimo e não como um convite a competição por que a “(...) liberdade é o começo do compromisso com o outro - é aí que somos livres para sermos inteiros, como recomenda Fernando Pessoa.” (YUNES, 2003, p. 51).

O ambiente carcerário, como dizem muitas participantes, é mundo cão, terra sem lei, desta forma, essa visão da vida torna-se muito importante e necessária, por que ameniza os confrontos dentro da unidade e propicia um exercício para o convívio fora das prisões. A educação escolar poderia conduzir a reeducanda a saber a hora certa para cada coisa, a chave para conviver e sobreviver, conforme destacado pela pesquisadora:

A escola pode oferecer condições para que ele possa conviver, no presente, com diferentes circunstâncias, sabendo a hora de “mostrar-se” ou “esconder-se”, de falar ou de calar, de proteger-se para sobreviver (ONOFRE, 2012, p. 56).

Esta reeducanda participou na leitura encenada como sendo a agulha, a escolha pelo personagem apareceu no início da leitura do conto, quando ambas participantes - I e VI - se prontificaram em interpretar as respectivas personagens.

Esta reeducanda se coloca em algumas temáticas com a propriedade de quem deseja sair e voar como o canário fez ao fugir da casa de Macedo. Espero que consiga manter o seu pensamento de olhar para frente, sempre além do que lhe é imposto, porque ao ter esta atitude abre uma possibilidade de amplitude de mundo.

## 3.2.7 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VII

**Quadro 23 - Perfil da Participante VII**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
30- 49 anos e 364 dias	Ensino médio completo
Tem companheiro(a)	Não estuda
Não tem filhos	Tem costume de ler
Sequestro	jornal , livro , culinária/artesanato e
De três anos para mais, presa	Somente livros espíritas e revistas
Resta cumprir de três anos para mais	seleções
	Assiste à novela
Não recebe visitas	Drama, época e comédia

Fonte: Pesquisador 2012

## Idéias de Canário

A participante VII, na faixa etária entre 30 e 49 anos, com companheiro (a), ensino médio completo, que ao participar de um sequestro é presa, passando por uma nova experiência, deixando de ser Macedo para ser o canário, responde a seguinte pergunta:

- O que é o mundo para vocês? Responde:

- Liberdade. Por que estou presa.

Ao desvelar as palavras da participante posso associá-las à conduta de Macedo, que ao reconhecer as potencialidades do canário e a glória que poderia lhe propiciar tê-lo em suas mãos, aprisionou-o em uma gaiola para obter o máximo proveito da circunstância. A reeducanda, ao colaborar no sequestro de alguém, tinha a intenção de tirar proveito financeiro da situação que ali se firmava. No entanto, ao ser presa, pode sentir a impotência de ser mantida em uma prisão, sem visitas, por mais três anos.

O canário, quando questionado por Macedo sobre o que era o mundo, teve a sua resposta baseada naquilo que ele conhecia até aquele momento de

sua vida, a gaiola velha na loja de belchior, no caso da reeducanda foi o inverso, ela conhecia o que era ser livre e desconhecia o que era ser aprisionada, desta forma, ao ser presa teve a oportunidade de conhecer essa outra face da moeda.

Na resposta da participante pude observar que a “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 2011, p. 11).

Foi o que pude perceber do relato feito pela participante, no qual o texto e os seus personagens se entrelaçam com a realidade em que viveu. Questionei-as ainda:

- Quem é o canário para vocês? A resposta da participante foi:

- O canário sou eu, sem visão e aprisionada.

Ao se comparar com o canário e adjetivar-se como sendo sem visão, possivelmente, pode confirmar o fato de não entender o valor de ser livre, e como resultado, hoje, encontra-se presa por mais de três anos em uma unidade prisional. A participante complementa:

O texto nos leva a enxergar que a muitos preconceitos com negros, presos, pobres e deficientes de todos os tipos. Quanto a gaiola na qual, o pássaro esteve preso por algum tempo é um tipo de preconceito referente a visão das pessoas, de enxergarem apenas o que está a sua frente e nada mais, é como se usassem cabresto.

No entender da participante a gaiola é a falta de visão ampla da vida, ela compara ao animal que usa um cabresto, só consegue enxergar o que está a sua frente, não tem mobilidade para ver o seus lados ou atrás de si. A reeducanda se considera sem visão, possivelmente por arrependimento e por



saber que ainda lhe restam mais de três anos para cumprir. Ela ainda cita alguns tipos de preconceitos que podem ser gaiolas, como o racial, social, deficientes e presos. Provavelmente, sua associação ao preconceito contra o apenado, pode ser um reflexo do fato de não receber visitas.

O estigma da prisão é difícil de se lidar, principalmente porque a sociedade tem em sua mente que o apenado é um “bandido” e tem que ficar preso. Contudo, o crime e a violência são frutos de uma sociedade hipócrita que não consegue gerir as suas próprias mazelas, como a corrupção e a impunidade de poderosos. Esses pensamentos me recordam as palavras da pesquisadora Câmara (2011, p.7) ao ressaltar:

A violência, divulgada pela mídia, gera o medo nas pessoas de proximidade com prisioneiros, mesmo que seja, apenas, em visitas a prisão. A violência personificada pela indiferença e omissão das pessoas à miséria e o sofrimento de outros, ao longo do tempo, é tão terrível, se não for pior, do que os próprios atos criminais.

Desta maneira, o preconceito contra os presos apregoado pela reeducanda é fruto do medo das pessoas maximizado pela mídia. Contudo, as prisões estão cada vez mais cheias, tornando necessárias práticas políticas em educação e outras áreas, para que se possa ter uma sociedade mais justa e menos violenta.

A participante destaca a sua opinião sobre a falta de visão dos preconceituosos:

Quando essas pessoas se libertam dessa gaiola, criam asas e voam, elas ganham o mundo, aprendem mais, viajam mais em pensamentos positivos, vivem mais. A leitura é uma das formas mais simples e completa para que isso aconteça. Quem lê, viaja pelo mundo.

Em sua escrita a participante relaciona a ampliação da visão de mundo com o voo de um pássaro no céu infinito, portanto, ao ler torno-me autossuficiente, capaz de “dizer o que ainda não sei dizer, o que ainda não posso dizer, ou o que ainda não quero dizer” (LARROSA, 2010, p. 11).

No passado, os senhores norte - americanos proibiam o negro, sua

propriedade, de aprender a ler, no entanto, contrariando os senhorios, muitos escravos tinham a certeza de que aprender a ler não era “(...) um passaporte imediato para a liberdade, mas uma maneira de ter acesso a um dos instrumentos poderosos de seus opressores: o livro.” Ler conduz o leitor a uma condição de autossuficiência, que levou o negro a caminhar e falar por si mesmo, quebrar as algemas da servidão do preconceito. De maneira similar encontra-se o apenado. A leitura como experiência pode fazer com que ele se torne autossuficiente, transformador e dono de suas próprias palavras (LARROSA, 2011).

Durante os encontros com as reeducandas, conversei muito com elas sobre a importância da leitura, no entanto, esta participante foi a única a citar literalmente o ato de ler em seus escritos e destacá-lo como uma ação que proporciona a liberdade necessária para que as pessoas ganhem o mundo, vislumbrem o conhecimento que pode torná-las verdadeiros viajantes no mundo das palavras, por que em sua fala: Quem lê, viaja pelo mundo.

#### A Agulha e a Linha

Esta participante nas sessões de leitura deste conto fez o mesmo comentário sobre o comportamento individualista das pessoas, já destacado pelas outras participantes, no entanto, ela acrescenta que esta conduta egoísta e individualista contamina as outras pessoas. Ela fala:

O texto, nos mostra que há pessoas orgulhosas, que só pensam em si mesmo, e ainda tentam fazer com que estão ao seu redor se contaminam com esse sentimento.

Este pensamento individualista está muito presente dentro da unidade prisional e contamina as pessoas que naquele ambiente vivem. No entanto, a importância de se agir com diplomacia é um escape na prisão, pois pode significar um convívio pacífico. A participante VII escolheu, na leitura encenada, interpretar o papel do diplomata, que por sua vez tem como características a reserva e boa

educação com os outros, e isto é um fator importante dentro de uma unidade prisional.

Este personagem não existe na verdade no conto, apenas é citado como um convidado da festa em que a baronesa iria desfrutar com seu belo vestido. As participantes recriaram uma cena acomodando este personagem que conduziria a Baronesa em uma dança. A imaginação das participantes e a interpretação desta participante é uma demonstração da capacidade de tirar lições dos textos e aplicar em sua vida.

A reeducanda criou uma frase que relaciona o seu personagem, o diplomata, que fez um agradecimento pelo projeto, mostrando como é importante se ter práticas sociais educativas em espaços fechados como as unidades prisionais.

- Nem os mais nobres dos diplomatas chegam aos pés do nobre coração que vocês têm.

Em sua frase a participante VII associa a nobreza dos diplomatas com os meus sentimentos, é nesta relação, nesta intersecção entre o real e a ficção que a experiência da leitura “pode ajudar-me a formar ou transformar minha própria sensibilidade, a sentir por mim mesmo, na primeira pessoa, com minha própria sensibilidade, com meus próprios sentimentos.”. (LARROSA, 2010, p. 53),

### A Igreja do Diabo

O conto A igreja do diabo é constituído por quatro capítulos, os quais a participante apresentou-os em resumo, adicionando no final de cada um a sua compreensão e relação com o trecho narrado.

### CAPÍTULO 1- UMA IDEIA MIRÍFICA

Ps. Nem tudo nessa vida acontece, ou melhor, é como a gente quer.

A reeducanda conclui ao fazer a leitura do primeiro capítulo que muitas das decisões tomadas por nós estão alicerçadas em planos que traçamos e achamos que dará certo, no entanto, as coisas nem sempre acontecem como queremos.

Ao analisar a sua fala, percebo que possa estar se referindo aos planos de sua vida que acabaram por tomar caminhos diferentes do que ela planejou. É justamente nessas tomadas de decisões que é preciso “entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 1983, p. 7).

## CAPÍTULO 2 - ENTRE DEUS E O DIABO

Ps. As vezes não ouvimos conselhos e só mais tarde, quebramos a cara, ou melhor, nos deparamos que o erro já foi feito.

A reeducanda fala nesta frase três pontos interessantes que refletem a sua própria experiência, o primeiro deles é o fato de não ouvir conselhos que podem estar associados aos dos pais, parentes ou amigos que ela não ouviu. O quebrar a cara pode ser associado com a sua prisão e o erro que não pode ser consertado sem que se pague o preço, no caso dela foi a prisão.

## CAPÍTULO 3- A BOA NOVA AOS HOMENS

Ps. Não devemos deixar nos levar pelas conversas dos outros, devemos sim, ouvir conselhos sadios, o que for bom pegamos, o que for ruim descartamos.

A inexperiência em ler os textos oferecidos pela vida, textos vivos que pululam em nosso meio, levou-a a ser enganada por conselhos e conversas inadequadas, as quais não teve discernimento para não escutar. Acredito que esta experiência tenha acontecido com esta apenas e, ao ler o conto, pode associá-lo à sua vida.

## CAPÍTULO 4 - FRANJAS E FRANJAS

Ps. Muitas pessoas querem ser o que não é, é aquele velho ditado - por fora bela viola, por dentro pão bolorento<sup>9</sup>

A compreensão da reeducanda quanto ao teor do assunto abordado neste conto, foi muito perspicaz ao dizer da decepção do Diabo com as pessoas que, para ele, aparentavam terem capas de veludo, esquecendo-se que também tinham franjas de algodão. Ao finalizar o seu relato escrito ela compara as franjas de veludo com barrados de algodão, com outro ditado popular, associando a isso a questão da aparência e da contradição do homem.

A participante ao fazer essa breve síntese, em capítulos, do conto A igreja do diabo, me conduz a pensar em como é importante a leitura de textos literários e quantas associações e novas significações estão se construindo. Ela pode associar com o delito que cometeu, nos conselhos em que por falta de uma leitura melhor dos fatos, ouviu e outros que deixou passar, em ambos os casos se houvesse uma melhor reflexão e compreensão poderiam ter lhe conduzido a uma condição diferente de vida. Conforme nos explica Larrosa (2011, p. 09) sobre a experiência como uma relação do leitor com o texto:

Dado que a experiência é uma relação, o importante não é o texto, senão a relação com o texto. Ainda que um livro se ajustasse muito bem ao que já sabemos (ler), ao que já podemos (ler) ao que já (queremos) ler, seria um livro inútil deste este ponto de vista. (...) Seria um livro demasiado compreensível, demasiado legível. Um leitor que, após ler o livro, se olha no espelho e não nota nada, não lhe passa nada, é um leitor que não fez nenhuma experiência. Compreendeu o texto (Larrosa, 2011, p. 09).

Desta maneira, acredito que o texto literário foi provocativo, e a fez pensar em si e associar com suas decisões e as consequências em sua vida. Larrosa explica que ao ler o texto o leitor percebe que algo mudou nele, como se ao olhar em um espelho percebesse as mudanças em sua fisionomia refletida por

---

<sup>9</sup> Redações da participante da pesquisa digitada no corpo do texto. A original encontra-se no Anexo C

ele. (LARROSA, 2011). No entanto, apenas compreender o texto não significa que houve uma experiência, por que ela é subjetiva e, portanto, é particular de cada um.

Desta maneira, a reeducanda ao ler contos machadianos, fez com que o texto literário nunca fique ultrapassado pelo tempo; antes, que ele sofra as atualizações feitas pelo leitor da época, reescrevendo e ressignificando e, nessa dialética entre leitor e texto, que criamos textos e novos sentidos, enaltecendo a beleza do texto literário e a sua plurissignificação.

A participante conseguiu construir essa relação com o texto elegendo-se como leitora e produtora de seu próprio significado.

### 3.2.8 Relatos de Experiências de Leitura - Participante VIII

**Quadro 24 - Perfil da Participante VIII**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
18- 24 anos 364 dias	Ensino médio incompleto
Tem companheiro(a)	Não estuda
Um filho	Tem costume de ler
Não informou o motivo da prisão	Jornal , livro e bíblia
De três até cinco meses e vinte nove dias	Bíblia e Nas margens do rio piedras sentei e chorei
Sem sentença	Assiste à novela
Não recebe visitas	Drama e comédia

Fonte: Pesquisador 2012

#### Idéias de Canário

A participante VIII de faixa etária entre 18 e 24 , tem companheiro (a), ensino médio incompleto, trata-se de uma jovem que não informou o motivo de sua prisão por medo, vergonha e por estar em uma unidade prisional há pouco tempo, isso pode ter lhe causado insegurança para responder a seguinte pergunta.

- O que é o mundo para vocês?

Respondeu:

- Meu mundo é o aprendizado, a cada dia aprendemos coisas diferentes.

Ela se dá conta de que precisa do conhecimento para viver. Aprender significa trocar de gaiola, saindo da velha localizada na loja de belchior para outras maiores e melhores até chegar ao céu azul.

A participante responde a outra pergunta:

- O que é o canário?

- Eu sou o canário que venceu obstáculos da vida. Sou uma vencedora, como ele.

Cabe ressaltar aqui que no conto machadiano - Idéias de Canário - não há evidências sobre a luta do canário para sair da gaiola. O pássaro não lutou, apenas foi uma consequência da vida.

Possivelmente a reeducanda, pensando em sua própria situação, ou seja, presa em uma unidade prisional, associou-se de imediato ao pássaro prisioneiro em uma gaiola ressignificando o texto e associando ao que estava acontecendo a ela. A reeducanda sabe que para sair da prisão precisará de vontade, por que não é fácil estar tolhida de sua liberdade, sem ver sol, as pessoas, o que deve tê-la levado a pensar na sua luta pessoal constante, além de nos informar que tem por hábito a leitura da Bíblia, que pode estimular a fé e a perseverança de seus leitores na procura de soluções pelos seus problemas. Ela continua em sua escrita:

Canário - Eu

Gaiola - Prisão

Céu azul e infinito - Liberdade

A reeducanda reforça o seu pensamento de ser o canário e que tem a prisão como uma gaiola, sendo um pássaro que almeja ser livre no céu azul

infinito. No entanto, posso dizer que esta é uma associação com a sua vida, por que se voltarmos ao conto do escritor, o canário não sabia, enquanto prisioneiro da gaiola, o que era este mundo azul e infinito chamado de céu, mas a reeducanda já sabe e até o denomina por liberdade.

Muito embora a reeducanda esteja presa por grades literais, ela busca o conhecimento para que este possa libertá-la do desconhecimento, ampliando o seu olhar sobre a sua vida e o mundo em que vive.

A literatura é um importante caminho que pode construir a ponte entre a realidade em que vive e a ficção da narrativa, propiciando a ela, como leitora, um rico alimento para sua visão do mundo, colaborando para que possa compreender a si mesma e ao mundo que a cerca, por torna-se independente por que “O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro;” (COMPAGNON, 2012, p. 143) sendo livre e procurando entender a si pelo que lê, a reeducanda continua as suas interpretações ao escrever:

Com isso, ele conquistou Macedo, que o tirou daquela loja e o levou pra mostrar-lhe um mundo diferente, porem, o deixou preso.

A participante consegue compreender que Macedo retirou o pássaro da loja de belchior, da gaiola velha e o colocou em um lugar maior e melhor dentro de uma varanda espaçosa voltada para a floresta, mas continuou mantendo o canário preso. Isso faz com ela pense que a liberdade não está à venda e, portanto, não tem preço.

Foi importante ela perceber que Macedo não libertou o pássaro, mas o manteve na prisão, portanto, o interesse do estudioso iria muito além do bem estar do canário, antes, mas no de realizar o seu sonho de ser um pesquisador famoso à custa daquele canário inteligente.

O ato de ler um texto implica na condição de que literatura oferece um banquete de significados prontos para serem encontrados, no livro que lemos, conforme nos retrata Bella (1980, p. 57): “Um livro não é uma significação pronta : um livro é uma reserva de forma a espera de significação (...). Todo texto é absorção e transformação de outro texto.”.



## A Agulha e a Linha

No conto intitulado como A agulha e a linha, pude identificar na fala desta participante, um pensamento similar ao das outras reeducandas, no entanto, ao dizer as palavras seguintes observei a questão religiosa e as marcas do livro que leu.

Devemos ser humildes perante o próximo, por mais difícil que seja, mas jamais querer ser melhor do que a outra pessoa. Também devemos ajudar uns aos outros, pois o que não queremos pra nós, não podemos desejar para o próximo. Devemos amar o próximo como nos amamos.

A participante ao apregoar a qualidade da humildade, o ato de doação e amor ao próximo, reflete em sua escrita aquilo que informa no questionário que leu: a Bíblia. Além de justificar uma possível afinidade religiosa que possa ter com alguma instituição que se apresenta naquele local.

A participante cita ainda a questão da competição exacerbada na vida e o preconceito como sendo atitudes que devem ser evitadas:

Há pessoas que querem ser mais do que outras, tem orgulho, se acha a melhor das melhores. O que é errado, apesar de existir diferenças entre ricos e pobres, brancos e negros, somos todos iguais.

Possivelmente porque a reeducanda deve ter tido na família alguma formação religiosa que a fez destacar os mandamentos descritos na Bíblia, podendo justificar o fato dela não ter fornecido o seu motivo de prisão no questionário apresentado pelo pesquisador, a vergonha e baixa autoestima podem ser as responsáveis por esta ação.

A reeducanda cita em seus escritos que é errado ter preconceito contra negros e pobres, no entanto, não fala sobre o que existe contra os apenados ou egressos, o que pode significar o sentimento de vergonha por estar em uma unidade prisional.

Posso destacar que ela está em fase de adaptação com a unidade prisional, pois faz menos de seis meses que se encontra neste ambiente e ainda não tem o seu tempo de sentença estabelecido pela justiça, ou seja, não foi julgada. Estes fatores contribuem para que a apenada esteja em fase de adaptação à nova situação, o que pode também justificar a vergonha do que fez e de onde está, associada com uma baixa estima.

No entanto, as práticas sociais de leitura e escrita no interior da prisão podem ajudar os apenados a recuperar a sua autoestima e sua visibilidade com a comunidade carcerária e instituição prisional. O efeito positivo e promissor das práticas sociais é comprovado nas palavras da pesquisadora Câmara (2011, p. 7).

As relações dos prisioneiros escritores com a comunidade prisional se modificam. O novo fazer de escritura, - o do escritor - confere uma nobre visibilidade. Escrever sobre si numa produção que parece vasta e que se torna sistemática impressiona e as pessoas que perguntam: E o quê que você escreve tanto? Poder escrever “tanto” e escolher o que contar para o prisioneiro escritor é como descobrir um segredo, e, de vez em quando, a isso se referem: “descobri o segredo da leitura, o segredo da escrita.”.

As práticas sociais de leitura e escrita, embora difíceis de serem executadas devido aos atropelos legais, são importantes para conduzir os apenados a aumentarem sua autoestima e reformularem o seu projeto de vida.

Inclusive participar da leitura encenada ajuda no desenvolvimento de sua expressividade e desenvoltura ao se apresentarem perante uma plateia de pessoas conhecidas e desconhecidas também.

Na leitura encenada a reeducanda interpretou o narrador, que cuidou de criar o seu figurino e se apresentar bem no dia do espetáculo. Este personagem também fechou o espetáculo ao dizer a seguinte frase:

- O dia mais importante não foi o dia em que nos conhecemos e sim quando vocês passaram a existir dentro de nós. Adoramos aprender com vocês.

Nesta frase da reeducanda posso perceber o quanto esse tipo de prática social envolvendo a leitura, a conversa e a transformação de um texto escrito para

um encenado, pode revelar o aumento da autoestima. A importância de mantê-las ocupadas e motivadas com práticas educativas, na qual se encaixam a leitura, o diálogo sobre o texto e a responsabilidade de criar um espetáculo, no qual serão assistidas por uma plateia não só das reeducandas da unidade, mas de pessoas alheias a este meio e desconhecidas, tornando a apresentação um fator importante para a motivação delas.

Sem dúvida é uma maneira de valorizá-las e permitir que se expressem como esta participante ao dizer que “passamos a existir dentro delas”, refletindo um estreitamento de uma relação que se consolidou com o passar do tempo. Esta reeducanda pode se colocar por meio de seus anseios e medos que foram provocados pela leitura e transportar para si, podendo colaborar para a sua maior visão de mundo.

### 3.2.9 Relatos de Experiências de Leitura - Participante IX

**Quadro 25 - Perfil da Participante IX**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
25- 29 anos e 364 dias	Ensino médio completo
Tem companheiro(a)	Não estuda
Não tem filhos	Tem costume de ler
Associação ao tráfico de drogas	Revista, jornal
De três anos para mais, presa	livro, culinária/artesanato e biblia
Até três meses	A cor da ternura e o escafandro e a borboleta
	Assiste à novela
Sim - marido e familiares	Drama e comédia

Fonte: Pesquisador 2012

#### Idéias de Canário

A participante IX está na faixa etária entre 25 e 29 anos, tem companheiro, com ensino médio completo, é uma jovem que não aparenta características ligadas ao crime, não usa o jargão de apenas o que me leva pensar que ela é uma vítima de sua falta de leitura de mundo. Perguntei a elas:

- O que é o mundo? Ela responde:

- O mundo traz experiência, é vivendo que aprendemos e crescemos.

Em suas palavras a experiência representa o seu mundo. A falta desta qualidade em sua vida lhe conduziu a ser encarcerada em uma unidade prisional.

Ela foi presa por associação ao tráfico de drogas, no entanto, não demonstra em palavras e conduta alguma ligação com a criminalidade, possivelmente por ser inexperiente permitiu o seu envolvimento com o tráfico e, como ré primária, ao ser presa, veio para o CRF.

Ao pensar em uma visão de mundo inocente, lembra - me na pobreza de experiência destacada por Benjamim (1987) em que ele reflete como sendo resultado do imediatismo da sociedade moderna que conduz a uma situação e falta de reflexões, pensamentos, conversas, sentimentos, conseqüentemente no empobrecimento das experiências vividas pelos homens. Fiz uma nova pergunta:

- O que é o canário para vocês?

A reeducanda respondeu:

- Inexperiente.

A participante, ao ler esse conto, talvez tenha encontrado uma intersecção com sua vida, associando e percebendo com clareza como a falta de experiência, de visão de mundo, a conduziu para uma unidade prisional.

A reeducanda continua o seu pensamento em seus relatos ao diferenciar os tipos de prisões:

Através deste conto podemos ver vários tipos de prisão. Assim como o canário, que dentro de sua gaiola só enxergava o que ele via, é o preconceito. Que nada mais é que falar sobre o que não conhece. Como por exemplo temos os negros: são pessoas como qualquer outra, só mudam a cor, um deficiente de

cadeira de rodas, também é uma pessoa como qualquer outra, porém limitada de andar, correr, entre outras.

Ao destacar o preconceito como sendo uma forma de gaiola, ela exemplifica ao relacioná-lo com a intolerância racial ao qual associa a leitura do livro intitulado *A Cor da Ternura* que a participante menciona ter lido no questionário.

Este livro foi escrito no ano de 1990 por Gení Guimarães, narrando o drama de sua própria vida: uma menina negra, pobre, que enfrenta dificuldade pelo racismo, entretanto, vence e se torna uma professora de educação infantil. A autora mostra que o seu caminho foi feito com muita luta e coragem para enfrentar o preconceito das pessoas, no que tange a sua cor de pele. (FOLHA DE SÃO PAULO, s/d)

De maneira similar, comparo a maneira como as pessoas reagem com a mulher aprisionada, exigindo delas muito esforço e empenho para superar esse obstáculo e vencê-lo. No entanto, a reeducanda continua a enumerar outros tipos de gaiolas destacando a deficiência física como sendo a pior delas, em sua opinião.

Mas um dos preconceitos que mais me chamam a atenção é do deficiente. As vezes você é limitado de poder fazer algo, pela falta de alguma parte do corpo, mas você recebe algo a mais, como se substituísse o que lhe falta.

O preconceito com pessoas com necessidades especiais é citado pela participante como sendo uma forma de gaiola e esta associação feita pela reeducanda está baseada em um dos livros que informa ter lido, ou seja, *O Escafandro e a Borboleta*.

Este livro foi escrito por Jean Dominique Bauby em 1997 - é um convite ao leitor para uma reflexão sobre as superações humanas, evidenciando a resistência e a coragem de um homem diante das dificuldades da vida. A história de um jornalista que sofre um acidente e ficou tetraplégico. No entanto, o mesmo, sem condições de se mover na cama, como se estivesse preso a um escafandro, consegue se comunicar e escrever esse livro. (SANTANA, s/d). A obra traz à tona a questão da superação, a mesma necessária pela

reeducanda, ao sair do meio prisional e voltar para o seio social.

Desta maneira, percebemos que a reeducanda fez as leituras que mencionou no questionário e as associou com o conto lido, revelando que “ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 2010, p. 33).

Todas essas bagagens, ou vozes, como diria Bakhtin (1997), em suas ponderações sobre a linguagem, estão apontadas nas reflexões feitas pela reeducanda, nas atividades de leitura.

#### A Agulha e a Linha

Na atividade de leitura deste conto a participante narra a história da disputa entre a agulha e a linha na busca por saber qual delas têm o trabalho de maior importância, na confecção da roupa da baronesa. A participante expõe sua opinião ao dizer:

Mas na verdade, na nossa realidade, um depende do outro. Numa fábrica, uma máquina, não funcionaria se uma peça faltasse, se a graxa faltasse, ou seja, um conjunto. Nada acontece se não houver união, uma pequena palavra que faz toda diferença em todos os sentidos na nossa vida, no nosso dia a dia.

Para mostrar a dependência que temos um do outro, a reeducanda faz uma comparação com uma fábrica que têm locais e funções preestabelecidas, portanto, rotineiras, o que me lembra do filme feito por Chaplin conhecido por Tempos Modernos, que faz uma crítica severa ao capitalismo como sendo uma fonte de mecanização do homem e a perda da espontaneidade, tornando-o uma máquina que executa serviços.

Observo que a unidade prisional promove a alienação dos apenados para que se acomodem ao mundo contemporâneo, deixando-os modelados segundo os moldes da sociedade atual. Isso é notado por meio de regras rígidas e muitas vezes sem nenhuma relevância.

Na sequência, a reeducanda se utiliza de uma citação colhida em uma revista para exemplificar a importância do outro em nossas vidas, quando diz:

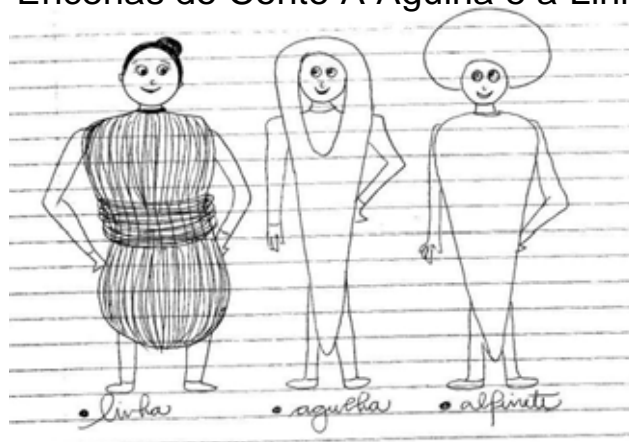
É como diz uma bela frase que li uma vez e ela faz parte da minha vida hoje: “A mulher que trabalha com as mãos é uma operária. A mulher que trabalha com as mãos e o cérebro é uma artesã, mas a mulher que trabalha com as mãos, o cérebro e o coração é uma artista.” (Revista Sarabolas).

A reeducanda fez uma citação de uma revista que não consegui encontrar com o nome mencionado por ela. No entanto, posso associar o seu comentário novamente com o filme *Tempos Modernos*, que mostra que ao trabalharmos com as nossas mãos de maneira mecanizada, os pensamentos (o cérebro) e os nossos sentimentos (coração) também ficam mecânicos e, por isso, não permitem o pensamento e, não sentem por que aquele ato não lhes dá espaço para sentirem, só repetem o que lhes foi mandado, tornando-se uma pessoa alienada. A falta de experiência, ou visão de mundo, pode tê-la levado a esta conclusão sem que pensasse nesta impressão alienando de suas palavras.

Na leitura encenada esta participante interpretou o alfinete, aquele que não abre caminho para ninguém, onde o espetam fica. Nesta etapa da pesquisa a reeducanda foi responsável pelo desenho e a confecção do figurino de alguns personagens. Usou a sua imaginação para fazer a transposição daquilo que havia lido, do abstrato para o concreto.

A seguir encontra-se uma cópia do desenho das roupas dos personagens da agulha, linha e o alfinete, desenvolvido pela participante:

Figura1- Desenho do Figurino da Leitura Encenas do Conto A Agulha e a Linha



Fonte:Pesquisador 2012

## A Igreja do Diabo

A participante resumiu cada capítulo do conto e passou a sua interpretação. No capítulo um destacou:

No conto de Machado de Assis - "A igreja do diabo", o diabo teve a ideia de criar uma igreja, pois queria desafiar à Deus pela sua inveja, sentia a necessidade de ter uma igreja.

No capítulo I ela destaca a inveja como sendo fator motivador para que o Diabo deseja-se criar uma igreja, ressalta ainda que este sentimento não faz parte da sua vida, no entanto, conforme Machado, o ser humano é contraditório e dentro de nós sempre há capas de veludo com franjas de algodão ou capas de algodão com franjas de veludo.

(...) o diabo pensa que pode fazer melhor, mas não imagina o quanto o ser humano é contraditório. As vezes achamos que estamos fazendo algo certo, mas esquecemos dos imprevisto que a vida nos oferece

Na visão da reeducanda, o Diabo pensava estar fazendo o certo, mashouve um imprevisto, ou seja, o homem mudou de ideia. Na realidade, o Diabo ao fazer esta proposta, movido pela inveja, pelo desejo do poder ilimitado, não teve compreensão de que o homem é volúvel e, por isso, contraditório, o que não é um imprevisto, apenas falta de compreensão de como é a alma humana.

Isso mostra que o diabo fez sua política e vendeu ilusão e as pessoas por serem fracas acabam caindo na conversa. Na nossa vida também não tem muita diferença, achamos que estamos escolhendo um caminho bom, caímos nas más conversações, acreditamos e por ser um caminho mais fácil e rápido é mais fácil seguirmos por ele.

A reeducanda, ao dizer que o Diabo veio à terra vender ilusões, fez-me lembrar do fato que encadeou a sua prisão, ou seja, associação ao tráfico de drogas. Parece-me que a sua fala perpassa por este fato, por conter palavras que denotam ter sido enganada, como ela mesma diz ouvir más conversações e por



acreditar em um caminho mais fácil e rápido. Muito embora, o caminho das drogas não seja fácil, o dinheiro que ele pode proporcionar em um curto espaço de tempo, pode aguçar os olhos não levando em conta os riscos.

Todos nós, temos dentro de nós o bem e o mal e dentro do que vivemos, ou seja, cada situação que passamos nesta vida infelizmente exige de nós um pouco de cada coisa. Quando é necessário falar não, eu falo, se não posso, se não tenho, se não quero e quando posso falar sim eu falo, sim posso, tenho e quero, ou seja cada situação que eu viver vou precisar ser assim.

A participante compreende do final do conto que o ser humano é constituído de bem e mal, esses opostos, segundo ela, se apresentam em nossas vidas nos momentos em que temos que tomar decisões e precisamos responder com sim ou não. O que também me remete a pensar no caso dela, inexperiente, não soube dizer não e acabou presa.

Esta participante se destaca ao verificarmos como a leitura pode revelar outras leituras de livros, escondidas em seu interior, como no caso dos livros *A cor da ternura* e *O escafandro e a borboleta*. É também digno de alusão a questão de valorizar o outro, que pode ser associada às visitas que recebe do marido e familiares, fato que não acontece com muitas outras que se encontram aprisionadas.

Esta participante pode mostrar que as leituras que fazemos são significantes para o leitor, são guardadas e associadas a outros escritos no decorrer do tempo. Isso é importante para mostrar como o ato de ler pode ser formativo desde que incentivado.

## 3.2.10 Relatos de Experiência de Leitura - Participante X

**Quadro 26 - Perfil da Participante X**

<b>Característica da Participante</b>	<b>Perfil da Leitora</b>
30- 49 anos e 364 dias	Ensino Superior Incompleto
Solteira	Não estuda
Não tem filhos	Tem costume de ler
Agressão	Revista, jornal , livro e
De seis meses até nove meses e vinte nove dias	O retrato de dorian gray, O cortiço, Incidente em
Cumpriu sua pena	Assiste à novela
Não recebe visitas	Drama, época e comédia

Fonte:Pesquisador 2012

## Idéias de Canário

A participante X na faixa etária entre 30 e 49 anos, solteira, com ensino superior incompleto, foi a responsável pela organização das participantes da pesquisa no horário e local da pesquisa, mas acabou desistindo de participar no último conto.

Ela começa os seus comentários apontando para a corrupção da justiça brasileira que permite os casos de tráfico de crianças. A reeducanda levanta essa questão afirmando que o dinheiro de muitas pessoas consegue abrir caminhos na aquisição de uma criança advinda de progenitores carentes e sem instrução. A criança se torna uma mercadoria que é vendida sem a permissão dos pais.

- Na China só se pode ter um filho, quando nascem filhas, são mortas. No Brasil, a política é diferente, mas, as crianças são mercadorias, a justiça colabora para que os filhos de famílias pobres e desinformadas dos seus direitos fossem roubados e vendidos para pessoas de condição financeira elevada, seja no país ou fora dele. A justiça, por sua vez, colabora para que tudo isso aconteça.

Este comentário feito pela reeducanda foi provocado ao se lançar na conversa o tema da corrupção no país e a questão da cultura chinesa que aprisiona seus habitantes.

Esta reeducanda cursou o nível superior na área de publicidade e propaganda, a escolaridade proporciona a ela uma maior facilidade em relação às demais no que se refere à análise dos assuntos tratados.

Ela expõe a imposição feita de se ter apenas um filho. Tal afirmação vai ao encontro do que Foucault (apud CÂMARA, 2011, p. 3) esclarece quanto à prisão que a cultura se torna: “Não há uma única cultura no mundo em que seja permitido tudo fazer. E sabemos bem, há muito tempo, que o homem não começa com a liberdade, mas com o limite e a linha do intransponível.”.

Quanto ao fato de sermos prisioneiros da corrupção, vemos que a participante é positiva em apontar em meio a políticos e autoridades do sistema brasileiro, atitudes nefastas que envergonham a sociedade. O dinheiro passa a ser moeda de poder e isso impulsiona muitos a buscarem este caminho, o que não era diferente da época de Machado, muda-se apenas o fato de que naquela época a valorização era o da posição social como representação do poder. A participante ainda responde:

- Onde eu vivo!

A reeducanda que leu clássicos da literatura como O retrato de Dorian Gray, O Cortiço, Incidente em Antares, obras que expõem problemas sociais de sua época e que revelam uma parte da personalidade crítica da leitora que participa da pesquisa, demonstrando como é importante o ato de ler como mola impulsionadora do pensamento, desenvolvendo-o e fazendo com que o indivíduo tenha consciência de que: “A prisão não é a grade, e a liberdade não é a rua. Existem homens presos narua e livres na prisão. É uma questão de consciência.” (GANDHI)

A Agulha e a Linha

No conto A agulha e a linha a participante X relaciona o comportamento egoísta e individualista dos personagens da agulha e da linha com o do governo para com os apenados nas unidades prisionais. Ela reflete que se fala muito em reintegração social, mas o acolhimento do egresso na sociedade é complicado. Contudo, tudo isso não passa de palavras utópicas e enganadoras para tirarem vantagem da situação. Ela afirma;

- Nós presas somos propriedade do governo. Nós somos um número, eles dizem que gastam R\$1.000,00 (Um mil reais) por preso, mas, nós não vemos esse dinheiro sendo aplicado dentro das unidades prisionais.

A reeducanda levanta o tema da corrupção advinda do individualismo, da vontade de dominar tudo e a todos levando vantagem sobre os outros. Os apenados servem de trampolim ou de testa de ferro para muitos políticos obterem ganhos ilícitos com promessas vãs, granjeando os votos de muitos para sua eleição.

No entanto, apesar da boa compreensão da participante, isto não significa uma experiência de leitura, por que o leitor é identificado não pelo entendimento que ele tem do texto, que pode ser excepcional, mas a relação íntima que ele estabelece com o texto. Segundo o filósofo:

De todo modo, o decisivo, desde o ponto de vista da experiência, não é qual é o livro, mas o que nos passa com sua leitura. (...) Seguramente é capaz de responder bem a todas as perguntas que lhe façam sobre o texto. (...) Esse leitor analfabeto é um leitor que não põe em jogo a si mesmo no que lê, um leitor que pratica um modo de leitura no qual não existe relação entre o texto e sua própria subjetividade. (...) É também um leitor que vai ao encontro do texto, mas que são caminhos só de ida, caminhos sem reflexão, é um leitor que não se deixa dizer nada. Por último, é um leitor que não se transforma. (LARROSA, 2010, p.09)

Essa participante, apesar de ser esclarecida, foi presa por agressão a uma pessoa da família, provocada pela dependência química, fato este que não foi revelado pela reeducanda, no entanto, encontra-se exposto no jornal virtual de sua cidade, ao qual tive acesso. Este dado nos leva a compreender o ato de ler de maneira mais profunda, não basta apenas interpretar e compreender o texto, está envolvido nisso ter uma relação com o texto, ou seja, identificar em

que ele me incomoda ou é apático. É semelhante quando olhamos no espelho e não percebemos nenhuma modificação em nós, quando isso acontece, somos classificados pelo filósofo como leitores analfabetos.

Esta participante apesar de ter uma boa compreensão dos contos, resultado de leituras de clássicos anteriores e ser aluna do ensino superior, não teve uma relação íntima com o texto. Ela apenas participou das atividades de leitura dos dois primeiros contos - Idéias de Canário e A Agulha e a Linha - com comentários que anotei no diário de campo, porém, não fez nenhum relato escrito. Não participou também do último conto - A Igreja do Diabo e da leitura encenada, ela desculpou-se dizendo que viria no próximo e não apareceu. Esta é a última participante cujos comentários e participação nas atividades propostas na pesquisa foram analisados.

Desta forma chego ao final deste capítulo caracterizando o ato de ler daquelas mulheres aprisionadas ao construir um perfil da leitora por meio de apurar os dados quantitativos fornecidos pelo questionário tais como: o seu hábito de ler, o que lia, idade, tempo de prisão, tempo a cumprir, motivo de prisão, atingindo assim, o primeiro objetivo da pesquisa.

Este perfil de cada participante, ao ser entrelaçado com os relatos (orais e por escritos) e as frases da leitura encenada, possibilitou-me compor as análises das atividades de leitura e obter a resposta dos outros três objetivos, além da resposta a minha questão de pesquisa.

Essa técnica de entrelaçamento entre os resultados é chamada de triangulação de dados, o que pode oferecer possibilidade para relacionar a opinião dada pela reeducanda referente a algum assunto despertado pela leitura dos três contos e os possíveis motivos que a levaram a este pensamento, ao associar com o seu perfil leitor.

Embora a maioria delas tenha feito muitas associações pertinentes, gostaria de destacar as relações tecidas pelas participantes II, III, VII e IX, que se destacaram ao se aproximar do diálogo que deve existir entre a subjetividade do leitor e o texto lido, responsável pela experiência de leitura. O filósofo Larrosa (2002, p.133, 136) afirma que:

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que

tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas, também, com aquilo que ele é (...) para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade (...).

As participantes II, III, VII e IX se destacaram por demonstrarem que conseguiram promover tal encontro. A participante II fez várias associações nas entrelinhas dos textos, entre elas, teve a compreensão de que o seu momento na prisão pode ser passageiro e que em breve irá sair e refazer sua vida. Também foi a única a citar a leitura como uma forma de viajar pelo mundo, abrindo portas e construindo estradas para caminhar.

A participante III, embora tivesse um nível escolar abaixo das outras, fundamental incompleto, mostrou que pode se desenvolver ao abordar a sua preocupação com assuntos como a educação do preso no Brasil e seu retorno, despreparado e sem apoio efetivo, para o seio da sociedade, que não está preparada para recebê-lo.

A participante VII percebeu o jogo de retórica do diabo ao ludibriar as pessoas com as palavras, ressaltando a importância de ser um bom leitor de mundo dando possibilidades de estar preparado para não ser enganado pela arte da palavra ou pelos jogos que podemos criar com ela.

A participante IX associou as suas leituras anteriores acumuladas dentro de si - A cor da ternura e A borboleta e o escafandro - ao que leu dos contos machadianos, compreendendo que o preconceito pode ser uma gaiola, uma prisão .

Apesar dessas quatro participantes terem sido destacadas, compreendo que conseguiram aproveitar lições dos contos machadianos proporcionando atingir os outros três objetivos: discutir com as reducandas a importância do ato de ler, constatar, por meio do entrelaçamento de dados (questionário, relatos orais e por escrito e a leitura encenada) uma maior ou menor compreensão dos textos lidos e tornar a leitura uma prática social do cotidiano, ainda que parcialmente.

A resposta à questão de pesquisa “pode a prática social da experiência da leitura de textos literários ampliar a visão de mundo de mulheres aprisionadas?” foi respondida, ainda que parcialmente, de maneira afirmativa,

muito embora o ato de ler, por ser um processo, demande um tempo maior de um próximo projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração que faço é quanto à importância do trabalho voluntário que desenvolvi anteriormente e no decorrer da pesquisa, dentro de uma unidade prisional, o CR feminino de Rio Claro.

Eu o considero como o impulsionador do desejo de conhecer melhor este ambiente e as reeducandas para propor soluções que enriquecessem o aprendizado delas, possibilitando-lhes ao saírem do Centro, melhores condições de inserção na sociedade; ele também proporcionou-me a oportunidade de constatar a dificuldade de compreensão de leitura que muitas reeducandas apresentavam.

Ao entrar na pós-graduação as orientações, as discussões em sala de aula, as leituras de alguns teóricos possibilitaram-me traçar um paralelo entre as teorias que consideram a leitura como experiência e a situação com a qual me deparava - a de mulheres aprisionadas para as quais eu iria levar uma proposta de mudança para a vida delas.

Por esta razão, iniciei uma pesquisa com o objetivo de encontrar uma resposta para a pergunta que me inquietava: pode a prática social educativa da experiência de leitura de textos literários ser um dos caminhos para conduzir as reeducandas a ampliar a sua compreensão de mundo?

A segunda consideração a ser feita é que os resultados obtidos pela triangulação metodológica proporcionou análises que possibilitaram-me entender as características leitora de cada reeducanda, bem como, a compreensão delas sobre os interstícios dos textos literários presentes em seus relatos de experiências (orais e escritos), além de uma melhor compreensão de como transformaram a interpretação pessoal do conto para o concreto da encenação, podendo assim propiciar um incentivo a prática social da leitura como parte do seu dia a dia.

Outra consideração é que a leitura, conforme dados coletados pelo questionário, não se fazia presente na vida das reeducandas, enquanto experiência, algo que as toca, transforma e deforma como nos diz Larrosa (2002), apesar de atestarem que têm o costume de ler, provavelmente o ato de ler



fosse superficial, uma galvanização (BENJAMIN, 1987), um passatempo para preencher os longos dias na cela.

Apesar de todas as dez participantes se empenharem e aproveitarem as leituras e as conversas instituídas na pesquisa quero destacar a participação da participante III, uma mulher na faixa etária entre 30 e 49 anos, solteira, e que possui como nível escolar o fundamental incompleto, porém, impressionou com os seus comentários e relações que estabeleceu entre os contos e o mundo que a cerca. Ao iniciar o projeto ela me disse que gostava muito de literatura, porém, não conseguia compreender porque as palavras eram difíceis. De fato, ela encontrou dificuldades com a leitura no decorrer das atividades, mas, conseguiu superá-las e surpreender ao tecer comentários críticos, como o que fez ao dizer que a educação na unidade prisional não propicia ao egresso uma melhor compreensão e apoio sólido para as dificuldades que terá que enfrentar ao retornar a sociedade.

A participante III fez ainda um comentário no qual delineia um paralelo entre o primeiro e o último conto lido - Idéias de Canário e A Igreja do Diabo - demonstrando a sua capacidade de ler o mundo e ressignificá-lo segundo a sua visão dele, ela disse:

- A grande lição que tiro dos dois contos é que a falta de conhecimento pode causar a prisão em uma gaiola e permitir que sirvamos de escada para outras pessoas.

A sua frase acima citada é a sua ressignificação dos contos lidos e, revela os avanços significativos que notei em sua compreensão. Esta mulher com pouca escolaridade e que após a leitura dos textos literários e os diálogos colaborativos instituídos durante as atividades obteve uma melhora em sua compreensão de mundo tornando-a mais abrangente à medida que amplia o sentido daquilo que lê, por exemplo, a simples relação que estabelece entre o pássaro na gaiola e a reeducanda na prisão, ela alça voo para entendimentos maiores como o de uma possível causa para a sua prisão - a falta de conhecimento, a falta de discernimento nas situações vividas - e a do uso que

outras pessoas podem fazer com aqueles que são menos experientes. A experiência de leitura de textos literários alicerçada em sua leitura de mundo proporcionou-lhe a oportunidade de construir o seu texto e pode significar que atingiu uma compreensão de mundo mais ampla ao ser tocada e marcada pelo texto literário.

Considero ainda o fato que ocorreu no último encontro com as reeducandas, na apresentação que fizeram da leitura encenada, quando a participante IV, uma mulher na faixa etária entre vinte e cinco e vinte e nove anos, viúva, ensino fundamental completo, entregou-me um relato escrito destacando o valor que ela atribuiu a leitura em sua vida, deixo que as suas palavras sejam fidedignamente a sua voz que é descrita abaixo:

O conto Canário. Foi para mim o começo de uma longa história que com certeza não acaba aqui, foi como se eu tivesse tomado uma vitamina para a realização de todos os meus sonhos. Estava + presa do que aquele pobre canário, minha alma, meus pensamentos, meus sentimentos estavam aprisionados à uma gaiola. Amei todos os contos, + me identifiquei mais com o conto Canário, e quero (...) e o (...) que saibam que vocês conseguiram me mostrar um mundo melhor, com + cor, alegria através da leitura consegui conhecer um mundo melhor e a pessoa que sou.<sup>10</sup>Eu quero muito que saiba que antes disso tudo acontecer meu ultimo livro eu li quando eu tinha 16 anos e hoje com 37 recomecei e já estou no meu 5º livro.

OBRIGADA POR ESSE APRENDIZADO!

A participante reconheceu a importância do ato de ler ao dizer que para ela o conto Idéias de Canário foi o mais significativo e, complementou que após o início do projeto já estava lendo o seu quinto livro, isso pode significar que a leitura encontrou seu espaço na reeducanda, em outras palavras, o ato de ler pode ter passado a fazer parte do seu cotidiano e, isto só se tornou possível por que ela compreendeu que a leitura pode ser considerada um caminho para o

---

<sup>10</sup> O grifo é nosso.

autoconhecimento e para desbravar o universo do mundo em que vive. Ao ter este pensamento, a reeducanda pode estar caminhando para ser uma possível leitora.

Quanto aos contos machadianos, lidos e discutidos com as reeducandas posso considerá-los ampliadores do mundo, ao fazerem provocar nelas o espírito questionador e crítico.

A leitura encenada também pode ser considerada como a possibilidade que elas tiveram de navegarem pela criatividade ao imaginarem e desenvolverem o seus figurinos, ao pensarem na música de fundo no baile que promoveram para a baronesa e o galante diplomata e, por fim, ao atribuírem sentidos e torna-lo concreto, no personagem do Diabo, aos sentimentos de inveja, prepotência, arrogância, demonstrados pelas figuras da agulha e da linha.

Essas considerações permitem-me responder, ainda que parcialmente, que a leitura como experiência pode resultar em uma visão de mundo ampliada para as participantes da pesquisa. Digo parcialmente por que sou sabedor de que a leitura é um processo que precisa e deve ser alimentado, dia a dia, demandando mais tempo para o seu desenvolvimento. Desta maneira, fica aqui a sugestão de se implantar um projeto de leitura de textos literários que faça parte da instituição prisional e, seja desenvolvido semanalmente durante o ano.

Este projeto institucional poderia estar apoiado na valorização da leitura proposta pela criação de um projeto de lei que admite a remição de pena de um apenado pela leitura. A contagem de tempo para fins de remição de pena funcionará pela razão de quatro dias de pena para cada 30 dias de leitura, no entanto, existem critérios que devem ser seguidos de acordo com a Portaria Conjunta 276, do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). (Tribunal de Justiça de São Paulo, 2013).

Um projeto de leitura contínuo, diverso em seu conteúdo, cujo objetivo é de tornar a experiência de leitura, para as reeducandas, uma prática educativa que “(...) deve, portanto, promover o indivíduo, e este, deve transformar o mundo em que está inserido, não se tornando um instrumento de ajuste à sociedade (...)”(ONOFRE,2011, p.48), antes, transformando-os em sujeitos capazes de “(...) navegar sem bússola para o desconhecido, buscando um conhecimento que, a cada passo, é necessário rever e reavaliar.” (YUNES, 2003, p.22)

Como pesquisador e participante ativo desta pesquisa, considero esta investigação como provocadora de reflexões sobre o ato de ler, levando em consideração o ambiente carcerário com suas dificuldades e restrições.

Para a instituição penitenciária, esta investigação pode ser considerada um incentivo na construção de mulheres mais esclarecidas, cientes de seus direitos e deveres para com a sociedade.

Também implicou para mim não só o crescimento acadêmico ao buscar a resposta para a minha inquietação, mas, fazendo-me crescer como pessoa, ao acrescentar-me a oportunidade, de ser um sujeito da pesquisa por ler com elas, os textos literários, permitindo-me conhecer o mundo de mulheres que estão aprisionadas, cujo conteúdo retrata os seus medos, dúvidas e traumas abrindo a perspectiva para o pensamento de que todos têm o direito a uma nova oportunidade, porém, cabe a cada um aproveitá-la.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M. **Obra completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994. vol.II
- \_\_\_\_\_ A igreja do Diabo. In: ASSIS J. M. **A cartomante e outros Contos**. São Paulo: Moderna, 2005.
- \_\_\_\_\_ Idéias de Canário. In: ASSIS, J. M. **O Alienista e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1995.
- \_\_\_\_\_ Um apólogo. In: ASSIS, J. M. **A cartomante e outros Contos**. São Paulo: Moderna, 2005.
- BARDIN, L. Definição e relação com as outras ciências. In: BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, A., et. al. **Antologia e Estudos: Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BRASIL., DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Relatório situação prisional: Comissão de Direitos Humanos** (2006).: Disponível em <http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/area-de-atuacao/torviolpolsist/Relatorio%20situacao%20prisional%20-%20Comissao%20de%20Direitos%20Humanos%20.pdf/view> Acesso em 05 de 05 de 2011
- CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 1988.
- CÂMARA, H. F. Outras folhas corridas: escritas de si. **Anais do XXVI Simpósio**

**Nacional de História** . São Paulo: ANPUH, 2011.

CARVALHO , D. (Diretor). **Lado a lado [Novela]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

CERTEAU, M. **A economia escriturística**. In: CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2001.p.221 – 273.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DUARTE, Teresa. **A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)**. Lisboa: Portugal. CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

ENGEL, G. I. Pesquisa ação. **Educar em revista**. Parana (16), 181-191, 2000.

FERRARI, A. **Sujeitos, Subjetividades e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF; 2010.

FERNANDES, J. de M. **A enunciação na encenação teatral (2006)**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe2/2006-eSSe2/J.M.FERNANDES.pdf>. Acesso em 12 de Maio de 2012.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Livraria da folha** . Disponível em <http://livraria.folha.com.br/catalogo/1192908/a-cor-da-ernura#prodLinksInfo>. Acesso em 12 de Junho de 2013.

HESS, R.; WEIGAND, G. A escrita implicada. **Revista Reflexões e Debates**, Universidade Metodista de São Paulo, p.14-24. Abril 2006.

INSTITUTO DE DEFESA DO DIREITO DE DEFESA. **O direito do olhar: publicar para replicar (s.d)**. Disponível em: <http://iddd.org.br/Noticias.aspx?Id=388>. Acesso em 06 de Junho 2012.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_ **O Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo:Moderna, 2004.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. In: **Reflexão e Ação**. São Paulo, 19 (2), 04-27, 2011.

\_\_\_\_\_ Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÜDKE, H. A.; ANDRÉ, M. E. Métodos de coleta de dados: Observação, entrevista e análise documental. In: H. A. LUDKE, H. A. & ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1988.

MANGUEL, A. Metáforas da Leitura. In: MANGUEL, A. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MARCONI, M. D.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ONOFRE, E. M. C. A leitura e a escrita como possibilidade de resgate da cidadania de jovens e adultos em privação de liberdade. **Revista educação e linguagens. Campo Mourão** (v.1), 46-59, 2012.

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. UNIDADES PRISIONAIS. SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA. (s.d.). Disponível em: <http://www.sap.sp.gov.br/common/unidades.html>. Acesso em 05 de 05 de 2011

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez,

**2007.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Abraço sem Medo:** Leitura e Cidadania na Penitenciária Industrial de Cascavel. (s.d.). Disponível em : <http://projetos.unioeste.br/projetos/leitura/pic>. Acesso em Janeiro de 2011

VIEIRA, L. G. **Arte na cadeia**. In: VIEIRA, L. G. O direito de olhar: publicar para replicar. São Paulo: Instituto de Defesa do Direito de Defesa, 2009.

YUNES, E. Leitura como Experiência. In: YUNES, E. ; OSWALD, M. L. **A experiência de Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ZAFALON, M. **Concepções de Literatura:** Leitura e Leitor. Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários 9-11 de junho 2010. Maringá, Paraná, Brasil: Universidade Estadual de Maringá, 2010.



## ANEXO A - REDAÇÕES CONTO IDÉIAS DE CANÁRIO Participante I

Conto Idéias de Canário  
Participante II  
(Machado de Assis)

Machado de Assis se referia há toda de belchior com o que se passava no Brasil: Zebração, Briguinha, discriminação, Egoísmo, preconceito.

O canário representava o Conde, que lutou e conseguiu vencer todas as suas Obstatudas e as suas Conchas se tornaram realidade.

A partir do momento que ele conseguiu sair da casa de belchior, passou para uma gaiola maior e dali ganhou o mundo.

Criei eu que o canário era o proprio Machado de Assis descrevendo suas lutas, tropeços, vitórias e conquistas.

O Sr. Meceiro era nada mais que um Extracordinario Observador, que acreditava que o canário iria longe depois muitas pessoas podiam ver pois o preconceito as cegavam.

hoje em dia muitas pessoas vivem em varios Tipo de gaiolas presas no preconceito, magoas Egoísmo, discriminação, odio, racismo, etc...

Entim, eu Cláudia Cardoso Também Já vivi em uma pequena gaiola presa no meu Egoísmo, ganancia em meu proprio e unico.

Bem está que o dinheiro me trazia hoje faz 4 anos e 5 anos que estão privada de minha liberdade.

Fiz muito mal a muitas pessoas mais muito poder de menos.

## Participante II

Recompensar-me pelo mal que  
 causei, hoje reconheço que erre.  
 e estou pagando pelo que fiz.  
 Hoje já me sinto numa gaiola...

☺ Vasta, como se eu estivesse na  
 Varanda do Sr. Macedo, posso até contemplar  
 o azul do céu.

Tenho sonhos e objetivos e sei que vou  
 conseguir realizá-los 7a7 pois aprendi  
 com meu próprio sofrimento a dar ☺ valor  
 as pessoas, aprendi ser ☺ humilde nada é  
 por acaso eu precisava passar por tudo que  
 passei para ser uma pessoa melhor.

Sei que logo estarei no galho de uma  
 árvore, ganharei o céu azul e irei reconhecer  
 e teri forças para passar por todos obstáculos  
 e preconceito que o cenário passou, e creio  
 Tenho certeza que irei vencer assim como  
 venceu meu Amigo Caracó.

## Participante III

Assunto: O conto idílico de Canário

Como falar eu de um <sup>mt</sup> tão sábio, e importante para essa história.

Ele faz ali nós, um personagem que mesmo vivendo em uma minúscula loja de bulhões, sonhava grande.

Seu corpo ali aprisionado em uma gaiola, mas a mente buscava por novos horizontes.

É assim que obtive oportunidade, arregassei as mangas e fiz dela um grande acontecimento, um personagem determinado, audacioso que conseguia ver além daquelas horrendas grades de sua gaiola.

Descobria um mundo para explorar repleto de maravilhas, fazendo assim de cada descoberta, momentos inesquecíveis.

Esse é e sempre será esse saudoso moço de Assis, um canário que ganhou o mundo.

## Participante IV

Canário

O canário estava em sua gaiola, mista um pouco da prisão de cada um, não foi de uma prisão ir e vir mais sim de uma prisão de pensamentos de esperar as nossas ideias e nossos sentimentos. É no meu ponto de vista machado fez do canário um personagem para que possamos entender que somos capazes de realizar coisas e conhecer além do que já conhecemos. Com a situação que o canário se encontrava na uma forma de mostrar como o mundo estava uma verdadeira bagunça. É com nossa inteligência e sabedoria podemos conhecer o mundo e não foi um pedaço dele.

obs: machado quis nos passar com esse conto uma pessoa que vive em um mundo fechado, com medo de esperar o que sente ou pensa. É para mim o medo é uma das maiores prisões que existem. Por isso acho que o canário foi o personagem perfeito para nos mostrar a imensidão dos nossos sonhos se tornarem realidade.

Participante V

## Ideias de canário

Quando falamos do canário, dentro daquela gaiola. Fala não somente da prisão carnal, mas da prisão da mente, de achar que não somos capazes de fazer, ou conhecer coisas diferentes, e pessoas diferentes. O canário tava acostumado, com toda aquela bagunça, que era o país como tava. Foi onde conheceu Macedo, o homem que o tirou daquela prisão, que era obscura solitária, mas levou ele a outra que poderia ser até mais bela, mas não deixava de ser uma prisão, pois ele ainda estava numa gaiola, conhecendo mais uma vez só aquele mundinho do Sr. Macedo, e foi quando ele conseguiu fugir daquela vida, repetitiva que ele vivia, etc se libertou descobriu que tinha asas e podia voar, pra ver o mundo, lá fora, ir pra onde quizesse. E saber que o mundo podia ser o que ele quizesse, seus defeitos, suas qualidades, informações, belezas naturais, o direito de ser livre. E ser alguém. E que em meio a tudo que ele viveu até ali, ele viu vários mundos, de varias formas, mas no final ele viu o melhor fora da gaiola.

Participante VI

Machado de Assis:  
"Idéias do canário."

Machado de Assis foi um homem, negro, pobre, epiléptico, porém de uma inteligência incomparável, que saiu da vida, para entrar p/ história.

Segundo o texto "idéias do canário" relata o preconceito que existem até hoje, inclusive a prisão, na qual se refere a gaiola por onde o canário viveu por um bom tempo, até ganhar a liberdade de poder voar por onde queria.

Tanta machado de Assis, que um dia, entrou numa loja que mais parecia um monte de entulho do que uma loja de brecho, e que era impossível de se admirar algo, mas alguma coisa lhe chamou a atenção, uma gaiola com um canário todo saltitante e ficou indignado p/ tanta felicidade do canário em meio a tanto entulho. Mas resolveu levá-lo p/ casa, para estudá-lo.

O texto nos leva a entender que a muito preconceito, até nos dias de hoje, preconceitos e/ negros, pobres, pobres e deficientes de todos os tipos. Mas

que esses preconceitos podem ser apenas obstáculos, que podem e devem ser superados, basta ter força de vontade, querer e se esforçar, sem passar por cima de ninguém. Quando a gaiola na qual o passageiro estive preso por algum tempo, é um tipo de preconceito referente à visão das pessoas, de enxergarem apenas o que está à sua frente e nada mais e como se usassem "cabeço". O deficiente em cadeira de rodar, pode não estar preso em uma cadeira, mas está preso em uma cadeira de rodas, o que impossibilita de andar, mas isso não quer dizer que ele está limitado de pensar, de expressar, etc...

Quando uma pessoa passa a se libertar desse "cabeço" e tem uma outra visão, tudo muda em sua vida, começando com o relacionamento el as demais pessoas. Aliás, essas pessoas preconceituosas são prisioneiras dos seus próprios preconceitos.

Quando essas pessoas se libertam dessa "gaiola", criam asas e voam, elas ganham o mundo, aprendem mais, viajam mais em pensamentos positivos, vivem mais.

A leitura é uma das formas mais simples e completa p/ que isso

aconteça. Quem lê, <sup>x</sup> viaja pelo mundo.

## Participante VIII

Machado de Assis  
 "Idiões do Canário"

Canário -> tou

Opinão -> Desejo

Céu azul e infinito -> liberdade.

Um canário enjaulado e em uma loja de bichos que vivia em um mundo vasto. Mesmo Machado dizendo pra ele sobre um mundo com céu azul e infinito, o canário não acreditava, pra ele tudo isso era ilusão e mentira. Mas ele (o canário), era feliz vivendo naquele mundo pequeno.

Com isso, ele conquistou Machado, que o tirou daquela loja e o levou pra mostrar-lhe um mundo diferente, porém, o deixou preso.

Mas, quando o canário descobriu que era capaz de voar, não só naquele espaço pequeno, ele foi descobrindo aquele mundo que Machado o dizia, com céu azul e infinito.

Com isso, ele descobriu que existia muitas coisas, além daquele mundo que ele vivia, e pode ver que o mundo com céu azul e infinito não era ilusão e mentira, pois conquistou a liberdade que nunca teve, ou que tanto esperava, mas achava que era impossível!



## Participante IX

Machado de Assis

O conto deste escritor Machado de Assis - "Idéias do Canário", abrange vários pontos de vista. Através deste conto podemos ver vários tipos de pessoas.

Assim como o canário, que dentro de sua gaiola só emergava o que ele via, é o preconceito. Que nada mais é que falar sobre o que não conhece.

Como exemplo temos os negros: São pessoas como qualquer outra, só mudam a cor, um deficiente de cadeira de rodas, também é uma pessoa como qualquer outra, porém limitada de andar, viver entre outras.

Mas um dos preconceitos que mais me chamam a atenção é do deficiente. As vezes você é limitado de poder fazer algo, pela falta de alguma parte do corpo, mas você recebe algo a mais, como se substituisse o que lhe falta.

Seu seja se uma pessoa não tem as mãos, ela não consegue desenhar, pintar, escrever, ~~isto é~~ por essa falta, mas tem uma habilidade com os pés. Como já se tem visto vários casos de pessoas que pintam ~~esses~~ quadros incríveis e o pincel na boca, nos pés ou seja ele nunca foi e nunca será inútil e nem diferente. E porque as pessoas ficam presas a uma realidade que não conhece?

O preconceito é tão grande que prende a mente, a pessoa não consegue ver além, fica só ali vivendo o que acha que <sup>real</sup> ou pensa que entende sobre o

assunto.

Talvez se saíssem dessa gaiola de preconceitos, buscando entender melhor o assunto ou conhecer as pessoas por dentro, emergiriam uma bela pintura entre tantas coisas que um deficiente é capaz de fazer ultrapassando e superando todas dificuldades, porque eles tem um coração que bate como o nosso ou seja eles são iguais a mim, a você e como qualquer outra pessoa.

Sair da gaiola é importante pra nos ensinar mais sobre a felicidade.

## ANEXO B - REDAÇÕES DO CONTO A AGULHA E A LINHA

Participante I

## A agulha e a linha

Bom no meu pensar como a agulha e linha existe várias pessoas arrogantes e fúteis como elas;

mas fazer o que né o mundo desde que o mundo existe pessoas como agulha e linha.

É muitas linhas sem noção e ordinária como aquela aí melhor essa linha da nossa peça.

É isso que li só confirmei mais o quanto o mundo é cheio de hipocrisia e de pessoas sem caráter.

Espero que em dia isso tudo mude e que as pessoas mude o modo de pensar.

Sei que é quase impossível mas quem sabe um dia né.

## Participante II

Está uma vez...

Um novelo de linha e uma Agulha

A linha e a Agulha eram arrogantes e tão orgulhosa a ponto de achar que uma era melhor que a outra

A linha e a Agulha não conseguiam entender que uma precisava da outra, e assim iam seguindo as discussões uma querendo passar por cima da outra

A agulha precisava da linha para fazer o sofisticado vestido da baronesa

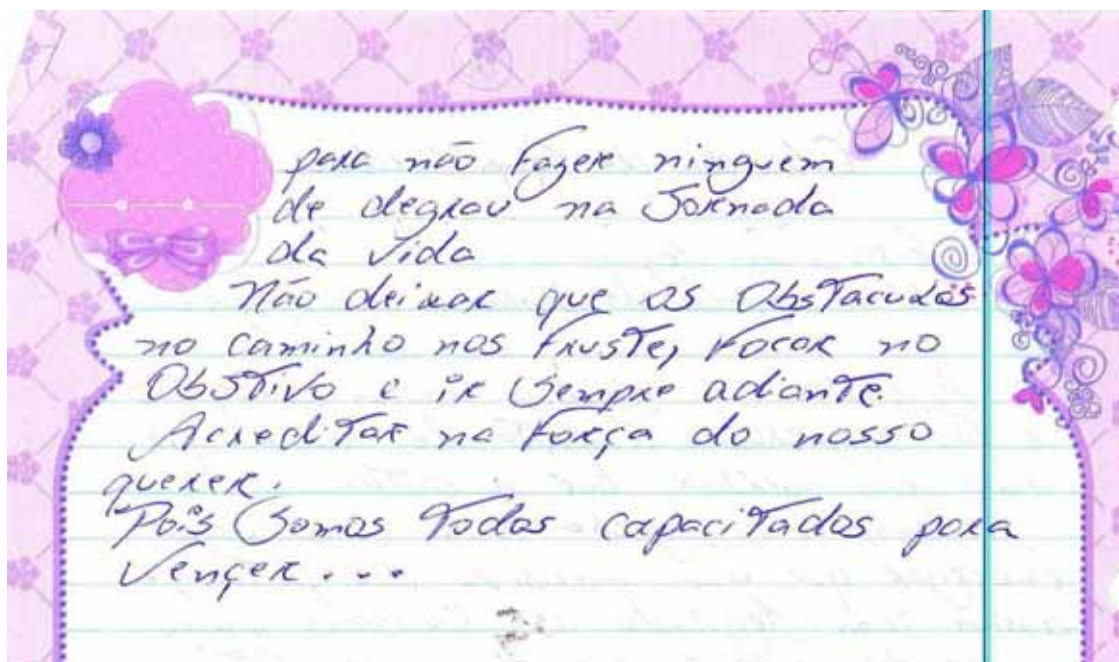
A linha também precisava da agulha para o acabamento do vestido

Mas a soberba de ambas as cegavam e assim não havia diálogo entre elas.

O prof. de meditação ao ouvir a História ficou mais frustrado ainda, já estava cansado de abrir caminho pra muita gente ingrata ir para frente. Ele não teve nenhum tipo de reconhecimento

Na vida! ninguém consegue chegar a lugar algum sozinho, sempre precisamos das pessoas para nos ajudar

Temos que ter a humildade de saber pedir ajuda e saber reconhecer, e a honestidade



Participante III

③

Rio Claro 05 de Novembro 1952

Nome: Lindinalva

Assunto: Um Apólogo

Uma história que nos faz claramente, diversos dos contratempos que temos no nosso dia-a-dia: como a inveja, a soberba, a superioridade que uns acreditam ter sobre o seu próximo.

Onde na verdade somos uma corrente, e sempre precisamos um do outro para adquirirmos a mínima de ~~sucesso~~ uma ajuda.

A grande verdade é que desde, a baronesa até o menor dos pebleus somos todos iguais, e sem amor, educação, sem humildade não conseguiremos chegar a lugar algum.

Seja só uma semente de bem, para termos uma faixa colhida de amor, paz, e muita piedade.

Participante V

⑤

## A Linha e a agulha

RSTQSSS

O texto relata um pouco do que o Ser humano realmente é, egoísta. E muitas vezes, se acham melhor que os outros, somente por saberem algo, se acham melhores, ou pensam que não precisam de ninguém.

O erro do Ser humano é pensar, que muitas vezes, alguém não ser tão capacitado como ele, não tem capacidade suficiente pra aprender.

Mas no fundo todos precisamos um do outro, e claro que ninguém é perfeito, ou super inteligente, pra achar que não precisa do outro.

Temos mesmo que pararmos de ser egoístas, e aceitar que não conseguimos fazer nada sozinho, e não somos nada sozinho.

Temos que admitir que mesmo achando que somos mais capacitado que alguém, nós devemos achar que ele não pode nos ajudar, pois ele pode assim como nós também podemos ajuda-lo, ensinando o que sabemos, e aprendendo o que não sabemos. Pois ninguém é perfeito, e não somos nada sozinho.

Participante VI

Um apólogo - machado de assis  
Aguilha e a linha

Consegue colocar para a realidade com o seguinte pensamento:

O ser humano tem muitos defeitos, e um deles que eu acho terrível é o egoísmo.

A pessoa que é egoísta, vive sempre sozinho, e quase sempre se acha a melhor de todas as pessoas, e sempre diz que "se não fosse eu, nada disso teria acontecido". E não é bem assim, Deus nos fez diferentes para um ajudar as necessidades do outro, imagine se todos os seres humanos fossem iguais?

Isso é perfeito! "uma mão lava a outra". Cada pessoa tem facilidade em desempenhar algum tipo de tarefa, e é aí onde tudo se encaixa. É tão bonito podermos ajudar alguém a se enquer na vida, pra mim isso seria um grande prazer!



Participante VII

⑦

Machado de Assis.

A Cartomante e outros contos

O texto, nos mostra que há pessoas orgulhosas, que só pensam em si mesmo, e ainda tentam fazer com que outras pessoas que estão ao seu redor, se contaminem com esse sentimento. Pessoas que só pensam em si mesmo, não estão nem aí p/ os outros, pensam que o mundo gira em torno do próprio umbigo.

Temos que mudar esse tipo de pensamento que essas pessoas têm, pois nós dependemos um dos outros, gostando ou não. Por mais que achamos que não precisamos dos outros, nós precisamos sim, de uma forma ou de outra.

Participante VIII

## Machado de Assis

A Conto morale e outros contos

## "Travessias" Um Apólogo

No meu entender, neste mundo em que vivemos, há muitas agulhas e needles. Porém, alfinetes, também.

Há pessoas que querem ser mais do que outras, tem orgulho, se acha a melhor das melhores. O que é errado, apesar de existir diferenças entre ricos e pobres, brancos e negros, somos todos iguais.

Devemos ser humildes perante o próximo, por mais difícil que seja, mas jamais querer ser melhor do que a outra pessoa.

Também devemos ajudar uns aos outros, pois se que não queremos pra nós, não podemos ajudar para o próximo. Devemos amar o próximo como nos amamos.

Têm pessoas que só pensam nelas e esquecem do próximo. Mas também, têm aquelas que lembram das outras, só pra fazerem de "escravos".

Como diz no final do conto:  
"Existem muitas pessoas que servem de agulha para muitas lãs ordinárias".

Participante IX

— 11 lachado de Assis <sup>nevo sabre mto sab</sup>

Um Apólogo.

O conto fala sobre a história de um novelo de linha e da agulha, onde a agulha se acha melhor que a linha e tinham uma discussão para mostrar quem faz o principal trabalho.

Mas a verdade, na nossa realidade, um depende do outro. Nessa fábrica, uma máquina, não funcionaria se uma peça faltasse, se a grana faltasse, se o operário que a manuseia faltasse ou seja seja um conjunto, nada acontece se não houver uniao, uma pequena palavra que faz toda diferença em todos os sentidos na nossa vida, no nosso dia a dia.

No caso deste conto, se não houvesse uma agulha, não costuraria o vestido da baronesa, se não houvesse a linha, a costureira e os demais materiais, não teria vestido.

É como diz uma bela frase que li uma vez e ela faz parte da minha vida hoje:

"A mulher que trabalha com as mãos é uma operária. A mulher que trabalha com as mãos e o cérebro é uma artesã, mas a mulher que trabalha com as mãos, o cérebro e o coração é uma artista". (Revista Sarabotras)

Essa bela frase é um grande exemplo de que tudo fica melhor, mais bonito, quando trabalhamos em conjunto e não desfazemos das coisas simples, pois usa-las como escadas para

ANEXO C - REDAÇÕES DO CONTO A IGREJA DO DIABO  
Participante II

## A igreja do diabo

Como conta o manuscrito, não mais natural, que o diabo quisesse fundar uma igreja, visto que como ainda o mundo cheio de pessoas que colaboram com os desejos dele, essa igreja poderia vir a monopolizar todas as igrejas e o diabo ter controle total do mundo. Claro tudo ao modo dele.

Mas com certa presunção do consentimento de Deus.

E com toda arrogância que lhe é cabível foi tu com Deus.

Fazendo comparações de como é difícil o caminho do bem, e como o mal é mais próprio do ser humano, na certeza de vitória.

Ainda que Deus tentasse persuadir o diabo que ainda a salvação para as almas; a arrogância dele vai além e crê piamente que pode com toda característica maligna e enganosa subjugar o homem.

E assim o diabo fundou sua igreja, machucado a verdadeira natureza do seu ser, tentando ludibriar o homem com seus delírios terrenos, materiais, sensuais etc... Enganando-os fazendo pensar que tudo que é criado é bom.

Enfim a igreja começou a dar certo pois tentos até deu resultados positivos, mas... o diabo estava enganado, a natureza do homem

não é de ser todo mal.

Apesar do pecado original, o homem possui  
compaixão, arrependimento, amor e muito  
sentimento bom.

O Ser humano não pode ser de todo mal.

Em todo ser existe o bem e o mal, depende  
de cada um a escolha. Tudo é uma  
contradição.

Qual a sua escolha?

Participante VII

Capítulo-1Uma ideia maravilhosa

Nesse capítulo conta que o diabo teve uma ideia de fundar sua própria igreja com o intuito de que essa tal igreja seria a melhor de todas. Mas antes, foi até Deus, p/ desafiá-lo e expor sua ideia, sacudiu suas asas e foi em busca de seu objetivo.

PS - Nem tudo nessa vida acontece, ou melhor, é como a gente quer.

Capítulo 2Entre Deus e o Diabo

O diabo encontra-se com Deus p/ a conversa e se depara com um homem que estava sendo preparado p/ a entrada no céu. O diabo retruca a Deus, dizendo que aquele talvez seria o último que chegaria lá, pois ele iria fundar uma igreja, onde todos iriam se maravilhar. Depois da conversa e permissão de Deus, o diabo desceu à terra p/ fazer seu tão esperado projeto.

PS - As vezes não ouvimos conselhos e só mais tarde, quebramos a cara, ou melhor nos deparamos que o erro já foi feito.

### Capítulo 3

#### A Boa nova aos homens.

Nesse capítulo o diabo já espalha-lha p/ os homens da terra, sua intenção e tudo que ela oferece, mostrando que ele não é esse monstro que todos dizem, se fazendo de bonzinho, "que tudo pode", ele con-vence a todos sobre uma doutrina melhor, onde a luxuria, avareza, etc... tudo isso faz parte da nova vida e sem isso não podemos viver.

PS - Não devemos deixar nos levar pelas comersas dos outros, devemos sim, ouvir ~~com~~ conselhos sádios; o que for bom pegamos, o que for ruim descartamos.

### Capítulo 4

#### Franjas e Franjas

Nessa parte do texto, diz que o Diabo descolre e decepçiona com tudo que vê, pois seus fiéis o

abandonaram, que as capas de  
veludo acabavam com franjas de  
algodão.

Que nem sempre o que vemos  
é o que é. ~~→~~

PS - muitas pessoas querem ser  
o que não é - é aquele velho  
cintado - por fora lula viola, por  
dentro pão bolorento.



## Participante IX

4  
 - Dia (ano) 25 de Novembro de 2021

### A igreja do diabo

No conto de Machado de Assis - "A igreja do diabo", o diabo teve a ideia de criar uma igreja, pois queria desafiar a Deus pela sua inveja, sentia a necessidade de ter uma igreja.

A inveja nunca foi e nem será um sentimento bom, é ela que hoje em dia causa desgraças no mundo. Não faz parte da minha vida.

### Entre Deus e o diabo

O diabo vai até Deus e pede permissão para ele, para que possa fundar sua própria igreja e Deus autoriza, então ele desce a terra.

Pela sua inveja o diabo pensa que pode fazer melhor, mas não imagina o quanto o ser humano não é contraditório.

Os reis achamos que estamos fazendo algo certo, mas esquecemos dos empréstimos que a vida nos oferece.

### A boa nova aos homens

O diabo desce a terra e começa sua missão conseguiu o maior número de fiéis a ele, ele mostra que não é o que todos pensam, na verdade ele

9

mostra apenas um lado da moeda e diz que os 7 pecados capitais fazem parte da nossa vida, que não tem como viver sem a luxúria, a gula, a avareza entre outros.

Isso mostra que o diabo fez sua política e vendeu ilusão e as pessoas por serem focas acabam caindo na conversa.

Na nossa vida também não tem muita diferença, achamos que estamos escolhendo um caminho bom, caímos nas más conversações, acreditamos e por ser um caminho mais fácil e rápido, <sup>mas fácil</sup> seguimos por ele.

### Franjas e franjas.

O diabo se desilude com o ser humano e vê que o ser humano, tem dentro de si um pouco de cada coisa ou seja tem o bem e o mal, e já mais será capaz de saber o que quer, pois ninguém é perfeito, existe sim um equilíbrio, mas para ele não serve.

Todos nós, temos dentro de nós o bem e o mal e dentro do que vivemos, ou seja cada interação que passamos nesta vida infelizmente exige de nós um pouco de cada coisa.

Quando é necessário falar não, eu falo, se não posso, se não tenho, se não quero e quando posso falar sim eu falo, sim posso, tenho e quero, ou seja cada situação que eu viver vou precisar ser assim.

ANEXO D - CONTO IDÉIAS DE CANÁRIO Idéias do Canário, de Machado de Assis Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por: NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística <<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

## IDÉIAS DO CANÁRIO

UM HOMEM dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado, — disse ele, — indo por uma rua, sucedeu que um túburi à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se lhe sentia a tristeza austera e desenganada das vidas que foram vidas.

A loja era escura, atulhada das cousas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante.

Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome dragonas, uma bolsa de veludo, dous cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja, mas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras cousas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão. Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta.

Tão velha como o resto, para ter o mesmo aspecto da desolação geral, faltava-lhe estar vazia. Não estava vazia. Dentro pulava um canário. A cor, a animação e a graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade. Era o último passageiro de algum naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes. Logo que olhei para ele, entrou a saltar mais abaixo e acima de poleiro em poleiro, como se quisesse dizer que no meio daquele cemitério brincava um raio de sol. Não atribuo essa imagem ao canário, senão porque falo a gente retórica; em verdade, ele não pensou em cemitério nem sol, segundo me disse depois. Eu, de envolta com o prazer que me trouxe aquela vista, senti-me indignado do destino do pássaro, e murmurei baixinho palavras de azedume.

— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis? Ou que mão indiferente, não querendo guardar esse companheiro de dono defunto, o deu de graça a algum pequeno, que o vendeu para ir jogar uma quiniela? E o canário, quedando-se em cima do poleiro, trilou isto:

— Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...

— Como — interrompi eu, sem ter tempo de ficar espantado. Então o teu dono não te vendeu a esta casa? Não foi a miséria ou a ociosidade que te

trouxe a este cemitério, como um raio de sol?

— Não sei que seja sol nem cemitério. Se os canários que tens visto usam do primeiro desses nomes, tanto melhor, porque é bonito, mas estou que confundes.

— Perdão, mas tu não vieste para aqui à toa, sem ninguém, salvo se o teu dono foi sempre aquele homem que ali está sentado. — Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo.

Pasmado das respostas, não sabia que mais admirar, se a linguagem, se as idéias. A linguagem, posto me entrasse pelo ouvido como de gente, saía do bicho em trilos engraçados. Olhei em volta de mim, para verificar se estava acordado; a rua era a mesma, a loja era a mesma loja escura, triste e úmida. O canário, movendo a um lado e outro, esperava que eu lhe falasse. Pergunteilhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito.

— Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

— Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que cousa é o mundo?

— O mundo, redargüiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira.

Nisto acordou o velho, e veio a mim arrastando os pés. Perguntou-me se queria comprar o canário. Indaguei se o adquirira, como o resto dos objetos que vendia, e soube que sim, que o comprara a um barbeiro, acompanhado de uma coleção de navalhas.

— As navalhas estão em muito bom uso, concluiu ele. — Quero só o canário.

Paguei-lhe o preço, mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco, e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do céu azul. Era meu intuito fazer um longo estudo do fenômeno, sem dizer nada a

ninguém, até poder assombrar o século com a minha extraordinária descoberta. Comecei por alfabetar a língua do canário, por estudar-lhe a estrutura, as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, as suas idéias e reminiscências. Feita essa análise filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc. Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando.

Não tendo mais família que dous criados, ordenava-lhes que não me interrompessem, ainda por motivo de alguma carta ou telegrama urgente, ou visita de importância. Sabendo ambos das minhas ocupações científicas, acharam natural a ordem, e não suspeitaram que o canário e eu nos entendíamos. Não é mister dizer que dormia pouco, acordava duas e três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre. Afinal tornava ao trabalho, para reler, acrescentar, emendar.

Retifiquei mais de uma observação, — ou por havê-la entendido mal, ou porque ele não a tivesse expresso claramente. A definição do mundo foi uma delas. Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

— O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

Também a linguagem sofreu algumas retificações, e certas conclusões, que me tinham parecido simples, vi que eram temerárias. Não podia ainda escrever a memória que havia de mandar ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e às universidades alemãs, não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las. Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes. Todo eu era canário. De manhã, um dos criados tinha a seu cargo limpar a gaiola e por-lhe água e comida. O passarinho não lhe dizia nada, como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico. Também o

serviço era o mais sumário do mundo; o criado não era amador de pássaros. Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo. Assim fiquei cinco dias; no sexto levantei-me, e só então soube que o canário, estando o criado a tratar dele, fugira da gaiola. O meu primeiro gesto foi para esganar o criado; a indignação sufocou-me, caí na cadeira, sem voz, tonto. O culpado defendeu-se, jurou que tivera cuidado, o passarinho é que fugira por astuto.

— Mas não o procuraram?

— Procuramos, sim, senhor; a princípio trepou ao telhado, trepei também, ele fugiu, foi para uma árvore, depois escondeu-se não sei onde. Tenho indagado desde ontem, perguntei aos vizinhos, aos chacareiros, ninguém sabe nada.

Padeci muito; felizmente, a fadiga estava passada, e com algumas horas pude sair à varanda e ao jardim. Nem sombra de canário. Indaguei, corri, anunciei, e nada. Tinha já recolhido as notas para compor a memória, ainda que truncada e incompleta, quando me sucedeu visitar um amigo, que ocupa uma das mais belas e grandes chácaras dos arrabaldes. Passeávamos nela antes de jantar, quando ouvi trilar esta pergunta:

— Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doudo; mas que me importavam cuidados de amigos? Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular.

— Que jardim? que repuxo?

— O mundo, meu querido.

— Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima. Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior.

— De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo

lojas de belchior?



## ANEXO E - A AGULHA E A LINHA

*Travessias*

MACHADO DE ASSIS



*A cartomante  
e outros contos*

Orientação pedagógica e notas de leitura: Douglas Tufano

Capa: aquarela de Rogério Borges

**≡ III Moderna**

## Um Apólogo<sup>1</sup>

**E**ra uma vez uma agulha que disse a um novelo de linha:  
— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável! Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Essa agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Fui é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você, imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisso, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isso se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana<sup>2</sup> — para dar a isso uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que essa distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

<sup>1</sup> *Apólogo*: tipo de narrativa cujos personagens são, geralmente, animais ou coisas inanimadas, e que encerra uma mensagem de fundo moral.

<sup>2</sup> *Galgos de Diana*: Diana era a deusa da caça na mitologia romana e andava sempre acompanhada de seus cães fiéis, ágeis e velozes.

60

MACHADO DE ASSIS

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestin-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. Enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei essa história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

## ANEXO F - A IGREJA DO DIABO

## A IGREJA DO DIABO

### CAPÍTULO 1

#### DE UMA IDÉIA MIRÍFICA<sup>1</sup>

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja — concluiu ele. — Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão<sup>2</sup>. E, depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé<sup>3</sup>, nem Lutero<sup>4</sup>. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isso, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: “Vamos, é tempo.” E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

### CAPÍTULO 2

#### ENTRE DEUS E O DIABO

Deus recolheu um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrimaldavam o recém-chegado detiveram-no logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

<sup>1</sup> *Mirífica*: maravilhosa, excelente.

<sup>2</sup> *Abraão*: patriarca hebreu, uma das grandes figuras da Bíblia. É considerado o antepassado dos israelitas e dos árabes.

<sup>3</sup> *Maomé*: profeta e fundador do Islão (570-632). Suas pregações e as leis que deu a seus adeptos estão reunidas no Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

<sup>4</sup> *Lutero*: Martinho Lutero (1483-1546), teólogo e reformador alemão que se opôs à Igreja católica, dando origem à Igreja luterana.

— Que me queres tu? — perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto<sup>1</sup> — respondeu o Diabo rindo —, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? — perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Fístou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E, então, vim dizer-vos isso, com lealdade, para que não me acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la — advertiu o Senhor.

— Tendes razão — acudiu o Diabo —, mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que nesse caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja?

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje da memória, qualquer coisa que, nesse breve instante da eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las tocas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! — murmurou o Senhor.

— Ohai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas<sup>2</sup> da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor (a indiferença, ao menos) com que esse cavalleiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha. Ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que esse

<sup>1</sup> *Fausto*: personagem principal da obra *Fausto*, do escritor alemão Goethe (1749-1832). Fausto é um homem que vende a alma ao demônio Mefistófeles em troca de todos os bens terrestres.

<sup>2</sup> *Anquinhas*: armação que as mulheres usavam sob a saia.

juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisso os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie — replicou-lhe o Senhor. — Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto, e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha, todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debaíam já com a morte; deu-lhe a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia<sup>2</sup> pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! — exclamou o Senhor. — Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas e, como um raio, caiu na terra.

### CAPÍTULO 3

#### A BOA NOVA AOS HOMENS

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

<sup>1</sup> *Miguel e Gabriel*: arcanjos. Isto é, anjos da ordem superior, segundo o cristianismo.

<sup>2</sup> *Misantropia*: aversão à vida social. O misantropo é alguém que não gosta de companhia, que é insociável.

— Sim, sou o Diabo — repelia ele —; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos direi tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espartar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Chamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas e, assim, também a avarca, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero<sup>1</sup>; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais<sup>2</sup>, e muitos bons versos do *Hisopo*<sup>3</sup>, virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Lucule<sup>4</sup>, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força, e concluía:

<sup>1</sup> *Homero*: poeta épico grego considerado autor da *Ilíada* e da *Odisséia* e cuja existência é motivo de polémica desde a Antiguidade. Aquiles, filho de Tétis e Peleu, é a principal figura da *Ilíada* e o mais célebre dos heróis de Homero.

<sup>2</sup> *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), escritor francês do Renascimento, autor de *Vida incostimável do grande Gargantua, pai de Pantagruel* e *Os hurrivols e espantosos feitos e proezas do mui famoso Pantagruel*. Pantagruel representa uma espécie de filósofo satírico e folgazão, e, como o pai, é dominado por um apetite insaciável.

<sup>3</sup> *Hisopo*: nome do poema heróico-cômico de intenções anticlericais escrito por Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799).

<sup>4</sup> *Luculo*: general romano (106-57 a.C.), famoso por suas campanhas militares e por sua vida surtuosa.

muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuista do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no obscuro e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando, assim, o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis e um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era esse e sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava essa frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Esse apólogo foi incluído no livro da sabedoria.



## ANEXO G - JORNAL CULTURAL DO CRF DE RIO CLARO

Boletim informativo do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro-SP

Março de 2011  
2ª Edição - Ano II - Distribuição Gratuita

**RECREATIVO**

CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO FEMININO  
RIO CLARO - SP

**POR UM MUNDO MELHOR E UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA**

*"Deus nos fez perfeitos e não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Fazer ou não fazer algo só depende da nossa vontade".  
Albert Einstein  
- página 02*

*Equipe Técnica - página 02*

**FUXICREIRAS**  
CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO FEMININO  
OFICINA DE ARTESANATOS

Projetos psicossociais - página 04

*Pró-egresso - I turma - Assistente Contábil  
- página 05*

*Projeto Poemas e Poesias - Página 06*

*"Sabe-se que todos somos frutos de uma cultura, de uma ideologia social que julga as pessoas não pelo que elas são, mas, como são e quanto tem. As chamadas minorias sociais são consideradas marginais, como se nunca tivessem contribuído para reconstrução da história cultural, social e política do nosso país. Milhares de profissionais são dispensados por aparência, sem sequer terem o direito de demonstrar sua competência e suas habilidades. Esses atos de preconceito e discriminação que são impostos".*

apoio:  **FACULDADES CLARETIANAS**  
RIO CLARO

 **NOVA**  
GRÁFICA E EDITORA

 **ALMANAQUE**  
PREPARANDO



## APÊNDICES

## Questionário para análise

## Perfil do leitor

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. Nome (Não obrigatório) \_\_\_\_\_

2. Faixa etária:

( ) 18 – 24 anos e 364 dias;

(X) 25 – 29 anos e 364 dias;

( ) 50 – 59 anos e 364 dias;

( ) 60 anos ou mais;

3. Qual seu estado civil

(X) Solteira;

( ) Tem companheiro (a);

( ) Viúva;

( ) Separada;

( ) Divorciada;

4. Têm filhos?

(X) Sim ( ) Não

Em caso afirmativo quantos? 4

**5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

Tráfico

**6. Qual o seu tempo de prisão?**

- ( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;  
( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos e  
11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

**7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

- ( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;  
( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos  
e 11 meses e 29 dias; ( ) De 03 anos para mais;

**8. Recebe visitas regulares?**

- ( ) Sim  Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_.

**9. Qual a sua escolaridade?**

- ( ) Analfabeta;  Ensino Fundamental Incompleto;  
( ) Ensino Fundamental Completo; ( ) Ensino Médio Incompleto;  
( ) Ensino Médio Completo; ( ) Ensino Superior Incompleto;  
( ) Ensino Superior Completo;

**10. Você estuda**

- Sim ( ) Não

**11. Você tem costume de ler?**

Sim      ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para leitura; ( ) Tem preguiça.

**12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou?** um livro esperta e um romance**13. Assiste novelas?**

Sim      ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

( ) Drama;  Época;  Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_

2

**Questionário para análise**

**Perfil do leitor**

Público a ser aplicado: Reeduandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. **Nome (Não obrigatório)** \_\_\_\_\_

2. **Faixa etária:**

- 18 – 24 anos e 364 dias;  
 25 – 29 anos e 364 dias;  
 50 – 59 anos e 364 dias;  
 60 anos ou mais;

3. **Qual seu estado civil**

- Solteira;  
 Tem companheiro (a);  
 Viúva;  
 Separada;  
 Divorciada;

4. **Têm filhos?**

- Sim     Não

Em caso afirmativo quantos? 3 Filhos

**5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

Trafico de drogas e Associação ART=33 e 35

**6. Qual o seu tempo de prisão?**

- até 3 meses;     03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;     01 ano até 2 anos e  
11 meses e 29 dias;     De 03 anos para mais;

**7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

- até 3 meses;     03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;     01 ano até 2 anos  
e 11 meses e 29 dias;     De 03 anos para mais;

**8. Recebe visitas regulares?**

- Sim     Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_

**9. Qual a sua escolaridade?**

- Analfabeta;     Ensino Fundamental Incompleto;  
 Ensino Fundamental Completo;     Ensino Médio Incompleto;  
 Ensino Médio Completo;     Ensino Superior Incompleto;  
 Ensino Superior Completo;

**10. Você estuda**

- Sim     Não

11. Você tem costume de ler?

Sim      ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista; ( ) Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;

Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para leitura; ( ) Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou? A Bíblia e livro de ATO-13 de

13. Assiste novelas?

Sim      ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

( ) Drama;  Época; ( ) Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_



*Desejo muito participar* (3)

### Questionário para análise

#### Perfil do leitor

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. Nome (Não obrigatório) \_\_\_\_\_

2. Faixa etária:

( ) 18 – 24 anos e 364 dias;

( ) 25 – 29 anos e 364 dias;

() 30 49 50 – 59 anos e 364 dias;

( ) 60 anos ou mais;

3. Qual seu estado civil

() Solteira;

( ) Tem companheiro (a);

( ) Viúva;

( ) Separada;

( ) Divorciada;

4. Têm filhos?

() Sim ( ) Não

Em caso afirmativo quantos? 30

5. **Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

33 + 35

6. **Qual o seu tempo de prisão?**

até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;

06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos e

11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

7. **Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;

06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos

e 11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

8. **Recebe visitas regulares?**

Sim  Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_

9. **Qual a sua escolaridade?**

Analfabeta;  Ensino Fundamental Incompleto;

Ensino Fundamental Completo;  Ensino Médio Incompleto;

Ensino Médio Completo;  Ensino Superior Incompleto;

Ensino Superior Completo;

10. **Você estuda**

Sim  Não

11. Você tem costume de ler?

Sim ( ) Não

Caso afirmativo o que lê?

( ) Revista; ( ) Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;  
( ) Bíblia;

Em caso negativo o porquê não lê?

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para  
leitura; ( ) Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais  
gostou? Joca deu a palavra, Tembores de

Angola

13. Assiste novelas?

Sim ( ) Não

Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?

( ) Drama; ( ) Época; ( ) Comédia;

( ) Outras – qual? Suspense

*tem interesse*

(4)

### Questionário para análise

#### Perfil do leitor

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. Nome (Não obrigatório) \_\_\_\_\_

2. Faixa etária:

- 18 – 24 anos e 364 dias;  
 25 – 29 anos e 364 dias;  
 50 – 59 anos e 364 dias;  
 60 anos ou mais;

3. Qual seu estado civil

- Solteira;  
 Tem companheiro (a);  
 Viúva;  
 Separada;  
 Divorciada;

4. Têm filhos?

- Sim       Não

Em caso afirmativo quantos? 3

5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)

Trafico artigo 33

6. Qual o seu tempo de prisão?

- até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos e  
11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?

- até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos  
e 11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

8. Recebe visitas regulares?

- Sim  Não

Em caso afirmativo de quem? mãe, irmãs e filhos

9. Qual a sua escolaridade?

- Analfabeta;  Ensino Fundamental Incompleto;  
 Ensino Fundamental Completo;  Ensino Médio Incompleto;  
 Ensino Médio Completo;  Ensino Superior Incompleto;  
 Ensino Superior Completo;

10. Você estuda

- Sim  Não

11. Você tem costume de ler?

Sim       Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro;  Culinária/Artesanato;

Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

Não gosta;  Falta de costume;  Não tem material para leitura;  Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou? Um romance mudança de Planos  
O Livro bíblico de Jó

13. Assiste novelas?

Sim       Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

Drama;  Época;  Comédia;

Outras – qual? \_\_\_\_\_



**5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

\_\_\_\_\_

**6. Qual o seu tempo de prisão?**

- até 3 meses;     03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;     01 ano até 2 anos e  
11 meses e 29 dias;     De 03 anos para mais;

**7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

- até 3 meses;     03 até 5 meses e 29 dias;  
 06 meses até 9 meses e 29 dias;     01 ano até 2 anos  
e 11 meses e 29 dias;     De 03 anos para mais;

**8. Recebe visitas regulares?**

- Sim     Não

Em caso afirmativo de quem? mãe

**9. Qual a sua escolaridade?**

- Analfabeta;     Ensino Fundamental Incompleto;  
 Ensino Fundamental Completo;     Ensino Médio Incompleto;  
 Ensino Médio Completo;     Ensino Superior Incompleto;  
 Ensino Superior Completo;

**10. Você estuda**

- Sim     Não



**11. Você tem costume de ler?**

Sim      ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para  
leitura; ( ) Tem preguiça.

**12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou? Livro e a Bíblia****13. Assiste novelas?**

Sim      ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

( ) Drama;  Época; ( ) Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_

*Tem interesse**(6)***Questionário para análise****Perfil do leitor**

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. Nome (Não obrigatório)

*C. ...*

2. Faixa etária:

- 18 – 24 anos e 364 dias;  
 25 – 29 anos e 364 dias;  
 50 – 59 anos e 364 dias;  
 60 anos ou mais;

3. Qual seu estado civil

- Solteira;  
 Tem companheiro (a);  
 Viúva;  
 Separada;  
 Divorciada;

4. Têm filhos?

- Sim  Não

Em caso afirmativo quantos? \_\_\_\_\_

5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)

Interação Telefônica

6. Qual o seu tempo de prisão?

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos e

11 meses e 29 dias; ( ) De 03 anos para mais;

7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos

e 11 meses e 29 dias; ( ) De 03 anos para mais;

*não sei, não sou sentenciada*

8. Recebe visitas regulares?

Sim ( ) Não

Em caso afirmativo de quem? Mãe, pai, irmãs

9. Qual a sua escolaridade?

( ) Analfabeta; ( ) Ensino Fundamental Incompleto;

( ) Ensino Fundamental Completo; ( ) Ensino Médio Incompleto;

Ensino Médio Completo; ( ) Ensino Superior Incompleto;

( ) Ensino Superior Completo;

10. Você estuda

( ) Sim  Não

11. Você tem costume de ler?

Sim ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para leitura; ( ) Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou? Amé o que é seu (Romance).

13. Assiste novelas?

Sim ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

( ) Drama; ( ) Época;  Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_

*há em posse*



### Questionário para análise

#### Perfil do leitor

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. Nome (Não obrigatório) Rebêccia m. Scarante

2. Faixa etária:

- ( ) 18 – 24 anos e 364 dias; *OBS. idade = 33 anos.*  
 ( ) 25 – 29 anos e 364 dias;  
 ( ) 50 – 59 anos e 364 dias;  
 ( ) 60 anos ou mais;

3. Qual seu estado civil

- ( ) Solteira;  
 (x) Tem companheiro (a);  
 ( ) Viúva;  
 ( ) Separada;  
 ( ) Divorciada;

4. Têm filhos?

- ( ) Sim (x) Não

Em caso afirmativo quantos? 1

5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)

Requistro

6. Qual o seu tempo de prisão?

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos e

11 meses e 29 dias; (x) De 03 anos para mais;

7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos

e 11 meses e 29 dias; (x) De 03 anos para mais;

8. Recebe visitas regulares?

( ) Sim (x) Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_

9. Qual a sua escolaridade?

( ) Analfabeta; ( ) Ensino Fundamental Incompleto;

( ) Ensino Fundamental Completo; ( ) Ensino Médio Incompleto;

(x) Ensino Médio Completo; ( ) Ensino Superior Incompleto;

( ) Ensino Superior Completo;

10. Você estuda

( ) Sim (x) Não

**11. Você tem costume de ler?**

Sim     Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro;  Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

Não gosta;  Falta de costume;  Não tem material para leitura;  Tem preguiça.

**12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou?**

Somente livros espóritos que eu gostei e Revista "seleções".

**13. Assiste novelas?**

Sim     Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

Drama;  Época;  Comédia;

Outras – qual? todos os tipos





5. **Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

\_\_\_\_\_

6. **Qual o seu tempo de prisão?**

- ( ) até 3 meses;     03 até 5 meses e 29 dias;  
( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias;    ( ) 01 ano até 2 anos e  
11 meses e 29 dias;    ( ) De 03 anos para mais;

7. **Quanto tempo ainda resta para cumprir?** *sem prorrogação*

- ( ) até 3 meses;    ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;  
( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias;    ( ) 01 ano até 2 anos  
e 11 meses e 29 dias;    ( ) De 03 anos para mais;

8. **Recebe visitas regulares?**

- ( ) Sim     Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_

9. **Qual a sua escolaridade?**

- ( ) Analfabeta;    ( ) Ensino Fundamental Incompleto;  
( ) Ensino Fundamental Completo;     Ensino Médio Incompleto;  
( ) Ensino Médio Completo;    ( ) Ensino Superior Incompleto;  
( ) Ensino Superior Completo;

10. **Você estuda**

- ( ) Sim     Não

11. Você tem costume de ler?

Sim    ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

( ) Revista;  Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;

Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para leitura; ( ) Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais gostou? Bíblia e o livro "Na margem do rio

Pedra sentei e chorei"; de Paulo Coelho.

13. Assiste novelas?

Sim    ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

Drama; ( ) Época;  Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_

10

**Questionário para análise**

**Perfil do leitor**

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

1. **Nome (Não obrigatório)** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. **Faixa etária:**

- ( ) 18 – 24 anos e 364 dias;  
( ) 25 – 29 anos e 364 dias; *Ex 40 anos*  
( ) 50 – 59 anos e 364 dias;  
( ) 60 anos ou mais;

3. **Qual seu estado civil**

- Solteira;  
( ) Tem companheiro (a);  
( ) Viúva;  
( ) Separada;  
( ) Divorciada;

4. **Têm filhos?**

- ( ) Sim     Não

Em caso afirmativo quantos? \_\_\_\_\_

**5. Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

agressão

**6. Qual o seu tempo de prisão?**

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos e

11 meses e 29 dias; ( ) De 03 anos para mais;

**7. Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

( ) até 3 meses; ( ) 03 até 5 meses e 29 dias;

( ) 06 meses até 9 meses e 29 dias; ( ) 01 ano até 2 anos

e 11 meses e 29 dias; ( ) De 03 anos para mais;

nada

**8. Recebe visitas regulares?**

( ) Sim  Não

Em caso afirmativo de quem? \_\_\_\_\_

**9. Qual a sua escolaridade?**

( ) Analfabeta; ( ) Ensino Fundamental Incompleto;

( ) Ensino Fundamental Completo; ( ) Ensino Médio Incompleto;

( ) Ensino Médio Completo;  Ensino Superior Incompleto;

( ) Ensino Superior Completo;

**10. Você estuda**

( ) Sim  Não

11. Você tem costume de ler?

Sim    ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro; ( ) Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para  
 leitura; ( ) Tem preguiça.

12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais

gostou? Oratório de Popon Grey / o Coração  
Incidente em Antares etc...

13. Assiste novelas?

Sim    ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

Drama;  Época;  Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_

*fem interesse*

*9*

### Questionário para análise

#### Perfil do leitor

Público a ser aplicado: Reeducandas do Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro.

Universo de 120 mulheres

O anonimato será garantido.

**1. Nome (Não obrigatório)** \_\_\_\_\_

*Rebecca*

**2. Faixa etária:**

( ) 18 – 24 anos e 364 dias;

25 – 29 anos e 364 dias;

( ) 50 – 59 anos e 364 dias;

( ) 60 anos ou mais;

**3. Qual seu estado civil**

( ) Solteira;

Tem companheiro (a);

( ) Viúva;

( ) Separada;

( ) Divorciada;

**4. Têm filhos?**

( ) Sim  Não

Em caso afirmativo quantos? \_\_\_\_\_

5. **Motivo de sua prisão? (não obrigatório/facultativo)**

Associação ao tráfico

6. **Qual o seu tempo de prisão?**

até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;

06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos e

11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

7. **Quanto tempo ainda resta para cumprir?**

até 3 meses;  03 até 5 meses e 29 dias;

06 meses até 9 meses e 29 dias;  01 ano até 2 anos

e 11 meses e 29 dias;  De 03 anos para mais;

8. **Recebe visitas regulares?**

Sim  Não

Em caso afirmativo de quem? Mãe e familiares

9. **Qual a sua escolaridade?**

Analfabeta;  Ensino Fundamental Incompleto;

Ensino Fundamental Completo;  Ensino Médio Incompleto;

Ensino Médio Completo;  Ensino Superior Incompleto;

Ensino Superior Completo;

10. **Você estuda**

Sim  Não

**11. Você tem costume de ler?**

Sim    ( ) Não

**Caso afirmativo o que lê?**

Revista;  Jornal;  Livro;  Culinária/Artesanato;  
 Bíblia;

**Em caso negativo o porquê não lê?**

( ) Não gosta; ( ) Falta de costume; ( ) Não tem material para leitura; ( ) Tem preguiça.

**12. De tudo que você já leu cite duas coisas que mais**

**gostou?** A cor da ternura e Essafandis e a Borboleta

**13. Assiste novelas?**

Sim    ( ) Não

**Em caso afirmativo qual o gênero que mais gosta?**

Drama; ( ) Época;  Comédia;

( ) Outras – qual? \_\_\_\_\_